UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

FACULDADE DE LETRAS

VIVIANE DOS RAMOS SOARES

A NEGAÇÃO NO CONTATO ENTRE DIALETOS

Rio de Janeiro – RJ

2009

Livros Grátis

http://www.livrosgratis.com.br

Milhares de livros grátis para download.

A NEGAÇÃO NO CONTATO ENTRE DIALETOS

VIVIANE DOS RAMOS SOARES

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como quesito para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Professora Doutora Maria Cecilia de Magalhães Mollica

Rio de Janeiro

Fevereiro de 2009

A NEGAÇÃO NO CONTATO ENTRE DIALETOS

VIVIANE DOS RAMOS SOARES

Orientadora: Professora Doutora Maria Cecilia de Magalhães Mollica

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Examinada por:

_____
Presidente, Professora Doutora Maria Cecilia de Magalhães Mollica

_____
Professora Doutora Marisa Beatriz Bezerra Leal – UFRJ

_____
Professor Doutor Mário Eduardo Toscano Martelotta - UFRJ

_____
Professora Doutora Maria Cristina Guimarães Góes Monteiro - PUC-RIO, Suplente

_____
Professora Doutora Christina Abreu Gomes - UFRJ, Suplente

Rio de Janeiro
Fevereiro de 2009

*Aos meus pais **Odete** e **Marinho***
*e à minha irmã **Elaine** que, com amor, paciência e dedicação,*
me ampararam durante minha trajetória acadêmica.

A G R A D E C I M E N T O S

À professora Maria Cecilia de Magalhães Mollica que tem me orientado com a mesma atenção desde a iniciação científica (CNPQ-IC) iniciada em 2003 até o presente momento.

À CAPES por financiar esta pesquisa.

À professora Nelize Pires de Omena que me apresentou ao universo científico e possibilitou meus primeiros passos na ciência Linguística.

Ao professor Humberto Peixoto Menezes que me mostrou a importância do gerativismo.

À professora Filomena de Oliveira Azevedo Varejão que tornou a minha paixão pela sintaxe ainda maior ao demonstrar a possibilidade de aliar os postulados advindos das teorias linguísticas à prática em sala de aula.

Às professoras Cláudia Nívea Roncarati de Souza, Maria da Conceição Paiva, Maria Luiza Braga e Vera Lúcia Paredes Pereira da Silva pelos conhecimentos co-construídos.

À professora Marisa Beatriz Bezerra Leal pelo contínuo interesse em ajudar no desenvolvimento deste trabalho.

Aos meus pais Odete dos Ramos Soares e Marinho dos Santos Soares que me ensinaram o significado de palavras como amor, amizade, respeito, solidariedade, união etc.

À minha irmã Elaine dos Ramos Soares a quem eu devo um pedido de desculpas pela ausência de companheirismo durante esses dois anos.

Ao meu futuro marido André Luiz Gomes de Souza Amaro com quem venho dividindo meus sonhos e minhas inquietações acadêmicas, desde a época do Ensino Médio, pela cumplicidade e compreensão sem limites.

À minha avó Deolinda Augusta da Silva Reis pelas lições de vida.

Às minhas amigas Andressa Ferreira Gomes, Iara Ermínia Madeira da Silva e Mariana de Souza Martins pelos sorrisos e pelas lágrimas compartilhadas.

Ao amigo José Rogério da Cruz que possibilitou meu contato com as pessoas entrevistadas para a constituição do *corpus* desta pesquisa.

Aos entrevistados e aos seus familiares que sempre me receberam de braços abertos em suas casas, pela participação desinteressada e pelo crédito concedido aos propósitos desta pesquisa.

À Deus, pela vida, por estar sempre ao meu lado e por colocar pessoas iluminadas em meu caminho que, além de acreditar em meus sonhos, estão sempre prontas para me ajudar a concretizá-los. Agradeço-lhe o amor e a existência de todos aqueles que, direta e indiretamente, contribuíram para a realização desta pesquisa.

O R A Ç Ã O D O E D U C A D O R

Senhor, diante de vós, com meus alunos,
tomo consciência de minha responsabilidade
e de minhas limitações como educador
e com eles, procuro a resposta.

Sei que esta resposta só será verdadeira
se for abertura e serviço.

Sei que vivo num mundo complexo,
apressado, poluído, egoísta...

Por isso, quero ser simples, calmo, aberto.
Senhor, no diálogo constante
e amoroso com meus alunos,
procuro a libertação do meu egoísmo
para me comunicar, para valorizar
os que são motivo de minha vocação.

Senhor, para uma melhor integração
dos homens entre si e convosco,
quero fazer da ciência um diálogo;
da minha aula, um lar;
dos meus alunos amigos;
de minha vida um dom.

Trago nos olhos e no coração
o nome, a família, o mundo de cada um.

Senhor, como agente da história que sou,
de mim dependerá deixar
o mundo um pouco melhor,
de mim dependerá a participação
de meuá alunos na construção do paraíso,
que começa aqui, agora e sempre. Amém.

Joaquim Sfredo

RESUMO

SOARES, Viviane dos Ramos. A negação no contato entre dialetos. Dissertação (Mestrado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009. 153f.

Esta dissertação investiga a estrutura de sentenças negativas no Português Brasileiro (PB), a partir do contato dialetal entre cariocas e cearenses, com foco sobre aquelas em que a partícula *não* aparece anterior ao verbo [não V], anterior e posterior ao verbo [não V não] ou somente posterior ao verbo [V não]. Com base na Teoria da Acomodação Dialetal (TRUDGILL, 1986), na Teoria da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972) e na Teoria de Redes Sociais (MILROY, 1980), o objetivo desta pesquisa é o de verificar como as escolhas linguísticas e extralinguísticas dos migrantes influenciam o processo de acomodação. A análise é baseada no levantamento e na descrição dos usos das negativas, realizado de acordo com a metodologia de quantificação da Sociolinguística Variacionista. As conclusões a que chegamos são favoráveis às nossas expectativas de que há contextos linguísticos que podem aumentar ou diminuir a frequência da acomodação. A análise sob a perspectiva de redes sociais aos quais os indivíduos estão ligados também contribui para a descrição dos aspectos estruturais observados na análise de cunho quantitativo.

Palavras-chave: Negação Sentencial, Português Brasileiro, Sociolinguística, Contato Dialetal e Acomodação.

ABSTRACT

SOARES, Viviane dos Ramos. A negação no contato entre dialetos. Dissertação (Mestrado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009. 153f.

This dissertation investigates the negative sentence structure in Brazilian Portuguese (BP) from a dialect contact between cariocas and cearenses perspective. It focused on sentences in which the particle *não* appears before the verb [não V], before and after the verb [não V não] or only after the verb [V não]. Based on the Accommodation Theory (TRUDGILL, 1986), on the Variacionist Sociolinguistic Theory (LABOV, 1972) and on the Social Networks Theory (MILROY, 1980), the aim of this research is to verify how migrants linguistics and extra-linguistics choices influence the accommodation process. The analysis is based on a survey and description of the use of the negative marker, which was done according to the data quantification methodology from the Variacionist Sociolinguistic. Our conclusions are agreeable with the expectations, in the sense that there are linguistic contexts that can increase or decrease the accommodation frequency. The analysis of people's social networks also contributes to the structural aspects description observed during the quantitative analysis.

Kew-words: Sentential Negation, Brazilian Portuguese, Sociolinguistics, Dialect Contact, Accommodation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO..... 13

1. META, QUESTÕES E HIPÓTESES..... 18

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA..... 23

2.1 Paradigmas utilizados..... 23

2.2 Estudos sobre as formas variantes em análise..... 34

3. METODOLOGIA..... 51

4. APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS..... 83

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 100

6. REFERÊNCIAS..... 104

ANEXOS

1. *CORPUS*..... 115

1.1 Amostra de Fala do Dialeto Cearense-001..... 115

1.2 Amostra de Fala do Dialeto Cearense-002..... 119

1.3 Amostra de Fala do Dialeto Cearense-003..... 127

1.4 Amostra de Fala do Dialeto Cearense-004..... 134

2. ROTEIRO DE ENTREVISTAS..... 150

3. DADOS OBTIDOS EM SENTENÇAS AFIRMATIVAS..... 152

LISTA DE ESQUEMAS, FIGURAS, QUADROS, GRÁFICOS E TABELAS

Esquema 1: Redes sociais com alta densidade e multiplexidade..... 32

Esquema 2: Redes sociais com baixa densidade e multiplexidade..... 32

Figura 1: A ilha de Martha's Vineyard..... 25

Figura 2: Representação da densidade das redes..... 29

Figura 3: Representação da multiplexidade das redes..... 30

Figura 4: Estrutura de uma rede social com alta densidade, exibindo primeira e segunda ordens. X é o foco da rede..... 59

Figura 5: Rede social do foco A..... 59

Quadro 1: Propriedades formais das sentenças encaixadas/subordinadas..... 74

Quadro 2: Resumo da atuação dos contextos favorecedores das três variantes de negação em relação às variáveis *traço propulsor*, *tipo de sujeito* e *tipo de complemento verbal*..... 90

Gráfico 1: Total de dados no *corpus* investigado..... 83

Tabela 1: Distribuição das variantes negativas no dialeto cearense..... 36

Tabela 2: Efeito da variável *tipo de oração* sobre a escolha de [V não] em relação a [não V] e [não V não]..... 36

Tabela 3: Efeito da variável *tipo de sujeito* sobre a escolha de [V não] em relação a [não V] e [não V não]..... 38

Tabela 4: Efeito da variável *tipo de sujeito* sobre a escolha de [não V não] em relação a [não V]..... 38

Tabela 5: Efeito da variável *tipo de constituinte verbal* sobre a escolha de [V não] em relação a [não V] e [não V não]..... 39

Tabela 6: Efeito da variável *tipo de constituinte verbal* sobre a escolha de [não V não] em relação a [não V]..... 39

Tabela 7: Efeito da variável *sexo* sobre a escolha de [V não] em relação a [não V] e [não V não]..... 39

Tabela 8: Efeito da variável *sexo* sobre a escolha de [não V não] em relação a [não V]..... 40

Tabela 9: Efeito da variável *idade* sobre a escolha de [V não] em relação a [não V] e [não V não]..... 40

Tabela 10: Efeito da variável *idade* sobre a escolha de [não V não] em relação a [não V]..... 40

Tabela 11: Efeito da variável *escolaridade* sobre a escolha de [V não] em relação a [não V] e [não V não]..... 41

Tabela 12: Efeito da variável *escolaridade* sobre a escolha de [não V não] em relação a [não V]..... 41

Tabela 13: Distribuição das variantes negativas no dialeto carioca, no *corpus* D&G..... 42

Tabela 14: Distribuição das variantes negativas no dialeto carioca, nos *corpora* PEUL e BDI..... 43

Tabela 15: Distribuição das variantes negativas no dialeto cearense, no *corpus* de Fortaleza..... 43

Tabela 16: A dupla negação segundo a variável *tipo de oração*..... 45

Tabela 17: A dupla negação segundo a variável *tipo de frase*..... 46

Tabela 18: Relevância do *tipo de complemento pós-verbal* para a dupla negação..... 46

Tabela 19: Atuação dos fatores linguísticos com relação à negativa [não V]..... 48

Tabela 20: Atuação dos fatores linguísticos com relação à negativa [não V não]..... 48

Tabela 21: Atuação dos fatores linguísticos com relação à negativa [V não]..... 48

Tabela 22: Perfis sociais dos informantes consultados..... 60

Tabela 23: Grau de convívio e tempo de contato com cariocas..... 61

Tabela 24: Variáveis dependentes em estudo..... 63

Tabela 25: Variáveis independentes em estudo..... 63

Tabela 26: Frequência da acomodação por falante..... 84

Tabela 27: Produção das negativas [não V], [não V não] e [V não] na fala de cada membro da rede..... 84

Tabela 28: Efeito da variável *tipo de sujeito* sobre as negativas [não V], [não V não] e [V não]..... 85

Tabela 29: Efeito da variável *tipo de complemento verbal* sobre as negativas [não V], [não V não] e [V não]..... 87

Tabela 30: Efeito da variável *traço propulsor* sobre as negativas [não V], [não V não] e [V não]..... 88

Tabela 31: Resultados do cruzamento entre as variáveis *traço propulsor* e *tipo de sujeito*... 89

Tabela 32: Resultados do cruzamento entre as variáveis *traço propulsor* e *tipo de complemento verbal*..... 89

Tabela 33: Efeito da variável *tipo de oração* sobre as negativas [não V], [não V não] e [V não]..... 90

Tabela 34: Efeito da variável *realização fonética do "Não" pré-verbal* sobre as negativas [não V], [não V não] e [V não]..... 91

Tabela 35: Efeito da variável *gênero* sobre as negativas [não V], [não V não] e [V não]..... 92

Tabela 36: Efeito da variável *gênero* sobre as negativas [não V], [não V não] e [V não] entre os falantes migrados..... 93

Tabela 37: Efeito da variável *escolaridade* sobre as negativas [não V], [não V não] e [V não]..... 93

Tabela 38: Efeito da variável *idade com que saiu do Ceará* sobre as negativas [não V], [não V não] e [V não]..... 94

Tabela 39: Efeito da variável *grau de convívio com cariocas* sobre as negativas [não V], [não V não] e [V não]..... 95

LISTA DAS PRINCIPAIS SIGLAS E ABREVIATURAS

A	Posição argumental
Ā	Posição não-argumental
AFDCE	Amostra de Fala do Dialeto Cearense
AGR	Agreement = Concordância
Ant	Anteposição
CI	Cliticizável
CN	Concordância Nominal
CV	Concordância Verbal
DenP	Denial Phrase = Sintagma de Negação
DP	Determiner Phrase = Sintagma Determinante
N	Nome
NP	Noun Phrase = Sintagma Nominal
OD	Objeto Direto
PA	Posição do Auxiliar
PB	Português do Brasil
PP	Prepositional Phrase = Sintagma Preposicional
Q	Retomável através de (*o*) *que*/*quem*
Rec	Recusa
V	Verbo
T	Traço Temporal
TP	Tense Phrase = Sintagma Temporal

INTRODUÇÃO

O Brasil do século XX passou por profundas transformações em termos econômicos, políticos e culturais em razão de um fenômeno denominado mobilidade geográfica. A urbanização, por esse motivo, tornou-se um dos temas mais discutidos nas ciências humanas em geral[1]. Entretanto a linguística tem passado à margem da questão e são poucas as pesquisas[2] que tentam descrever e explicar o impacto da migração interna em processos de variação e mudança. Esta pesquisa pretende contribuir para a compreensão da urbanidade linguística no complexo processo de interferência e seleção estrutural desencadeados pelo contato social entre falantes de dialetos distintos.

Nossa motivação provém do interesse em investigar um processo de mudança linguística a partir de uma situação de contato dialetal em que indivíduos fora de sua comunidade de fala entram em contato com indivíduos de outra comunidade de fala. Optamos por investigar a negação no contato entre os dialetos[3] cearense e carioca. Estudos anteriores (SCHWEGLER, 1983, 1991; RONCARATI, 1988, 1996; FURTADO DA CUNHA, 2000ab, 2001; ALKMIM, 2001; SCHWENTER, 2004; SOUSA, 2004; CAVALCANTE, 2007), que se dedicaram a pesquisar o fenômeno da negação no português do Brasil (doravante PB), evidenciaram a presença de três variantes vernaculares: (a) a negativa pré-verbal, [não V]; (b) a negativa pré e pós verbal, [não V não][4] e (c) a negativa pós-verbal, [V não]:

(1) Inf.: (...) e eu **num** paro mesmo... (AFDCE-002, linha 62)[5]

(2) Inf.: **Num** vô **não**. (AFDCE-001, linha 165)

---

[1] O tema vem sendo discutido, por exemplo, na Geografia e na Economia com abordagens sobre o espaço urbano e as relações urbanas de trabalho e o papel das grandes cidades na economia globalizada.

[2] Os trabalhos de Bortoni-Ricardo (1985), Adant (1989), Marques (2006), Martins (2008), entre alguns outros, deram contribuições importantes para o entendimento do comportamento de determinados traços linguísticos entre falantes migrados.

[3] É importante tornar claro que a noção de *dialeto* faz referência, neste estudo, a uma variedade da língua usada em uma área limitada geograficamente coberta por uma variante padrão estruturada.

[4] Embora haja referência na literatura linguística ao termo *dupla negação* para indicar a ocorrência de mais de uma palavra com conteúdo negativo em uma mesma sentença, acreditamos que não devemos utilizá-lo até que se conheça os efeitos semânticos produzidos por essa variante.

[5] Todos os exemplos apresentados neste trabalho são identificados pelo tipo de amostra, pelo número da entrevista que estamos utilizando e pela(s) linha(s) da entrevista em que se localiza o dado. Os exemplos retirados de outras fontes apresentarão respectiva referência. Além disso, as formas variantes de negação aparecerão em negrito.

(3) Inf.: Deixu **não**. (AFDCE-001, linha 163)

É importante salientar que advérbios e quantificadores negativos, como *nada*, *ninguém* e *nunca*, não foram quantificados como marcadores de negação, porque o traço negativo é secundário em relação a outras funções que desempenham e por manifestarem propriedades sintáticas distintas do marcador em estudo *não*. Assim, sentenças como (4) e (5) foram desconsideradas:

(4) Ela *nunca* trabalhô. (AFDCE-004, linha 435)
(5) Eu votaria *nada*... (AFDCE-002, linha 239)

A mobilidade humana, uma das questões relacionadas a este trabalho, é bastante complexa, pois envolve o afastamento do lugar de residência e a inserção em uma sociedade com valores e normas, muitas vezes distintas das quais o migrante estava habituado. De acordo com informações do primeiro censo demográfico realizado no Brasil em 1872, a região Nordeste era a mais populosa, pois contava com cinco milhões de habitantes aproximadamente, quase a metade da população brasileira na época. Oito anos depois, um novo censo revelou que o Sudeste já havia superado o Nordeste devido ao intenso fluxo migratório cuja motivação encontra-se em fatos históricos. Segundo o censo demográfico do ano de 2000 (2003:36), divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), "as saídas do Ceará (...) se deslocaram com maior intensidade para a Região Sudeste". Em 1940, 205.621 cearenses viviam fora de seu Estado. Esse número aumenta para 1.364.013 no ano de 1991 e para 1.592.756 em 2000, os quais 13% vivem no Rio de Janeiro. Trechos das entrevistas revelam um dos principais motivos para o deslocamento da terra natal:

(6) Doc.: E por que que a senhora escolheu vir para a cidade do Rio de Janeiro?
Inf.: Porque LÁ a gente num tem emprego, né? A dificuldade é grande. (AFDCE-004, linhas 27-28)

(7) Doc.: não, não tem emprego?
Inf.: num tem, num tem. eu tabaiava na roça, aí vivia di... di que di... di... di plantá me é ... plantá milho é.., feijão... essas coisa... algudão (Doc.: ahã) tudo isso...(Doc.: ahã, ahã) né? (AFDCE-001, linhas 29-31)

(8) Doc.: Não tem muito emprego?
Inf.: Num tem... tem poucu... né? se tivesse muitu impregu a... aqui... quase não vinha né? porque que saiu de lá veio pra cá? É atrás de serviçu. (AFDCE-002, linhas 363-365)

Esta pesquisa centra-se na investigação do fenômeno da negação a partir de uma situação de contato dialetal entre falantes cearenses e cariocas, como já mencionado. Por essa razão, adotamos os postulados da Teoria da Acomodação Dialetal, inicialmente propostos pelo psicólogo Howard Giles (1973), e introduzidos na ciência Linguística por Peter Trudgill (1986), que nos fornecem subsídios para entender os motivos pelos quais os falantes ajustam seu modo de falar em relação à presença de outros falantes.

Adotamos também os pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação ou Sociolinguística Quantitativa, desenvolvida nos anos sessenta, a partir da proposta de Uriel Weinreich, William Labov e Marvin Herzog (1968), segundo a qual a língua é entendida como um sistema variável e heterogêneo. A relevância dessa teoria neste trabalho se dá na medida em que cremos que a descrição de um fenômeno variável não pode ser entendida fora do contexto social em que a fala é produzida. Não se pode ignorar o fato de que a língua, seja na modalidade falada ou escrita, é produzida por indivíduos que estão inseridos no mundo em que vivemos, o que torna a relação entre língua e sociedade indissociável. Aliado à investigação do fenômeno da negação, com base na vertente laboviana, faremos uso dos postulados de Lesley Milroy (1980) sobre redes sociais, posto que julgamos relevante entender as relações sociais que os indivíduos estabelecem entre si, a fim de verificar a influência desse convívio no uso que é feito da língua.

As teorias que subjazem este estudo são essenciais e se complementam. Por compreendermos os limites de cada uma delas, buscamos integrá-las de modo a fornecer uma descrição enriquecedora das variantes de negação e dos mecanismos de acomodação em processos migratórios.

A análise dos dados busca entender o que acontece, em termos sociolinguísticos, nos movimentos migratórios no Brasil, pelo contato entre migrantes do eixo Ceará – Rio de Janeiro. Verificamos como as escolhas linguísticas decorrentes do contato refletem-se no uso dos falantes, atestando a frequência de acomodação à variante canônica, construção negativa pré-verbal. Por trata-se de um contexto migratório, será que o migrante acomoda a sintaxe de seu dialeto à do dialeto carioca com o qual passará a conviver ou acentua as diferenças linguísticas do dialeto de origem para se distinguir dos demais falantes?

Orientando-nos pelo estudo de Labov (1972) em Martha's Vineyard, haverá uma "orientação para a identidade" em caso de resistência, ou uma "orientação para o prestígio" em caso de convergência? As hipóteses que norteiam este trabalho, portanto, são as de que os falantes cearenses tendem a se acomodar linguisticamente, seja em função da intensidade da interação social com falantes do dialeto carioca, seja em função do grau de mobilidade social dos indivíduos em relação aos valores da sociedade carioca.

Quanto à intensidade da interação social, é necessário identificar como os falantes do dialeto de origem se relacionam com falantes do dialeto de chegada tanto do aspecto linguístico quanto do aspecto cultural.

No que diz respeito ao grau de mobilidade social, acreditamos que indivíduos de classe média, cujo processo encontra-se ascendente, tenham maior tendência a adotar valores de um grupo externo de referência, assim como Labov (1966) demonstrou ao lançar a hipótese do conflito entre "orientação para o prestígio" e "orientação para a identidade". No caso deste estudo, o grupo de referência é constituído por falantes cariocas que apresentam uma grande preferência pela forma canônica de negação, isto é, a negação pré-verbal.

Esta pesquisa vincula-se à linha de pesquisa Língua e Sociedade, cujas principais áreas de interesse são as de analisar repertórios linguísticos e discursivos de comunidades de fala; diversidade cultural e linguística; variação e mudança, entre outras. O texto da dissertação organiza-se em cinco capítulos, além da introdução. No capítulo 1, apresentamos a meta, as questões e as hipóteses que norteiam a pesquisa. No capítulo 2, dedicado à revisão da literatura, apresentamos as teorias que dão suporte ao trabalho, referindo-nos especialmente à Weinreich, Labov & Herzog (1968), Labov (1972), Trudgill (1986), Milroy (1980), entre outros. Na segunda parte do capítulo, discutimos os resultados encontrados sobre as formas variantes de negação nas pesquisas realizadas por Schwegler (1983; 1991), Roncarati (1988; 1996), Furtado da Cunha (2000ab, 2001), Sousa (2004), Cavalcante (2007), entre outros.

No capítulo 3, apresentamos os postulados advindos da Teoria de Redes Sociais (Milroy, 1980), descrevemos os procedimentos metodológicos utilizados na constituição da amostra utilizada e abordamos as variáveis dependentes e independentes em estudo. No capítulo 4, apresentamos uma descrição do uso das variantes de negação, a partir de uma perspectiva variacionista, de modo a observar a influência de fatores linguísticos e

extralinguísticos no processo de acomodação. No capítulo 5, comentamos os principais resultados obtidos, a fim de corroborar com os estudos sobre o fenômeno da negação e sobre o contato entre dialetos.

1. META, QUESTÕES E HIPÓTESES

Como ressaltamos na *Introdução*, muitos estudos discutem as consequências da urbanidade, mas nos interessa aqui aventar sobre as consequências linguísticas da migração interna. Considerando o fato de que grandes cidades são ponto de encontro de migrantes provenientes tanto de línguas como de dialetos diferentes, a principal meta é a de investigar se há interferência no comportamento sociolinguístico dos falantes cearenses em casos de contato dialetal com falantes cariocas quanto ao uso das três variantes de negação.

Assim, partimos do pressuposto de que, a depender da configuração social dos falantes consultados, há um aumento do percentual da negativa padrão [não V] e uma diminuição da frequência da variante pós-verbal, marcador dialetal no dialeto cearense, entre os falantes migrados em relação aos não-migrados. Cumpre dizer que o aumento ou a diminuição de quaisquer umas das variantes em análise pode ser entendido por meio da análise da rede social ao qual o indivíduo focalizado nesta pesquisa está integrado. A partir do *corpus* coletado, assumimos como objetivos específicos:

a) analisar as três formas de realização da negação no PB, tratando-as como variáveis dependentes;

b) investigar o comportamento das variáveis linguísticas e extralinguísticas que demonstram o efeito da manutenção da negação pós-verbal na fala produzida na comunidade de origem em relação à fala produzida desde a migração para a cidade do Rio de Janeiro.

Esses objetivos levaram-nos a algumas indagações que, ao longo do estudo, se fizeram presentes a todo o momento:

1) O que irá predominar na escolha, consciente ou inconsciente, do indivíduo: o uso da variante do dialeto de chegada ou a cultura, isto é, a manutenção das características do dialeto de origem?

2) O uso que o falante faz da língua funcionará como um meio de preservar sua identidade cultural?

3) Se o grau de convívio com cariocas for maior do que com cearenses, poderá haver um aumento no uso da negação pré-verbal por parte dos falantes migrados?

4) Quem acomoda mais rápido são os migrantes que saem de sua terra natal mais jovens ou mais velhos?

5) Quais serão os limites da acomodação encontrados neste estudo?

6) Segundo Trudgill (1986), as formas mais salientes[6] são as primeiras a acomodar. A negação pós-verbal, enquanto marcador regional dos cearenses, é a construção mais saliente?

7) Qual a influência do nível de consciência que o falante cearense tem do uso que faz da negação?

8) A negação pós-verbal, em cearenses residentes no seu Estado, encontra-se abaixo do nível da consciência, assumindo-se que a construção configure um marcador regional?

9) Segundo Trudgill (1986), a variante de prestígio é considerada um indicador social e, por isso, pode ser aprendida por um indivíduo que faz uso de uma variante considerada menos prestigiada. Assim, o falante pode se distanciar ou não da variante de prestígio. Isso nos permite dizer que o indicador social encontra-se no nível da consciência?

10) A rota de acomodação é universal? Ou o falante segue rumo à identidade ou à variante de prestígio?

Na perspectiva da Sociolinguística Variacionista, as noções de estrutura linguística e homogeneidade estão dissociadas em razão de uma visão calcada em um sistema de variação ordenada sobre o uso da língua. Nesse sentido, Scherre (1996:39-40) reafirma a postura de que

[6] O conceito de saliência está relacionado às formas marcadas e não-marcadas da língua e ao grau de percepção do falante em relação às diferenças fônicas que possam existir entre essas formas (cf. Naro e Lemle, 1977).

> a variação não é aleatória mas sim governada por restrições lingüísticas e não lingüísticas. Admite-se, então, que os fenômenos lingüísticos variáveis, aqueles expressos por duas ou mais variantes, apresentam tendências regulares passíveis de serem descritas e explicadas por restrições de natureza lingüística e não lingüística.

Desse modo, o presente estudo orienta-se pelas seguintes hipóteses:

1) Em redes insuladas, os cearenses mantêm hábitos sócio-culturais e utilizam a negação pós-verbal, alternando com as demais variantes.

2) Confirmado (1), os cearenses mantêm a identidade cultural mesmo fora do Ceará.

3) O convívio com falantes cariocas impulsiona o uso da variante pré-verbal [não V].

4) A idade do falante é determinante para a acomodação e constitui variável independente relevante.

5) Como demonstrado em trabalhos anteriores, há restrições de ordem linguística para a implementação da acomodação como presença/ausência de sujeito, de complemento verbal e complexidade sintática oracional.

6) As formas mais salientes são as primeiras de que os migrantes abrem mão.

7) O nível de consciência é relevante para a orientação para a identidade e para o prestígio.

8) Sendo 7 verdadeira, atesta-se que a variante negativa pós-verbal é de fato um marcador regional.

9) Na operação de acomodação, a construção pré-verbal torna-se mais frequente, tornando-se um indicador social.

10) A rota de acomodação, proposta por Labov (1972), postulada na pergunta 10, merece reflexão.

A posição mais comum para o morfema negativo nas línguas SVO com sistema neutro de caso, como o português do Brasil (PB), ocorre entre o S e o V, como em (9):

(9) Eu **num** sei, eu **num** lembro bem. (AFDCE-004, linha 543)

Quanto aos diferentes padrões para se expressar a negação, Dryer (2005:01) afirma que "all of the ways of indicating negation involve negative morphemes", já que "there are no known instances of languages in which negation is realized by a change in word order or by intonation (...)."[7]. Em PB, a negação manifesta-se por mecanismos sintáticos, o que nos faz refletir sobre a abordagem de fenômenos sintáticos. Cremos que

> a sintaxe tem sua origem no discurso, aqui tomado como o conjunto de estratégias criativas empregadas pelo falante para organizar funcionalmente seu texto para um determinado ouvinte em uma determinada situação de comunicação. Entendemos, com Givón, que a sintaxe não pode ser compreendida ou estudada sem referência tanto à sua evolução a partir do discurso quanto aos fatores comunicativos que governam seu surgimento. As regras da gramática são modificadas pelo uso (isto é, as línguas mudam) e, portanto, é necessário observar a língua como ela é falada. (FURTADO DA CUNHA, 2001:03)

Sendo assim, com relação às hipóteses que subjazem as variáveis dependentes em estudo, uma constatação inicial é a de que a negação no PB é realizada no nível sintático e que, por isso, envolve fatores presentes na estruturação de uma sentença como os sintagmas nominal e verbal. Partindo dessa premissa, alguns pesquisadores apostaram nas seguintes variáveis sintáticas independentes: *tipo de sujeito*, *tipo de complemento verbal* e *tipo de oração*. Outra constatação é a de que as sentenças não estão isoladas de um contexto, o que garante o envolvimento de aspectos discursivos. Nesse sentido, a variável *traço propulsor* também foi investigada como possível condicionante à presença/ausência do fenômeno. O último fator linguístico apontado é a alternância presente entre o marcador negativo não ~ num, o que nos leva a uma variável de ordem fonética como possivelmente relevante para a investigação do fenômeno.

---

[7] Embora Dryer (2005) considere indispensável o acréscimo de um ou mais morfemas de negação, implicando, portanto, em aumento de substância, à construção de orações negativas, pesquisas (cf. http://unb.br/il/lali/publicacoes/publ_001.html) sobre o Karitiána, uma língua de Rondônia, (cf. Landin, 1984), apontam para a produção de orações negativas mediante a supressão das marcas de aspecto e tempo no verbo, implicando em redução de substância. Apesar da divergência supracitada, a descrição de Dryer (2005) a respeito dos morfemas negativos utilizados pelas diferentes línguas do mundo não é, de forma alguma, invalidada, pois, na maioria dos casos, parece haver aumento de substância.

Estudos anteriores mostram que os fatores sintáticos atuam majoritariamente no condicionamento das formas variantes em análise. Todavia, boa parte dos trabalhos sobre o tema elege um conjunto de variáveis como possíveis favorecedoras ao surgimento do fenômeno sem, no entanto, sustentar teoricamente as escolhas realizadas, guiando-se aparentemente por intuição. Na tentativa de descrever e explicar o uso das variantes de negação por parte de falantes migrados, buscamos fundamentar teoricamente a seleção das variáveis sintáticas adotadas neste trabalho a serem explicitadas no capítulo 3. Para tanto, foi necessário realizar um estudo de interface entre a metodologia quantitativa da Sociolinguística Variacionista e os pressupostos teóricos da Sociolinguística Paramétrica, que diz respeito ao quadro de Princípios e Parâmetros da Gramática Gerativa, proposto por Chomsky (1981), a fim de fundamentar hipóteses relacionadas a alguns grupos de fatores, como descrito no capítulo 3.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Paradigmas utilizados

A Teoria da Acomodação Dialetal (cf. GILES *et al.*, 1973; TRUDGILL, 1986) surge inicialmente na área da Psicologia Social a partir do estudo de Giles sobre as situações conversacionais, cujo objetivo é o de explicar o motivo pelo qual os falantes modificam sua língua na presença de outros falantes. Segundo ele (*apud* TRUDGILL, 1986:02), "if the sender in a dyadic situation wishes to gain the receiver's approval, then he may adapt his accent patterns towards that of this person, i. e. reduce pronunciation dissimilarities". Giles propõe, assim, a existência de dois processos denominados "convergência de sotaque" e "divergência de sotaque", que pode ocorrer nos casos em que os falantes queiram se distanciar linguisticamente daqueles com os quais estão em contato[8].

Os processos de convergência ou divergência podem ser definidos como aumento ou diminuição de similaridades entre dialetos. Enquanto a convergência envolve a homogeneidade do repertório linguístico, a divergência diz respeito à diversificação linguística, ao aumento da difusão e à heterogeneidade. Weinreich (1954:395) define convergência como "partial similarities increasing at the expense of differences"[9]. Essas definições, de todo modo, deixam claro que convergência e divergência são noções relacionadas.

Giles *et al.* (1973 apud Trudgill, 1986) afirmam que a acomodação pode ocorrer, em termos linguísticos, em contatos de curta (*short-term accomodation*) ou longa (*long-term accomodation*) duração. Nos contatos de longa duração, como é o caso desta pesquisa, quem se acomoda com quem é menos problemático, visto que o contato se dá entre falantes de diferentes variedades regionais e indivíduos regionalmente móveis ou grupo de minorias que se acomodam. O problema está em determinar como os falantes se acomodam, a extensão da acomodação e o motivo pelo qual algumas situações e alguns indivíduos produzem mais ou diferentes tipos de acomodação do que outros. Segundo o psicólogo, são esses fatores que

---

[8] De acordo com Giles (1977:35), "non-convergence language can be used by ethnic groups as a symbolic tactic for maintaining their identity and cultural distinctiveness".

[9] Cumpre esclarecer, porém, que para o autor o processo de divergência é de incumbência da dialetologia diacrônica.

tornam a acomodação em contatos de longa duração extremamente interessante para os linguistas.

Na área da Linguística, a teoria foi desenvolvida por Peter Trudgilll (1986:62) cujo trabalho revelou que, além de não ser possível prever nem o *tempo* nem *como* os falantes irão acomodar seu discurso, uma vez que isso depende de inúmeros fatores, tais como a personalidade de cada um, a acomodação pode acontecer a partir de três formas diferentes: "(a) by alternating their own variant of a form with that of the other speaker; (b) by using the other speakers' variant in some words but not others (...); and (c) by using pronunciations intermediate between those of the accents in contact (...)". Essas três possibilidades podem ocorrer ainda em conjunção umas com as outras de modo a resultar em complexos fenômenos linguísticos como o desenvolvimento de formas interdialetais, tais como formas intermediárias, hipercorreções e hiperdialetismo.

Tanto a acomodação de curta duração quanto a de longa duração podem ser desenvolvidas na área da Psicologia e da Linguística. A acomodação em termos psicológicos, seja convergente ou divergente, tem a ver com as atitudes e intenções comunicativas de um falante em relação ao seu interlocutor e pode não resultar em acomodação linguística. Enquanto a convergência pode ser descrita como uma manifestação linguística de um falante adaptando-se, segundo Siegel (1985:367), "to the speech of the others to reduce differences", a divergência é a manutenção das diferenças, como, por exemplo, o uso de características que podem ser interpretadas como marcadores regionais, a fim de torná-las mais salientes. Dessa forma, "people may adjust their speech with others either to reduce or accentuate linguistic (and hence social) differences between them" (SIEGEL, 1987:240).

Enquanto a teoria laboviana associa o uso da língua, em primeiro lugar, com estruturas e comportamentos sociais como veremos a seguir, a pesquisa em acomodação linguística está baseada em teorias de "social action". A acomodação linguística é analisada como proveniente de mais ou menos escolhas conscientes por parte do falante com base nos atores sociais, as quais sugerem expectativas sobre suas consequências extralinguísticas.

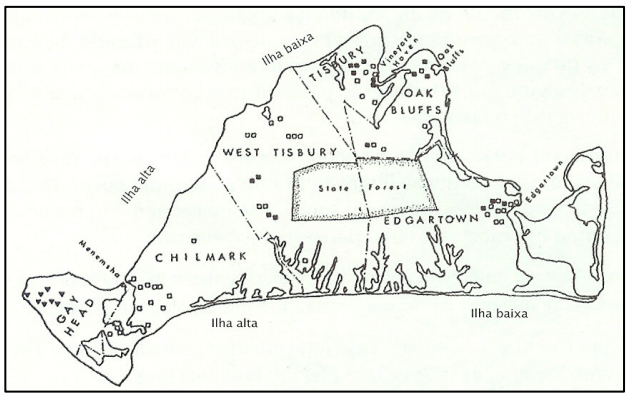
Segundo Auer, Hinskens & Kerswill (2005:07),

> If the boundaries between linguistically distinct groups are permeable (Mummendey 1999), the speaker may benefit by moving closer to the other group by converging linguistically, either by the avoidance of salient features of the speaker's own dialect or by the adoption of features of the interlocutor's dialect. This can affect the interlocutor's attitudes and behaviour in positive ways.

O modelo teórico-metodológico da Teoria da Variação ou Sociolinguística Quantitativa[10] rompe com o pensamento neogramático homegeneizador sobre a mudança linguística representado por Hermann Paul (cf. 1880 *apud* WEINREICH *et al.*, 2006), na medida em que concebe a língua como um sistema que possui dinamismo inerente e regulador dos efeitos de variáveis, visando a estudar a língua em uso nas comunidades de fala por meio de reflexões sobre as relações entre estrutura linguística e estrutura social. Com base na fala dos moradores das ilhas de Marthas's Vineyard, Labov (1972:03) reafirma que "one cannot understand the development of a language change apart from the social life of the community in which it occurs". O estudo realizado por Labov (1972) na ilha de Marthas's Vineyard, localizada na cidade de Massachusetts nos Estados Unidos, tornou-se um clássico ao demonstrar que a variação linguística pode ser um objeto de estudo com possibilidade de sistematização e análise. Labov (1972) observou que mudanças sociais decorrentes da invasão de veranistas na comunidade relativamente isolada de Marthas's Vineyard geraram consequências linguísticas na fala dos moradores da ilha ao investigar a variação fonológica da vogal nuclear dos ditongos /aw/, como em *life*, e /ay/, como em *out*.

A figura 1 abaixo[11] ilustra o aspecto geral da ilha e a divisão existente entre a ilha alta (*up-island*) e a ilha baixa (*down-island*).

Figura 1: A ilha de Martha's Vineyard



[10] Cumpre esclarecer que Labov (1972) considera a denominação Sociolinguística uma redundância, pois não poderia haver uma linguística que não fosse social.

[11] Cf. Labov, 2008:22.

Os resultados obtidos pelo autor mostram que os moradores que desejaram ficar na ilha intensificaram o uso da variante local, considerada não-padrão e estigmatizada, fortalecendo a centralização dos ditongos. Aqueles que objetivaram deixar a ilha, cuja preferência apontava para a variante inovadora e de prestígio dos veranistas (cf. Labov, 2008:52), manifestaram comportamento linguístico oposto. A manutenção das características da variante dos moradores da ilha em detrimento da variante dos veranistas é um reflexo, segundo Labov, de uma atitude defensiva, em que o uso de uma forma saliente da língua é interpretado como um fator de preservação da identidade social.

O trabalho de Labov em Martha's Vineyard descreve e interpreta o fenômeno linguístico variável no contexto social, correlacionando aspectos linguísticos e sociais da língua em uso por uma comunidade de fala. Afinal, como afirmou Tarallo (2003:07), a investigação de fatores sociais se "apresenta como uma reação à ausência do componente social no modelo gerativo".

Os principais objetivos da Teoria da Variação são o de analisar e o de legitimar variantes usadas numa comunidade de fala (LABOV, 1972), bem como entender a relação entre variação e mudança linguística (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 1968) a partir da ideia de heterogeneidade ordenada e de inter-relação entre língua e sociedade. É justamente o entendimento da língua como um sistema heterogêneo ordenado que permite ao linguista descrever um processo de mudança em curso. Desse modo, Weinreich *et al.* (2006:36) afirmam que "a chave para uma concepção racional de mudança linguística – e mais, da própria língua – é a possibilidade de descrever a diferenciação ordenada numa língua que serve a uma comunidade". Seja do ponto de vista diacrônico e/ou sincrônico, a língua de um indivíduo deve ser estudada em um contexto de fala real para que se possa explicá-la e descrevê-la.

Dessa forma, a pesquisa sociolinguística pressupõe um levantamento cuidadoso de dados de língua falada, cuja produção é motivada por fatores distintos. O reconhecimento de que a língua é passível de variação e de que, portanto, um mesmo fenômeno pode ter mais de uma representação recebe o nome, na perspectiva laboviana, de variantes linguísticas. A análise da variante pode ser feita com base em fatores de ordem linguística – internos ao sistema da língua – e extralinguística – externos ao sistema da língua, que atuam de forma

probabilística na variação da língua de modo a indicar os ambientes que aumentam ou diminuem a frequência de uso de uma variante, sob o efeito de fatores internos e externos.

Nos estudos de variação linguística, é preciso considerar que, enquanto os fatores linguísticos permitem a identificação de contextos estruturais que atuam na realização das formas em variação, não raramente possibilitando o reconhecimento de "regras" ou restrições categóricas, os fatores extralinguísticos podem apontar o modo como as variantes se difundem entre grupos de comunidades, adquirindo valores sociais diferentes e podendo indicar variação estável ou mudança em progresso, a depender da distribuição entre diferentes gerações.

Reconhecemos a ocorrência de uma variação, proveniente do uso de falantes em situação de interação social, entre as negativas [não V], [não V não] e [V não], posto que as três formas possibilitam o mesmo significado em certo contexto social e linguístico. Cumpre observar que a variação sintática não foi objeto inicial de investigação por parte dos sociolinguistas. Na perspectiva variacionista, os estudos sobre fenômenos fonológicos motivaram a investigação em outras áreas. Silva-Corvalán (1989:97) afirma que:

> el éxito logrado en los estudios de variación fonológica aplicando los métodos labovianos y las técnicas de análisis cuantitativo desarrolladas tanto por Labov como por Sankoff y Cerdergren, motivaron a los sociolingüistas a aplicar las mismas técnicas y métodos en el análisis de casos de aparente variación sintáctica.

A partir dos estudos desenvolvidos por Labov, muitas pesquisas com viés sociolinguístico foram e continuam sendo realizadas. Tarallo (1990:08) menciona alguns trabalhos cujo foco estava na variação presente em distintas comunidades de fala:

> (...) uma enorme quantidade de estudos lingüísticos de outras comunidades de fala já foi realizada por outros pesquisadores da área [Sociolinguística]: sobre o espanhol falado na cidade do Panamá; sobre o espanhol falado por porto-riquenhos residentes nos Estados Unidos; sobre o inglês falado em Norwich, Inglaterra, e em Belfast, Irlanda; sobre o francês falado na cidade de Montreal, Canadá; e sobre o português falado nas cidades do Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Belo Horizonte e São Paulo.

Dentre os estudos sociolinguísticos mencionados, interessa-nos especialmente o trabalho desenvolvido por Milroy (1980) sobre a variação vocálica no inglês falado em três bairros da classe trabalhadora da cidade de Belfast na Irlanda. Orientada pelos postulados de

Labov, a autora introduz o conceito de *rede social*[12] para dar conta do emprego das variantes no que se refere ao componente social dado que características como bairro e *status* social eram as mesmas para o grupo considerado. O que diferencia o trabalho de Milroy daqueles empreendidos por Labov é o fato de que a variação e a mudança linguística são provenientes da interação entre falantes em contextos sociais, que não podem ser explicadas unicamente nem por meio do sistema linguístico nem por fatores sociais, como *gênero*, *escolaridade*, uma vez que não levam em conta o contexto situacional em que se dá a interação entre os falantes de uma comunidade de fala. Assim, surge a proposta de integração entre a variação linguística de vertente laboviana e a análise das redes de relacionamentos sociais das quais os falantes fazem parte, o que propicia a observação da variabilidade dos usos linguísticos a partir do contexto em que se dá a interação entre os membros da comunidade linguística analisada.

De modo geral, as pesquisas sociolinguísticas são desenvolvidas com base na premissa de que o processo de variação e mudança linguística é investigado a partir do uso que indivíduos membros de uma comunidade de fala fazem da língua, cujo método está enquadrado em um nível macro de análise de caráter mais quantitativo, como pressupõe o modelo teórico-metodológico proposto por Labov. A partir de Milroy (1980), surge a possibilidade de se associar a teoria laboviana a uma abordagem variacionista, organizada metodologicamente em torno de um nível micro de análise, de caráter mais qualitativo, no qual os falantes, inseridos em uma determinada comunidade de fala, estão integrados a diferentes redes de relações sociais.

A noção de redes sociais foi desenvolvida por antropólogos sociais durante as décadas de 60 e 70, tendo sido adaptada para os estudos sobre a variação/mudança com a finalidade de explicar que fatores influenciam a preservação das características de determinada língua. A premissa básica apresentada por Milroy (1980: 177) é a de que "the study of the vernacular speech of the individual in its everyday social context is an important task for sociolinguistics".

O estudo de Elizabeth Bott (1957 *apud* Bortoni-Ricardo, 1989) sobre a divisão de tarefas entre os cônjuges de famílias londrinas é considerado um clássico sobre rede de relações sociais. Nessa pesquisa, a autora conclui que redes sociais fechadas funcionam como

[12] É importante esclarecer que o termo *social*, na proposta de Milroy (1980), é usado como referência à sociedade e não como referência à classe social ou a julgamento de prestígio.

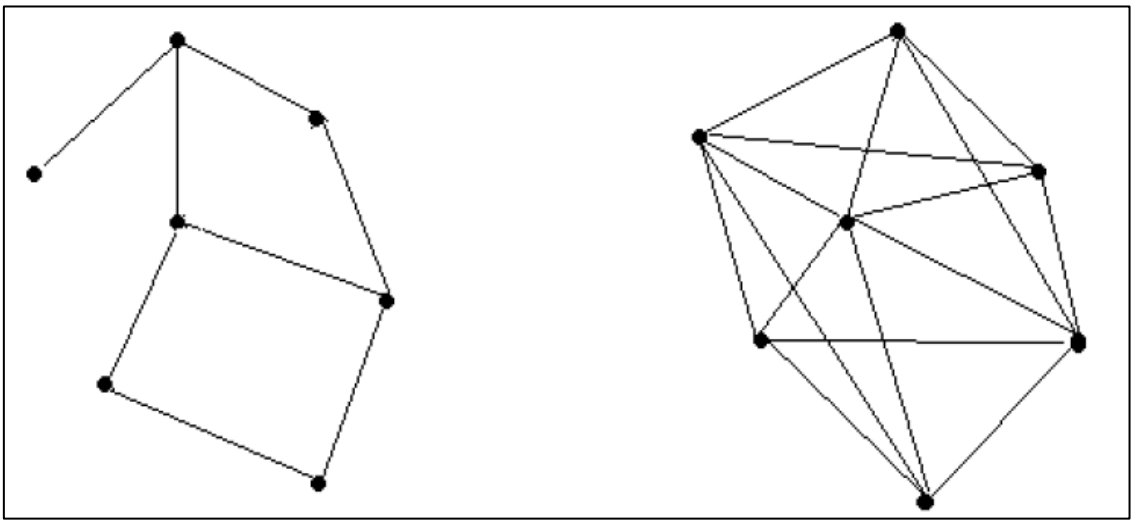
mecanismo de reforço da norma relacionados à frequência e à forma das pessoas da comunidade se relacionarem entre si. Assim, apoiando-se no estudo de Bott, Milroy demonstra que as redes densas e multiplexas, encontradas nas três comunidades proletárias de Belfast, funcionam como mecanismo de reforço dos valores linguísticos e culturais partilhados pelos membros da comunidade de fala.

Em um sistema de redes, os indivíduos fazem parte de complexas relações sociais, cujo foco concentra-se, então, em investigar que tipo de laços une os indivíduos. Bortoni-Ricardo (2008:123) afirma que

> o adágio popular "dize-me com quem andas e eu te direi quem és" é revelador da força explanatória da análise de redes, pois quando se examina a rede social de uma pessoa, acaba-se por descobrir muito sobre essa pessoa.

Segundo Milroy, as redes sociais representam os graus de contato entre indivíduos que se relacionam cotidianamente de acordo com a *densidade*, o *agrupamento* e a *multiplexidade*. A *densidade* de uma rede refere-se à quantidade de contatos dos indivíduos: quanto maior o número de pessoas que se conhecem entre si em um grupo, maior é a densidade da rede. Por outro lado, uma rede em que poucas pessoas se conhecem mutuamente é uma rede frouxa, com pouca densidade. A figura 2 (cf. ALVES, 2008:60), a seguir, ilustra a dimensão da estrutura da rede de acordo com a densidade:

Figura 2: Representação da densidade das redes. À esquerda, uma rede pouco densa (poucos contatos). À direita, uma rede muita densa (muitos contatos)

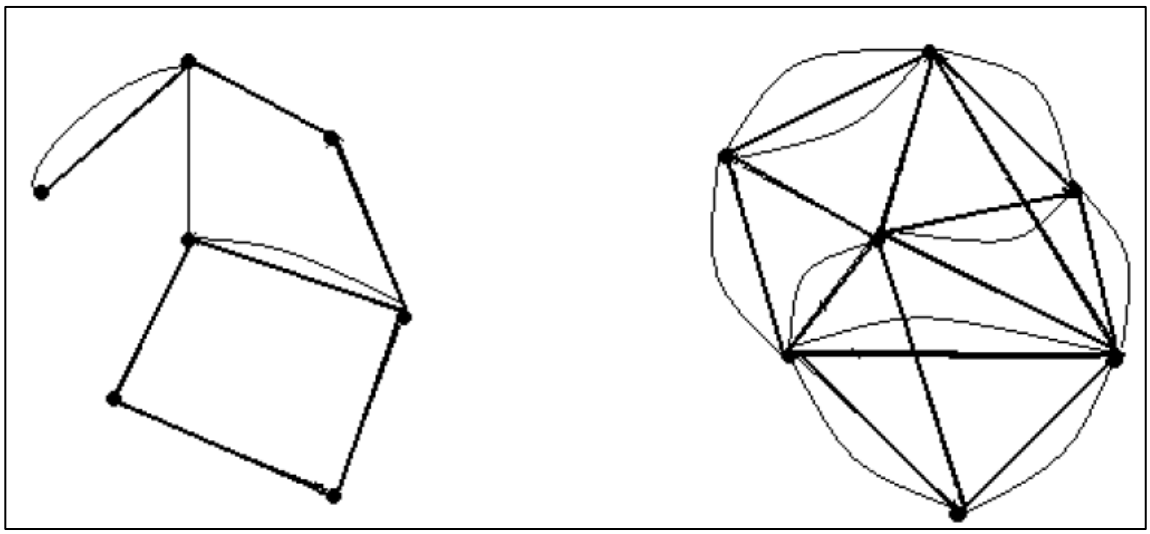


Milroy (1980:50) apresenta uma fórmula por meio da qual a densidade da rede pode ser calculada em que **Na** refere-se ao total de contatos reais e **N** ao número de contatos possíveis:

$$D = \frac{100\ Na\%}{N}$$

Um *agrupamento* é um conjunto de pessoas que fazem parte de uma mesma associação, como, quando frequentam uma mesma igreja, quando são parentes, quando participam de uma gangue, o que faz com que a densidade seja relativamente alta. Já o conceito de *multiplexidade* está fundamentado no número de agrupamentos de que um mesmo indivíduo participa em conjunto com outros indivíduos. Por um lado, o laço é único em um relacionamento em que cada pessoa só possui um agrupamento correspondente com outra (por exemplo, quando são colegas de trabalho). Por outro lado, num relacionamento em que há um acúmulo desses laços entre os mesmos indivíduos, há multiplexidade (por exemplo, quando frequentam a mesma igreja e o mesmo local para o lazer), conforme ilustra a figura 3 (cf. ALVES, 2008:61):

Figura 3: Representação da multiplexidade das redes. À esquerda, uma rede não multiplexa (poucos indivíduos possuem mais de um tipo de contato). À direita, uma rede multiplexa (muitos indivíduos possuem mais de um tipo de contato).



As figuras 2 e 3 demonstram claramente o fato de a densidade estar relacionada à estrutura de rede e de a multiplexidade estar relacionada ao conteúdo da rede. O índice de multiplexidade por indivíduo é calculado, segundo Milroy (1980:51), pela proporção dos laços (contatos) multiplexos em relação a todos os laços relevantes por meio da seguinte fórmula:

$$M = \frac{Nm \times 100\%}{N}$$

em que **Nm** é o número de contatos multiplexos e **N** o número de contatos reais. Cumpre observar, contudo, que "the objection to the notion of multiplexity is that the number of strands which can be observed in a relationship may vary from one observer to another, and will also vary with analytic purpose" (MILROY, 1980: 51-52).

De acordo com as propriedades acima mencionadas, que estão intrinsecamente ligadas ao fato de as redes sociais representarem graus de contato entre os indivíduos que se relacionam informalmente, constatamos que a articulação das noções de densidade e multiplexidade resultam, de um lado, em redes sociais densas e multiplexas, e, de outro lado, em redes com baixa densidade e multiplexidade. Segundo Milroy, ambas as noções operam como indicadores de pressões normativas sobre o indivíduo, o que significa dizer que, quanto mais densa e múltipla for a rede social, maior a estabilidade linguística nesse grupo; quanto menos densa e múltipla, maiores serão as chances de variação. Com base nos construtos teóricos da Teoria de Redes Sociais, Severo (2007: 06) afirma que, por um lado,

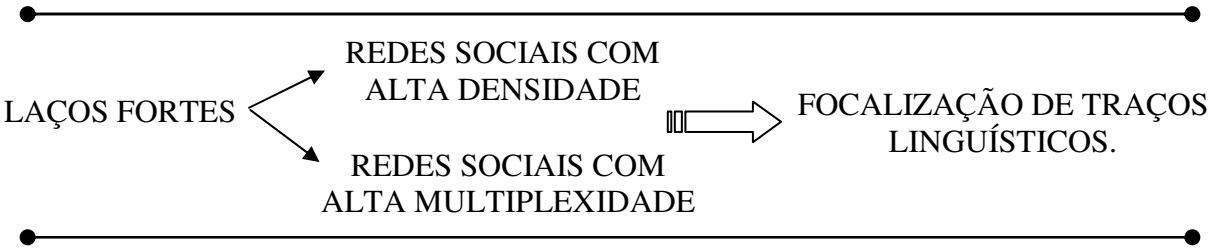
> quanto mais densas e múltiplas forem as redes sociais, maior a probabilidade de elas operarem de forma normativa, uma vez que densidade em grau extremo tende a produzir homogeneidade de valores e de normas, incluindo as normas lingüísticas. Assim, as redes densas são responsáveis por uma certa estabilidade lingüística uma vez que se mantém o vernáculo local, com resistência a pressões lingüísticas e sociais de outros grupos.

e que, por outro, redes com baixa densidade e multiplexidade

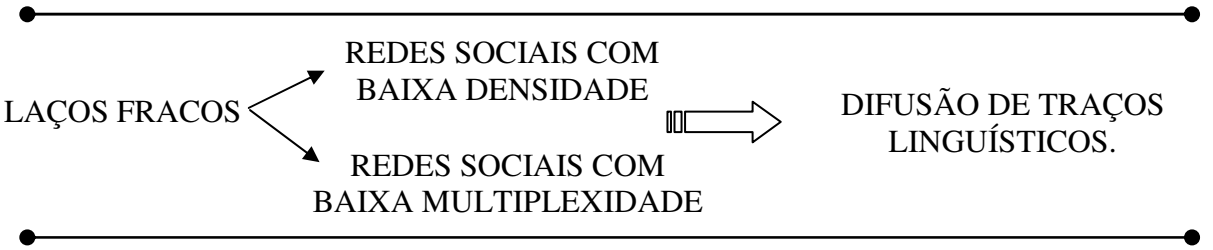
> operam como canais de transmissão de inovação e de influência de uma rede densa sobre a outra, conectando os grupos coesos à sociedade ampla e estratificada (já as redes densas não operam como canais porque tendem a ser isoladas). Indivíduos pertencentes a redes frouxas desempenham importante papel na difusão da inovação por ocuparem uma posição periférica nos grupos coesos em função da mobilidade a

> que estão sujeitos e, assim, estarem mais expostos à influência da norma de prestígio.

Nesse sentido, os esquemas 1 e 2 abaixo representam uma tentativa de sintetizar a relação inversamente proporcional existente entre os conceitos:



Esquema 1: Redes sociais com alta densidade e multiplexidade.



Esquema 2: Redes sociais com baixa densidade e multiplexidade.

Ambos os conceitos estão intimamente ligados às hipóteses norteadoras deste trabalho lançadas na *Introdução*: intensidade da interação social e grau de mobilidade social dos indivíduos. Os primeiros falantes a se adaptarem a uma forma inovadora em uma rede social densa são aqueles que ocupam posição central em suas redes sociais e com quem os inovadores possuem laços estreitos de relacionamento. Todavia, se a estrutura densa da rede for rompida, há possibilidade de ocorrer uma mudança linguística, já que valores sociais estão atrelados às variáveis linguísticas. Cumpre observar ainda que as inovações devem ser avaliadas positivamente e desejadas para que sejam aceitas pelos falantes.

Sendo assim, pesquisas como esta que envolvem redes sociais buscam usufruir das seguintes vantagens metodológicas resumidas por Severo (2007: 07):

> (i) é uma forma bastante útil para se estudar, com mais detalhes, grupos relativamente pequenos e auto-suficientes onde os falantes não são discriminados em função de classe ou status social;

> (ii) possibilita uma forma de análise em que as categorias de classe social são difíceis de ser utilizadas, como no estudo de minorias étnicas, migrantes, populações rurais, etc;
>
> (iii) oferece um procedimento para lidar com a variação no nível dos indivíduos ao invés do grupo;
>
> (iv) pode esclarecer a dinâmica social vinculada ao processo da variação/mudança lingüística.

É importante esclarecer que as fórmulas matemáticas utilizadas para mensurar a densidade e a multiplexidade da rede não foram adotadas nesta pesquisa, porque, como será apresentado no capítulo 3, nosso *corpus* é composto por um grupo de quatro indivíduos em que todos se conhecem, o que configura uma densidade de 100%. Além disso, a noção de redes sociais será investigada a partir de um grupo extralinguístico de fatores, o que nos permitirá avaliar a integração do grupo às redes sociais as quais estão ligados.

Retomando a ideia de que as teorias foram utilizadas de maneira complementar, resumiremos, a seguir, os pressupostos fundamentais para o estudo das formas variantes de negação produzidas num contexto de contato dialetal:

(i) marcas salientes provenientes da fala de indivíduos de uma determinada comunidade de fala podem apresentar-se de modo convergente ou divergente em relação à fala de indivíduos pertencentes a comunidades de fala distintas (TRUDGILL, 1986);

(ii) a heterogeneidade ordenada no uso que os falantes fazem da língua é regulada por regras variáveis que funcionam para condicionar o emprego de uma ou outra variante, em determinadas condições e contextos, linguísticos e extralinguísticos (LABOV, 1972);

(iii) as relações sociais que os indivíduos estabelecem em seu cotidiano são importantes para a compreensão do uso linguístico na medida em que observamos a intensidade da interação social e o grau de mobilidade social a que esses falantes acham-se atrelados (MILROY, 1980).

2.2 Estudos sobre as formas variantes em análise

Embora o estudo da negação em área de contato dialetal seja inédito, pesquisas abordaram o fenômeno em dialetos rurais e urbanos[13]. Ao longo dos anos, muitos pesquisadores dedicaram-se a investigar o tema da negação no PB tanto do aspecto formal quanto funcional da língua. Com base nos objetivos propostos, privilegiamos a apresentação de resultados obtidos na análise da negação como formas variantes em diferentes variedades do PB em abordagens da Sociolinguística Variacionista e do Funcionalismo. Cumpre salientar que esses resultados são de extrema relevância para a escolha das variáveis linguísticas deste trabalho, as quais estão definidas no capítulo 3.

Nesse sentido, Schwegler (1983; 1991), Roncarati (1988; 1996), Furtado da Cunha (2000ab, 2001), Sousa (2004) e Cavalcante (2007)[14] investigaram as três possibilidades de realização da negação no PB como formas variantes.

Schwegler (1983) salienta que a distribuição de [não V], [não V não] e [V não] depende de fatores de ordem linguística, como tipo de oração (subordinada ou principal), modalidade da sentença (declarativa ou interrogativa), variação dialetal e considerações discursivo-pragmáticas (pressuposições, por exemplo). Outra questão latente em seu trabalho é a tentativa de explicar a trajetória da negação na língua francesa, visto que o uso da partícula *ne* anteposta ao verbo em construções negativas passou a ser opcional em razão da presença da partícula *pas*[15]. Uma das hipóteses apontadas pelo autor é a redução fonética da partícula átona *ne*, que precisaria de uma outra partícula de reforço: *pas*. Para o PB, Furtado da Cunha (2001) é uma das autoras que defende a hipótese do enfraquecimento do marcador pré-verbal. Schwegler, no entanto, diz que somente a redução não poderia ser responsável pela origem de [não V não], sem, no entanto, apresentar, razões que justifiquem essa afirmação.

---

[13] Vale ressaltar que uma observação atenta dos resultados obtidos nesses estudos revela que, apesar do número de ocorrências da negativa pré-verbal ser mais frequente, as comunidades com complexo perfil demográfico e com forte histórico de contato linguístico têm a frequência dessa variante reduzida quando comparada a dialetos falados em comunidades com o perfil oposto.

[14] Cavalcante (2007) faz um levantamento e uma descrição dos dados com base na metodologia de quantificação da Sociolinguística Variacionista. A análise dos resultados, porém, acha-se atrelada ao quadro teórico da gramática gerativa.

[15] Alkmim (2001) chama atenção para o fato de que a comparação entre os padrões de negação nas línguas francesa e portuguesa (PB) não procede, posto que, no Francês, o *pas* segue imediatamente o verbo, enquanto que, no PB, esta partícula pode não vir imediatamente depois do verbo, como nos exemplos: Je ne parle *pas* (SCHWEGLER, 1991:201) *versus* **Num** tem esperança **não** (AFDCE-002, linha 247).

Em 1991, Schwegler revisita o tema com base em um *corpus* coletado no verão de 1982 nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador, entendendo que a construção [V não] deve ser vista como equivalente a [não V não], mas com o *não* pré-verbal apagado foneticamente. A gravação, com cerca de 4 horas de conversação espontânea, foi realizada com informantes entre 20 e 45 anos de idade provenientes de classes menos favorecidas economicamente.

Ao longo do estudo, o autor (SCHWEGLER, 1991: 191) salienta o fato de que o uso dessas variantes apresenta restrições em determinados contextos: "even though NÃO $_{1, 2, 3}$ may occur in all sentences modalities, they are not therefore interchangeable in every instance". Ao final da análise, chega à conclusão de que as três variantes de negação podem ser encontradas em sentenças declarativas, imperativas e interrogativas, embora a frequência de [não V não] e [V não] "increases as we move from declaratives, where the strategy is relatively infrequent, to answers to primary questions, and finally to imperatives and interrogatives which rely heavily on postnegation"[16]. No que diz respeito às orações declarativas, Schwegler diz que existe uma diferença pragmática importante entre o uso do *não* anteposto e posposto ao verbo que está ligada a uma negação assertiva ou contraditória.

A única variável linguística analisada pelo autor é o *tipo de oração* em que as sentenças negativas são produzidas pelos falantes. Os resultados revelam que [V não] não ocorre em orações subordinadas e que a construção [não V não] aparece em orações subordinadas condicionais e substantivas objetivas diretas. É importante dizer que, ao longo do texto, o autor analisa os dados sem apresentar hipóteses que sustentem teoricamente os resultados encontrados.

É importante dizer que, para o autor, a ausência de dados da negativa pós-verbal ocorre em quaisquer orações encaixadas. Todavia, como já ponderou Cavalcante (2007), esse fato levaria à agramaticalidade dessa estrutura em orações principais, o que não é confirmado pelos resultados obtidos pelo autor e por Roncarati (1988; 1996)[17].

---

[16] Cumpre esclarecer que essas conclusões são realizadas a partir de impressões do autor sobre a amostra coletada, não sendo investigada, portanto, quantitativamente.

[17] Como será observado no capítulo 4, nosso *corpus* não contém exemplos de [V não] em orações principais. Cremos que, se ampliássemos a amostra, esse fator poderia aparecer, já que apenas 3 dados do total de 2.025 analisados por Cavalcante, por exemplo, estavam inseridos nesse contexto.

Ao considerar a questão da variação dialetal, o autor julgou relevante investigar a frequência de ocorrência das três variantes de negação com relação à cidade em que a entrevista foi gravada. A análise revelou que "the speech of Salvador shows a significantly higher overall frequency of $NEG_{2,3}$ than that of São Paulo or Rio de Janeiro" (SCHWEGLER, 1991:204).

Os trabalhos de Roncarati (1988; 1996) sobre as negativas no dialeto cearense foram fundamentais para que tivéssemos uma amostra de controle. As 813 construções negativas foram obtidas por meio da realização de entrevistas com 12 informantes cearenses de ambos os sexos entre 10 e 42 anos. A tabela 1 apresenta a distribuição das variantes de negação em estudo encontrada no *corpus*:

Tabela 1: Distribuição das variantes negativas no dialeto cearense.

	APLICAÇÃO	**FREQUÊNCIA**
[não V]	625/813	77%
[não V não]	149/813	18%
[V não]	39/813	5%

A análise conjuga fatores linguísticos e sociais, dentre os quais abordaremos *tipo de oração*, *tipo de sujeito*, *tipo de constituinte pós-verbal*, *sexo*, *idade* e *escolaridade*. No que concerne aos grupos de fatores linguísticos, Roncarati (1988) analisa o *tipo de oração* em que as variantes negativas são produzidas. Como se pode observar na tabela 2, as orações são classificadas em absolutas, principais, dependentes[18] e independentes (coordenadas).

Tabela 2: Efeito da variável *tipo de oração*
sobre as negativas [não V], [não V não] e [V não].

TIPO DE ORAÇÃO	**[não V]**	**[não V não]**	**[V não]**
Absoluta	71/625 = 11,36%	51/149 = 34,22%	34/39 = 87,17%
Principal	55/625 = 8,80%	6/149 = 4,02%	1/39[19] = 2,56%
Dependente	207/625 = 33,12%	17/149 = 11,40%	0/39 = 0%

[18] Em 1996, Roncarati muda a nomenclatura de orações dependentes para orações subordinadas.

[19] Conforme já apontado por Cavalcante (2007), embora a autora não apresente nenhum dado de negativa [V não] na página 102 da publicação de 1996, ao final da página 105, podemos ler "o exemplo 8 (cf. pág. 102) contém a única ocorrência de NEG_3 em cláusula principal". Cumpre observar que o dado em questão também não é apresentado na tabela no relatório de 1988 (p. 33).

Independente	292/625 = 46,72%	75/149 = 50,33%	6/39 = 15,38%[20]

Analisando os números percentuais, verificamos que a construção negativa [V não] distribui-se quase de modo absoluto entre orações *absolutas* e *independentes*: 87% e 15% respectivamente.

No que diz respeito às orações principais, Cavalcante (2007) observa que as *principais* assemelham-se com as *subordinadas*, contrariando nossas expectativas, posto que as orações *principais*, assim como as *absolutas* e *independentes*, são tipos de sentenças matrizes.

A construção [não V não], assim como a [V não], aparece de modo mais frequente em orações *absolutas* e *independentes*, embora o percentual, neste caso, seja maior nas orações *independentes*. Uma diferença marcante em relação à negativa pós-verbal é o fato de que, enquanto não houve ocorrências deste tipo de construção em orações *subordinadas*, 11% das negativas [não V não] aparecem justamente neste tipo de oração. Embora a autora não destaque essa diferença, julgamo-la relevante na tentativa de descrever contextos favorecedores e desfavorecedores para a presença/ausência das formas variantes de negação.

Quanto à variável *tipo de sujeito*, Roncarati (1988) analisa se as sentenças negativas apresentam sujeito *apagado*[21], *lexicalizado* ou *inexistente*[22]. A tabela 3 abaixo reproduz os percentuais:

[20] Cavalcante (2007:36) novamente chama atenção para um possível equívoco de Roncarati que aparece na coluna [V não] da tabela, posto que "o total da soma das ocorrências é 40 e não 39, o que já implica erro no valor das porcentagens, que totalizam 103% (87% + 15%). Com a inclusão de uma ocorrência de sentença principal, o número total seria 41 dados". Neste caso, os valores seriam:

	[V não]
absoluta	34/41 = 82,92%
principal	1/41 = 2,43%
Subordinada	0/41 = 0%
independente	6/41 = 14,63%

De todo modo, não sabemos se a inclusão do dado em sentença principal é procedente. Todavia, como Cavalcante (2007), utilizaremos os valores originalmente fornecidos por Roncarati dado que a diferença é mínima, o que não afeta a argumentação.

[21] Em 1996, Roncarati muda a nomenclatura de sujeitos apagados para sujeitos cancelados.

[22] Em 1996, Roncarati muda a nomenclatura de sujeitos inexistentes para sujeitos existenciais.

Tabela 3: Efeito da variável *tipo de sujeito*
sobre a escolha de [V não] em relação a [não V] e [não V não].

TIPO DE SUJEITO	APLICAÇÃO	PESO RELATIVO
Apagado	30/223 = 13%	.64
Lexicalizado	3/283 = 01%	.20
Inexistente	6/62 = 10%	.70

Os resultados apontam que sentenças cujos sujeitos são *inexistentes* e *apagados* favorecem a presença de [V não]. Em contrapartida, sentenças com sujeitos *lexicalizados* parecem ser contexto inibidor para a variante em análise.

A tabela 4 permite-nos observar os resultados obtidos por Roncarati para a variante [não V não]:

Tabela 4: Efeito da variável *tipo de sujeito*
sobre a escolha de [não V não] em relação a [não V].

TIPO DE SUJEITO	APLICAÇÃO	PESO RELATIVO
Apagado	64/276 = 23%	.56
Lexicalizado	70/411 = 17%	.47
Inexistente	12/68 = 18%	.48

A negativa [não V não] parece ser favorecida apenas por sujeitos *apagados*, apresentando comportamento semelhante, embora não idêntico, à variante [V não]. Os demais contextos, com sujeitos *lexicalizados* e *inexistentes*, parecem desfavorecer a ocorrência de [não V não]. Cremos que, embora não contemplada na análise de Roncarati, a negativa canônica seja favorecida por sujeitos *lexicalizados* e desfavorecida nos demais contextos.

Quanto ao *tipo de constituinte pós-verbal*, Roncarati (1988) analisa as mesmas categorias que utilizou para verificar a produtividade da variável *tipo de sujeito*: constituinte *apagado*[23], constituinte *lexicalizado* e constituinte *inexistente*. Nas tabelas 5 e 6, apresentamos os resultados obtidos pela autora para as variantes [V não] e [não V não] respectivamente:

[23] Em 1996, Roncarati muda a nomenclatura de constituintes apagados para constituintes cancelados.

Tabela 5: Efeito da variável *tipo de constituinte pós-verbal*
sobre a escolha de [V não] em relação a [não V] e [não V não].

TIPO DE CONSTITUINTE PÓS-VERBAL	APLICAÇÃO	PESO RELATIVO
Apagado	24/119 = 20%	.62
Lexicalizado	7/339 = 02%	.31
Inexistente	8/110 = 07%	.55

Tabela 6: Efeito da variável *tipo de constituinte pós-verbal*
sobre a escolha de [não V não] em relação a [não V].

TIPO DE CONSTITUINTE PÓS-VERBAL	APLICAÇÃO	PESO RELATIVO
Apagado	38/129 = 29%	.60
Lexicalizado	73/453 = 16%	.37
Inexistente	35/173 = 20%	.52

Como podemos perceber, [não V] e [não V não] são favorecidos pelos mesmos contextos, cujos complementos são *apagados* e *inexistentes*, com peso relativo .60 e .52 respectivamente. Complementos *lexicalizados*, por sua vez, desfavorecem a presença de ambas as construções mencionadas.

Com relação aos fatores sociais, Roncarati (1988) afirma que o Varbrul, programa computacional utilizado, não selecionou nenhum dos fatores sociais como estatisticamente relevante na comparação do uso de [V não] em relação às variantes [V não] e [não V não]. De todo modo, como a constituição do nosso *corpus* é pautada no conceito de rede social, cremos que a observação desses resultados possa ser relevante.

Os percentuais expostos nas tabelas 7 e 8, a seguir, apontam que a variável *sexo* parece não influenciar a escolha dos informantes pela variante pós-verbal. Já a variante [não V não] parece ser levemente preferida pelos homens.

Tabela 7: Efeito da variável *sexo*
sobre a escolha de [V não] em relação a [não V] e [não V não].

SEXO	APLICAÇÃO	PESO RELATIVO
Mulher	20/285 = 7%	.51

Homem	19/253 = 7%	.48

Tabela 8: Efeito da variável *sexo*
sobre a escolha de [não V não] em relação a [não V].

SEXO	APLICAÇÃO	PESO RELATIVO
Mulher	72/416 = 17%	.45
Homem	74/339 = 22%	.54

No que tange à variável *idade*, Roncarati divide os informantes em quatro categorias: *crianças*, *adolescentes*, *jovens* e *adultos*. A tabela 9 contém os resultados dessa variável em relação à construção [V não]:

Tabela 9: Efeito da variável *idade*
sobre a escolha de [V não] em relação a [não V] e [não V não].

IDADE	APLICAÇÃO	PESO RELATIVO
Criança	6/58 = 10%	.60
Adolescente	6/97 = 6%	.46
Jovem	14/207 = 7%	.47
Adulto	13/206 = 6%	.45

Conforme observamos, as crianças parecem usar a variante em análise de forma mais frequente, com peso relativo .60. Segundo Roncarati (1988:21), esse fato "parece ter estreita correlação com o fenômeno da repetição, comum na linguagem infantil".

A tabela 10 demonstra a escolha dos falantes pela negativa [não V não] em relação à variante canônica:

Tabela 10: Efeito da variável *idade*
sobre a escolha de [não V não] em relação a [não V].

IDADE	APLICAÇÃO	PESO RELATIVO
Criança	18/67 = 27%	.59
Adolescente	18/132 = 14%	.38
Jovem	67/239 = 28%	.60
Adulto	43/317 = 14%	.38

É possível perceber a presença de comportamentos distintos: por um lado, as *crianças* e os *jovens* parecem preferir à variante [não V não], por outro, os *adolescentes* e os *adultos* demonstram usar a variante canônica com mais frequência. Todavia, é válido esclarecer que a autora não apresenta nenhuma hipótese que justifique a existência desses dois grupos.

Quanto à variável *escolaridade*, os resultados apresentados na tabela 11, a seguir, ilustram, segundo Roncarati (1988:21), "um nítido intervalo entre as probabilidades das séries iniciais (1ª - 4ª) e das séries terminais (5ª - 8ª) do 1º grau: .60 e .41" no uso da variante pós-verbal, o que "pode sugerir que a pressão escolar pelo uso da negativa canônica ainda não se faz sentir acentuadamente em crianças menores".

Tabela 11: Efeito da variável *escolaridade*
sobre a escolha de [V não] em relação a [não V] e [não V não].

ESCOLARIDADE	APLICAÇÃO	PESO RELATIVO
Analfabeto	-	-
1ª – 4ª	15/141 = 11%	.60
5ª – 8ª	11/223 = 5%	.41
2º Grau	13/204 = 6%	.48

A atuação dessa variável no confronto entre a negativa [não V não] em relação à variante canônica revelou que a construção com dois marcadores negativos parece ser amplamente preferida por falantes com 2º Grau, como podemos observar na tabela 12. Vale destacar que novamente a autora não apresenta comentários sobre as possíveis motivações desse fato.

Tabela 12: Efeito da variável *escolaridade*
sobre a escolha de [não V não] em relação a [não V].

ESCOLARIDADE	APLICAÇÃO	PESO RELATIVO
Analfabeto	1/79 = 1%	.04
1ª – 4ª	35/159 = 22%	.66
5ª – 8ª	46/282 = 16%	.68
2º Grau	64/235 = 27%	.80

Furtado da Cunha (2000ab; 2001) investigou as três variantes de negação no intuito de lançar hipóteses acerca da trajetória do fenômeno associando, para tanto, o surgimento de [não V não] e [V não] a um enfraquecimento da partícula pós-verbal com reforço da negação.

A fim de atender ao objetivo, a autora apresenta a distribuição das estratégias de negação do ponto de vista sincrônico e diacrônico da língua. No entanto, interessa-nos nesta pesquisa a perspectiva sincrônica do fenômeno e, em especial, os percentuais apontados para a presença das construções negativas nos dialetos do Rio de Janeiro (RJ) e de Fortaleza (CE), embora a autora também aponte os percentuais do fenômeno nos dialetos falados nas cidades de Natal (RN), Niterói (RJ), Juiz de Fora (MG), Rio Grande (RS) e Salvador (BA)[24].

No que diz respeito ao dialeto carioca, Furtado da Cunha (2000b:157) apresenta as ocorrências das variantes de negação no *corpus* D&G coletado na cidade do Rio de Janeiro. Observe a tabela 13:

Tabela 13: Distribuição das variantes negativas no dialeto carioca, no *corpus* D&G.

	APLICAÇÃO	**FREQUÊNCIA**[25]
[NÃO V]	886/969	91,4%
[NÃO V NÃO]	81/969	8,4%
[V NÃO]	2/969	0,2%

Como é possível perceber, a variante de prestígio parece ser, de fato, a construção pré-verbal. Em contrapartida, a baixa frequência da negativa pós-verbal revela que os cariocas raramente produzem-na. Todavia a autora (2000b:157) salienta que

[24] A distribuição das três estratégias de negação nesses dialetos pode ser observada na tabela a seguir:

Corpora	**Cidade**	**[NÃO V]**	**[NÃO V NÃO]**	**[V NÃO]**
Discurso & Gramática	Natal	1.656/1.847 = 90%	180/1.847 = 9,4%	11/1.847 = 0,6%
	Niterói	161/175 = 92%	14/175 = 8%	0/175 = 0%
	Juiz de Fora	301/353 = 85,3%	51/353 = 14,4%	1/353 = 0,3%
	Rio Grande	267/267 = 100%	0/267 = 0%	0/267 = 0%
Banco Conversacional	Natal	308/466 = 66%	96/466 = 21%	62/466 = 13%
NURC	Salvador	460/482 = 95%	22/482 = 5%	0/482 = 0%

[25] Embora a autora não calcule a frequência de ocorrência de cada variante de negação, com base nos números fornecidos, fizemos esse cálculo.

> a baixa freqüência de negativas finais nos *corpora* D&G parece estar relacionada ao instrumento de coleta de dados usado – gravação de relatos produzidos pelos falantes, com pouca tomada de turno pelo interlocutor, que apenas estimulava o falante ou mudava o assunto da entrevista. A observação empírica do português falado revela que a negativa final ocorre, preferencialmente, como resposta a perguntas diretas

Nesse sentido, a autora apresenta a comparação das três estratégias de negação em outros *corpora* representativos da fala de informantes cearenses e cariocas, a saber: *A linguagem falada em Fortaleza*, e *PEUL – Amostras do português falado na cidade do Rio de Janeiro* e *Banco de Dados Interacionais* (BDI) respectivamente. As tabelas 14 e 15 exibem os percentuais encontrados na fala dos indivíduos em ambas as cidades em estudo:

Tabela 14: Distribuição das variantes negativas no dialeto carioca,
nos *corpora* PEUL – Amostra do português falado no Rio de Janeiro (PAIVA, 1999)
e Banco de Dados Interacionais (RONCARATI, 1996).

Corpora	**[NÃO V]**	**[NÃO V NÃO]**	**[V NÃO]**
BDI (Roncarati, 1996)	513/640 = 80%	102/640 = 16%	25/640 = 4%
Amostra do português falado no RJ (Paiva, 1996)	951/1.167 = 81%	205/1.167 = 18%	11/1.167 = 1%

Tabela 15: Distribuição das variantes negativas no dialeto cearense,
no *corpus* de Fortaleza (ARAGÃO & SOARES, 1996).

Corpus	**[NÃO V]**	**[NÃO V NÃO]**	**[V NÃO]**
Fortaleza	1.275/1.647 = 77%	273/1.647 = 17%	99/1.647 = 6%

Os resultados apresentados nas tabelas acima permitem-nos afirmar que a variante canônica, embora amplamente preferida por falantes cariocas e cearenses, apresenta uma queda percentual de 80% no dialeto carioca para 77% no dialeto de Fortaleza. Quanto à negativa pós-verbal, o estudo revela que a frequência é maior no dialeto cearense. Sobre o uso da negativa [não V não] e da [V não], Furtado da Cunha (2000b:161) diz constatar que "o uso de negativas duplas se expande por todo Brasil, enquanto as negativas finais são mais características das variantes nordestinas".

A autora (2001) concentra sua investigação sobre a negação sentencial no dialeto da cidade de Natal, trabalhando com amostra de fala e de escrita, a partir da análise da fala produzida por 12 informantes divididos por sexo (masculino e feminino) e escolaridade

(níveis fundamental, médio e superior). Com base no quadro teórico funcionalista e lidando com os conceitos de iconicidade e marcação, Furtado da Cunha procura associar o surgimento das negativas [não V não] e [V não] a um enfraquecimento da partícula pré-verbal, com reforço da negação.

O único fator linguístico analisado pela autora é a alternância entre as formas *não* e *num* na realização fonética do marcador pré-verbal, cujos resultados apontam que a forma *não* é mais frequente com a estrutura [não V] do que com [não V não]: 55% *versus* 45%. A forma *num*, ao contrário, apresenta uma diferença percentual mais acentuada quando as mesmas estruturas são comparadas, já que apenas 19% dos dados de *num* ocorrem em [não V], enquanto 81% aparecem em [não V não][26].

Os dois trabalhos abordados, a seguir, baseiam-se em *corpora* constituídos pelo Projeto Vertentes com sede na Bahia. Sousa (2004), a partir de uma abordagem variacionista fundamentada nos princípios teórico-metodológicos da Sociolinguística Quantitativa, busca identificar motivações linguísticas e extralinguísticas que expliquem possíveis influências do contato entre línguas no quadro atual de variação que condicionem a escolha pelas variantes de negação produzidas por moradores da comunidade rural afro-brasileira de Helvécia-BA.

O autor analisa apenas dois tipos de sentenças negativas, agrupando [não V não] e [V não] sob o rótulo de dupla negação, o que significa dizer que a variante investigada é [(não) V não]. Nas palavras de Sousa (2004:04): "a negação pós-verbal é entendida como uma dupla negação, mas que tem a sua primeira partícula foneticamente não realizada".

Após o processamento dos dados pelo VARBRUL, as seguintes variáveis linguísticas[27] foram consideradas relevantes para a análise das estratégias de negação no Português rural de Helvécia: *tipo de oração*, *tipo de frase* e *tipo de complemento pós-verbal*[28].

---

[26] Outros trabalhos (cf. RAMOS, 2002; MATA, 1999) também vêm demonstrando para um aumento da forma fonética *num* nas construções negativas.

[27] Sousa (2004) também investigou a relevância de variáveis sociais, tendo o programa Varbrul selecionado *sexo* e *faixa etária* como relevantes para o fenômeno. Os resultados revelam que (i) as mulheres em relação aos homens foram as que mais utilizaram a negativa pré-verbal e (ii) idosos e adultos optaram pelo forma não-canônica, enquanto os jovens estão adquirindo a forma padrão, segundo o autor, devido à escolarização e à acessibilidade aos meios de comunicação.

[28] O autor utiliza o termo *complemento* ao invés de *constituinte* como Roncarati (1988; 1996).

Quanto ao *tipo de oração*, Sousa investiga seis tipos de orações: *absolutas*, *principais*, *coordenadas*, *substantivas*, *relativas* e *adverbiais*. Comparando os fatores desse grupo com os fatores da mesma variável propostos por Roncarati (1988;1996), constatamos que Sousa apresenta uma subclassificação das orações agrupadas por Roncarati como subordinadas. Entendemos que essa nova proposta é importante, pois os verbos das sentenças subordinadas substantivas exigem argumentos, exercendo, assim, as funções de sujeito e complemento. Já as orações relativas e adverbiais são adjuntos, que modificam nomes e verbos. A tabela 16 contém os resultados obtidos:

Tabela 16: A dupla negação segundo a variável *tipo de oração*.

Tipo de oração	**N° de ocorrências/TOTAL**	**Frequência**	**Peso relativo**
Absoluta	386/911	43%	.58
Substantiva	16/69	23%	.58
Principal	14/87	16%	.39
Coordenada	38/259	15%	.33
Relativa	4/31	13%	.32
Adverbial	4/51	8%	.18
TOTAL	465/1.408	33%	.29

Verifica-se que a construção [(não) V não] é favorecida pelas orações *absolutas* e pelas subordinadas *substantivas*, já que ambas apresentam peso relativo .58. Por outro lado, todos os outros tipos de oração, principalmente as *adverbiais*, atuam desfavoravelmente quanto ao uso dessa variante.

Esses resultados são parcialmente distintos daqueles obtidos por Roncarati (1988; 1996), posto que as variantes [não V não] e [V não] foram favorecidas tanto por *absolutas* quanto por *coordenadas* e desfavorecidas por *subordinadas* de um modo geral. Todavia essa diferença pode estar relacionada ao tratamento distinto dado às construções negativas e às orações subordinadas, já que Sousa quantifica as ocorrências de [não V não] e [V não] juntas e Roncarati agrupa orações subordinadas com diferenças sintáticas sob o mesmo rótulo.

No que concerne ao *tipo de frase*, o autor (2004:05) trabalha com três fatores: contextos de *não-resposta*, *perguntas* e *respostas a uma pergunta direta do tipo yes/no question*, como nos exemplos:

(10) *a pessoa não pode tê açúca...*

(11) *E quando ele fica pra lá, a senhora não fica preocupada não?*

(12) DOC.: *A senhora fuma?*

INF.: *Não, 'brigada. Num fumo não...*

A tabela abaixo apresenta as frequências obtidas:

Tabela 17: A dupla negação segundo o *tipo de frase*.

Tipo de oração	N° de ocorrências/TOTAL	Frequência	Peso relativo
Resposta (yes/no)	294/570	52%	.69
Pergunta	25/60	42%	.52
Não-resposta	146/778	19%	.36
TOTAL	465/1.408	33%	.29

Os resultados revelam que as *respostas às perguntas diretas do tipo yes/no question* são mais relevantes para a realização da negação que consiste na rejeição de um pressuposto do interlocutor. Em seguida, *as perguntas* também parecem influenciar o uso dessa variante. Por outro lado, os contextos de não-resposta parecem ser desfavoráveis.

No que concerne ao *tipo de complemento pós-verbal*[29], os pesos relativos apresentados na tabela 18 indicam que a ausência do sintagma que complementa o sentido do verbo transitivo é relevante para a variante [não V]. Já os complementos *inexistente* e *realizado* parecem desfavorecer a variante. Por outro lado, a negação pré-verbal tem como contextos favorecedores as orações com verbos intransitivos e com verbos transitivos com seus respectivos complementos realizados lexicalmente.

Tabela 18: Relevância do *tipo de complemento pós-verbal* para a dupla negação.

Tipo de oração	N° de ocorrências/TOTAL	Frequência	Peso relativo
Não-realizado	233/563	41%	.57
Inexistente	30/108	28%	.44

[29] O autor também investigou o *tipo de sujeito*, nos mesmos termos de Roncarati (1988; 1996), mas os resultados não foram apresentados, pois essa variável não foi selecionada pelo Varbrul como relevante para o fenômeno em sua amostra.

Realizado	202/737	17%	.46
TOTAL	465/1.408	33%	.29

Ao final da análise dos dados, Sousa (2004:10) chega às seguintes conclusões:

> **Tipo de oração:** dos seis tipos de oração, a oração *absoluta* e a *subordinada substantiva* foram as que mais contribuíram para a ocorrência de NEG2/3. As *principais, coordenadas e relativas* dividem-se entre NEG1 e NEG2/3. Tendo apenas as *adverbiais* como desfavoráveis à dupla negação.
>
> **Tipo de frase:** resposta à pergunta direta favorece às NEG2/3, diferentemente de NEG1 que tem ocorrência em massa nos contextos de não-respostas;
>
> **Constituinte pós-verbal:** quando o verbo é intransitivo ou transitivo com o sintagma complementador realizado, há o favorecimento de NEG1, enquanto que, quando o verbo transitivo traz seu complemento não-realizado, tem-se maior ocorrência de NEG2/3.

Todos os trabalhos resenhados até agora contribuíram para que pudéssemos refletir sobre a negação sentencial no PB. Todavia, o trabalho de Cavalcante (2007) lançou luzes sobre possíveis contextos de restrição e de agramaticalidade para a negativa pós-verbal, considerada marcador dialetal no dialeto cearense.

Baseado nos teóricos supracitados, o autor investigou, além de fatores sociais[30], cinco grupos de fatores linguísticos: *tipo de frase*, *tipo de oração*, *tipo de sujeito*, *tipo de complemento verbal* e *realização fonética da partícula pré-verbal*.

Ao final da análise, o autor propôs quadros com resumos da atuação das quatro primeiras variáveis supracitadas. A partir desses resumos, apresentaremos, a seguir, os contextos que favorecem e desfavorecem as três variantes de negação, além de possíveis contextos de agramaticalidade e de restrições categóricas:

[30] Foram investigados: *deslocamento da comunidade*, *escolaridade*, *sexo* e *faixa etária*. Os resultados revelam que a negativa pré-verbal sofre interferência de fatores que apontam um maior contato com variedades urbanas (deslocamento da comunidade, contato com a escolarização e sexo masculino). Já a negativa [não V não], é favorecida por contextos que denotam um perfil conservador dentro da comunidade, como a permanência na comunidade, a falta de escolaridade e o sexo feminino. A negativa pós-verbal é resultado de contato linguístico, como previa Sousa (2004).

Tabela 19: Atuação dos fatores linguísticos com relação à negativa [não V].

	[não V]			
	Favorecida por	Desfavorecida por	Agramatical em	Categórica em
Tipo de frase	Não-resposta	Perguntas e respostas diretas	----	----
Tipo de oração	Encaixadas	Matrizes	----	Encaixadas adverbiais
Tipo de sujeito e *Tipo de complemento verbal*	Complemento realizado *in situ* ou topicalizado	Complemento nulo e não-projetado	----	----

Os resultados apontam que a negativa pré-verbal é favorecida pelos contextos de não-respostas, pelas orações encaixadas de qualquer tipo, pela realização dos argumentos verbais (sujeito e complemento) realizados *in situ* ou deslocados. A construção ainda se mostra categórica em orações encaixadas adverbiais.

Tabela 20: Atuação dos fatores linguísticos com relação à negativa [não V não].

	[não V não]			
	Favorecida por	Desfavorecida por	Agramatical em	Categórica em
Tipo de frase	Perguntas e respostas diretas	Não-resposta	Perguntas QU-	----
Tipo de oração	Matrizes	Encaixadas	Encaixadas adverbiais	----
Tipo de sujeito e *Tipo de complemento verbal*	Complemento nulo e não-projetado	Complemento realizado *in situ* ou topicalizado	----	----

Já a negativa com dois marcadores é favorecida e desfavorecida por contextos exatamente opostos aos da negativa pré-verbal. Dessa forma, respostas diretas e perguntas, todas as orações matrizes e não-realização dos argumentos verbais favorecem a ocorrência dessa construção. Todavia, [não V não] parece ser agramatical em perguntas QU- e em orações encaixadas adverbiais.

Tabela 21: Atuação dos fatores linguísticos com relação à negativa [V não].

	[V não]			
	Favorecida por	Desfavorecida por	Agramatical em	Categórica em
Tipo de frase	Perguntas e respostas diretas	Não-resposta	Perguntas QU-	----
Tipo de oração	Matrizes absolutas e coordenadas livres	Matrizes principais e iniciadas por conjunção	Todas as encaixadas	

Tipo de sujeito e *Tipo de complemento verbal*	Sujeito nulo referencial e expletivo	Sujeito realizado	Complemento anteposto Sujeito posposto	

A negativa pós-verbal comporta-se de modo parcialmente semelhante ao de [não V não], posto que é favorecida por respostas diretas e por perguntas, por orações matrizes absolutas e coordenadas livres e pela não-realização dos argumentos verbais. Além disso, parece ser agramatical em perguntas QU-, em todos os tipos de orações encaixadas e em contextos com complemento topicalizado e sujeito posposto.

No que concerne à variável *realização fonética do "não" pré-verbal*, os resultados mostram que a forma *não* tende a favorecer a negação pré-verbal e a desfavorecer a negativa com dois marcadores negativos com pesos relativos de .72 *versus* .29 respectivamente. Já a forma *num* parece ser favorecida pela construção [não V não], pois o peso relativo aumenta de .29 para .51.

A análise quantitativa realizada do fenômeno tem por objetivo, segundo o autor, sustentar uma análise formal, de cunho gerativista, que dê conta dos contextos de ocorrência e não-ocorrência das variantes de negação, especialmente, aquelas com marcador em posição pós-verbal. Assim, após resenhar trabalhos com abordagens gerativistas sobre o fenômeno e oferecer uma proposta de análise das estruturas variantes, o autor (2007:151) propõe que:

> (i) a impossibilidade de ocorrência de [V não] em sentenças encaixadas de qualquer tipo decorre de DenP ser compatível com essa posição, por ser uma categoria que não é selecionada por verbos ou complementizadores e, portanto, encabeça apenas sentenças matrizes;
>
> (ii) a agramaticalidade de [não V não] e [V não] em perguntas QU- se justifica por o elemento interrogativo, uma vez que possui traço focal, não poder ser topicalizado juntamente com toda a sentença, que deve funcionar como pressuposição;
>
> (iii) já a agramaticalidade das duas negativas com constituintes topicalizados é também fruto da exigência de que toda a proposição funcione como tópico ou pressuposição, o que faz com que uma outra topicalização altere as relações de escopo.
>
> Com relação à [não V não], foi preciso, porém, abrir uma segunda possibilidade de geração do marcador final, de modo a não impedir a ocorrência dessa construção nas sentenças encaixadas. (...) nesses contextos, essa negativa pode ter o segundo marcador negativo licenciado pela presença do traço [+Neg] no núcleo T, proposta que consegue manter os resultados alcançados pela análise.

À exceção de Furtado da Cunha (2001), que se concentrou em uma variável fonética,

os demais pesquisadores demonstraram a importância das variáveis sintáticas para o fenômeno da negação. Lavandera (1978) sugere que é necessário investigar possíveis fatores semântico-discursivos que possam interferir na variável e verificar se há, de fato, variável linguística em estudo. Nesse artigo, a autora (1978:177) argumenta contra a extensão "para outros níveis da análise da variação, a noção de variação sociolingüística desenvolvida originalmente para dados fonológicos". Os questionamentos de Lavandera dizem respeito basicamente à exigência de um mesmo significado referencial para as variáveis sintáticas, alertando para as dificuldades em se utilizar a mesma perspectiva teórica e metodológica para o tratamento de fenômenos fonológicos e não-fonológicos.

Labov (1978), responde às inquietações teóricas de Lavandera, afirmando que significado social e significado estilístico operam sobre o significado representacional. Comparando a negação no PB com as construções de concordância negativa no Inglês, descritas por Labov, entendemos que as construções negativas não constituem um problema para esse tipo de análise, uma vez que tanto a negativa simples quanto a múltipla no Inglês apresentam o mesmo valor de verdade.

3. METODOLOGIA

Segundo Oliveira e Silva (2003:117),

> ao se tirar uma fotografia, pode-se escolher uma perspectiva mais longínqua ou um *close*. (...) Não se pode considerar um método melhor do que outro e a decisão dependerá da necessidade. Assim também, ao escolher seu objeto de observação, o sociolingüista poderá deter-se em algumas famílias, ou em grupos de indivíduos em relação mais ou menos estreita ou ainda um uma comunidade maior.

A constituição do *corpus* foi uma das principais preocupações desta pesquisa, posto que uma investigação linguística invariavelmente defronta-se com o que Labov denominou Paradoxo do Observador. Esse impasse metodológico diz respeito ao fato de que, embora a fala do informante deva ser a menos monitorada possível, a presença do pesquisador e a utilização do gravador, ou seja, o contexto da entrevista pode desfavorecer a obtenção da fala mais informal. Dessa forma, nossa questão metodológica central era a de como constituir uma amostra representativa de informantes migrados, a fim de atender aos objetivos propostos.

Nesse sentido, é importante discutir os pressupostos teóricos que subjazem a basicamente duas metodologias da sociolinguística: a demográfica e a etnográfica, já que ambas tem por objetivo representar grupos sociais de natureza diferente. Para tanto, valeremo-nos dos conceitos de Labov (1972), Gumperz (1972; 1996) Milroy (1980) e Eckert (1996; 2000).

Na metodologia demográfica, cujo principal representante é Labov, um *corpus* representativo é aquele que deve permitir a estratificação dos grupos sociais na hierarquia socioeconômica. Segundo o sociolinguista (1972:158), "a speech community cannot be conceived as a group of speakers who all use the same forms; it is best defined as a group who share the same norms in regard to language"[31].

A metodologia de Labov está totalmente baseada no seu conceito de comunidade de fala. Como vimos, comunidade de fala é entendida como o conjunto de pessoas que compartilham os mesmos valores em relação a determinadas variantes. Labov demonstra que uma variante estigmatizada é usada de forma indistinta por falantes de todas as classes sociais

[31] É importante dizer que as normas linguísticas são observadas, nesse modelo, a partir de julgamentos de valor (positivos ou negativos) atribuídos conscientemente pelos indivíduos a certos usos linguísticos. Tem-se, então, um caráter mais uniforme do que as formas linguísticas.

e não apenas por aqueles provenientes de classes menos favorecidas. Desse modo, a diferença entre a produção linguística de uma classe e de outra não está no uso de uma determinada variante em vez de outra, mas está na frequência de uso de uma determinada variante em uma determinada classe.

Gumperz (1972; 1996), diferentemente de Labov, prioriza as atitudes dos falantes, pois orienta-se por uma visão do conceito de comunidade de fala baseada nos usos linguísticos compartilhados por indivíduos que mantêm uma certa frequência de interações, recorrendo a aspectos como interações face a face, as semelhanças e lealdades linguísticas. Em 1996, Gumperz passa a definir comunidade de fala como uma coletividade de redes sociais. Nas palavras de Milroy (1980:17):

> Quite different from any of Labov's work is Blom and Gumperz (1972) study of the Norwegian town of Hemnes. This influential paper also takes the 'community' as its unit of study; the authors are attempting to describe the language patterns of pre-existing groups within a defined territorial area. They do not use techniques of quantifying linguistic data, concentrating mainly on careful discursive description. Both in this paper elsewhere (Gumperz, 1970) they insist on the importance of the linguistic investigator understanding the general norms and values of the community, before he is able to interpret linguistic behavior.

Milroy (1980) critica essa pressuposta "unificação" entre os falantes de diferentes classes na concepção consensual de comunidade de fala, desenvolvida por Labov. Segundo a autora, as pesquisas que trabalham com o conceito de comunidade de fala de orientação laboviana tendem a classificar os informantes em categorias sociais como "jovem", "mulher", "ensino fundamental completo" vinculadas à ideia de classe social[32] e não conseguem dar conta, de forma exclusiva, de outros aspectos envolvidos na comunicação entre os falantes.

Para Milroy, uma concepção consensual pressupõe que os falantes com pouco poder social na cidade "compartilham" os mesmos valores do grupo dominante. Segundo ela, o mais apropriado seria afirmar que os valores dominantes são impostos aos falantes com pouco poder social na cidade (ou seja, não são compartilhados). Na perspectiva etnográfica, os informantes são classificados de acordo com categorias etnograficamente caracterizadas para depois compor um determinado grupo a ser estudado.

---

[32] As noções de *classes sociais* e *redes sociais* proporcionam olhares distintos sobre a organização da sociedade se retomarmos os métodos macro e micro aos quais já fizemos referência. Estudos baseados em classes sociais preocupam-se com estruturas hierárquicas da sociedade, apoiando-se em semelhanças relativas ao grau de escolaridade e a características econômicas. Já aqueles calcados em redes sociais, abarcam dimensões de cooperação e solidariedade no nível dos falantes em seus relacionamentos cotidianos.

Com base em sua investigação sobre o sotaque de falantes residentes em um bairro de Nova York (*Lower East Side*), Labov observa que falantes da classe mais baixa chegam à porcentagem de 90% na pronúncia não-padrão da variável [*th*] em situações casuais, enquanto que a classe mais alta chega a 15%. Milroy questiona se essa constatação significa que os dois grupos compartilham uma mesma avaliação em relação à variante ou que a classe mais baixa não foi doutrinada pela ideologia do uso padrão. Teoricamente, a questão implica na reformulação do conceito de *comunidade de fala*.

Milroy (1980:19-20) conceitua *comunidade de fala* como uma **rede social**. Uma rede social caracteriza-se pelos laços sociais entre pessoas, tais como parentes, amigos próximos, colegas de trabalho e vizinhos. Uma análise de redes sociais localiza as pessoas nas conexões de uma comunidade em que fica evidente o grau de integração de cada membro num determinado grupo. Nas palavras de Bortoni-Ricardo (1989:168), essa análise "é uma estratégia estrutural aplicada ao estudo das relações entre os indivíduos do grupo".

O conceito funciona também como um princípio metodológico subjacente às estratégias da pesquisa de campo. Milroy (1980) coloca como central a preocupação etnográfica para os estudos de vizinhança. É necessário que o pesquisador esteja na localidade em estudo por um período maior de tempo de modo a tornar possível a observação de conversas informais e a redução do efeito provocado pelo "observador" nos dados. O contato com os informantes por parte do pesquisador deve ser baseado no conceito de rede social. Simplificadamente, podemos dizer que Milroy utiliza o procedimento metodológico "*amigo do amigo*": o pesquisador se apresenta como ligado a um amigo dos informantes e solicita entrevistas, o que faz com que ele se torne parte da rede de relações sociais em que seus consultores estão inseridos. Esse procedimento foi umas das principais contribuições advindas dos estudos de Milroy, posto que, desse modo, há possibilidade de evitar a técnica da entrevista formal, tornando mais fácil o acesso à fala coloquial.

A mesma preocupação em inserir a pesquisa etnográfica na Sociolinguística Quantitativa aparece no modelo de comunidades de práticas sociais encontrado em Eckert (1996; 2000). Em sua proposta, buscam-se significados mais locais, em que as formas não-padrão são usadas como recursos simbólicos com conotação social. No entanto, o modelo de

práticas sociais não pressupõe necessariamente o convívio regular entre os membros de uma "comunidade", como na teoria das redes sociais de Milroy (1980).

Para Eckert (2003:58), "the community of practice is the level of social organization at which people experience the social order on a personal and day to day basis, and at which they jointly make sense of that social order". Entendemos, então, que a produção dos significados sociais ocorre por meio dessas práticas e acham-se atrelados à linguagem. O pertencimento a uma comunidade, seja de modo bastante engajado seja de modo periférico, é definido pelas práticas sociais que identificam um grupo em particular: usos de roupas, modos de andar, dançar, falar, apreciações musicais, perspectivas de vida. Tem-se, assim, espaços interacionais em que as identidades individuais ou grupais vão sendo construídas.

Nesse sentido, o conceito de comunidade de prática deixa transparecer as diferenças individuais existentes entre os falantes, gerando uma atribuição de significado e um julgamento de valor. Assim, tais comunidades são caracterizadas por três aspectos: (i) interação entre os membros na medida em que possuem práticas em comum; (ii) perspectivas de vida semelhantes; (iii) troca de repertório entre os membros que expressam seu pertencimento ao grupo.

Dessa forma, para Eckert (1996), um *corpus* representativo identifica falantes com comportamentos mais característicos em relação aos estereótipos criados numa cidade. Assim, a caracterização de um estereótipo congrega tanto peculiaridades de gostos e de perspectiva de vida como também peculiaridades linguísticas. Em sua análise, por representatividade, entende-se a possibilidade de correlacionar uma determinada variante linguística a um estilo de vida em particular. Como ferramenta teórico-metodológica, a conceituação de comunidade de prática busca explicar a variação linguística a partir de um processo de formação de significados sociais que são decorrentes de determinadas práticas sociais, correlacionando à constituição da identidade de grupos e indivíduos em interação. Nas palavras de Eckert (2000:42-43), traduzidas por Severo (2007:09),

> o estudo do significado na variação sociolinguística é o estudo da relação entre variação e identidade [...] Significado social e identidade têm a ver com as formas de engajamento das pessoas em comunidades de prática e no mundo em geral.

As noções de comunidade de fala – associada a uma análise quantitativa – e de redes sociais e comunidades de prática – associadas a uma análise qualitativa quando observadas comparativamente permitem-nos verificar que o conceito laboviano minimiza as diferenças individuais, não atribuindo grande importância ao processo de formação da identidade dos indivíduos. Em contrapartida, as concepções de caráter qualitativo centram suas análises na identificação da identidade dos falantes com o objetivo de explicar a manutenção ou a variação e a mudança linguística. Embora o objetivo a ser alcançado seja o mesmo, as noções de redes sociais e comunidades de prática se diferenciam segundo Severo (2007:11) na medida em que

> (i) o método baseado nas redes sociais focaliza um indivíduo e, a partir dele, os laços de relacionamentos que ele trava com outros indivíduos; com isso, objetiva-se identificar de que modo os indivíduos se agrupam de forma a conservarem normas locais ou favorecerem a mudança; (ii) as comunidades de práticas focalizam indivíduos que se agrupam em torno de práticas compartilhadas onde significados locais e variantes lingüísticas surgem. Enquanto a primeira tende a medir a quantidade de interação, a segunda avalia a qualidade da interação.

A discussão sobre o conceito de comunidade de fala reflete a falta de consenso entre os pesquisadores, ao qual os estudos sociolinguísticos variacionistas fazem referência a todo o momento. É importante deixar claro que a Sociolinguística contribui para a diminuição da abstração desse conceito. Os estudos baseados na Antropologia Sociolinguística são instrumentos poderosos para se explicar o comportamento social em vez de simplesmente descrever correlações entre o tipo de rede e o comportamento (Milroy & Margrain, 1980). Recomenda-se que os estudos das redes sociolinguísticas não correlacionem simplesmente índices extralinguísticos com variáveis linguísticas, mas utilizem a primeira para explicar a segunda.

Segundo Milroy & Margrain (1980), os resultados sociolinguísticos sugerem que muitos grupos de fatores trabalham juntos no controle de frequência linguística. Dessa forma, devemos ter atenção para não atribuir tanta importância a uma única variável extralinguística. As características de redes são eficientes conjuntos de variáveis para prever e interpretar a variação linguística.

Um aspecto fértil da aplicação de redes na sociolinguística vem da possibilidade de ser embasada pela Teoria da Acomodação social-psicológica (Giles & Powesland, 1975; Giles & Smith, 1979; Giles, 1980), que constitui um dos pilares teóricos desta pesquisa como

demonstramos no capítulo 2. Gal (1979:15-16) observou que redes sociais influenciam a língua com base no contato social que é estabelecido entre os falantes e as escolhas linguísticas derivadas desse contato:

> Particularly relevant here are the effects of networks on the social categories with which speakers aim to identify themselves. Social networks influence people's communicative strategies when such identification is expressed through speech. In turn, the power of social networks to constrain linguistic presentation of self depends on the fact that social contacts associate certain linguistic choices with particular categories.

De acordo com Le Page (1980), o comportamento linguístico é alvo permanente de influências relacionadas a diferentes aspectos da identidade social, como sexo, idade, etnia. Levando em consideração que falantes movem-se através do espaço sociolinguístico multidimensional, a variação linguística também deve ser entendida como um processo identitário. Segundo Milroy (1980:115), "speakers use resources of variability in their language to express a greater complex of different identities".

Bortoni-Ricardo (2005) afirma que os motivos que levam as pessoas a mudar sua forma de falar em diversas situações têm merecido reflexão. Nesse sentido, a variação linguística fornece subsídios para que os falantes ampliem a eficiência de sua comunicação ou marquem sua identidade social.

Para Le Page (1980 *apud* Bortoni-Ricardo, 2005:176), todo ato de fala é um ato de identidade mensurado pela linguagem a partir de quatro condições:

(a) a capacidade do falante de identificar o grupo modelo ou de referência;
(b) o acesso às regras sociolingüísticas desse grupo;
(c) o peso das motivações conflitantes;
(d) a habilidade de modificar seu próprio comportamento.

Embora as contribuições de Le Page sejam inegáveis, o modelo enfatiza os atributos dos falantes, obscurecendo um pouco a influência do "outro" na produção da fala (contexto situacional). A fim de complementar o paradigma proposto por Le Page, Bortoni-Ricardo (2005) propõe uma releitura desse modelo à luz de duas correntes sociológicas que privilegiam as condições de produção do discurso: a escola fenomenológica representada pela

etnometodologia de Alfred Schutz e associados (1967) e pelo interacionismo de Erving Goffman (1981) e a sociologia da reprodução de poder postulado por Pierre Bourdieu (1974).

A sociologia fenomenológica parte do pressuposto de que os fenômenos sociais são negociados e mantidos por meio de processos intersubjetivos de construção do significado entre o 'eu' e o 'tu'. Por isso, dá especial relevância ao papel do interlocutor. A expressão corrente atualmente é *audience design*, a qual Allan Bell (1984 apud Bortoni-Ricardo, 2005) denomina a acomodação do falante ao seu ouvinte. Além de salientar a importância do interlocutor na construção do discurso, para Bourdieu, o ouvinte não é entendido apenas como um elemento complementar da interação. O falante defronta-se com o 'outro' em uma relação de poder que reproduz a distribuição desigual de poderes agenciados na sociedade global.

Em resumo, no primeiro paradigma, a preocupação é encontrar fatores objetivos e sistemáticos de variação nos atributos do falante, posto que nos movemos em um espaço sociolinguístico quando falamos (cf. Weinreich, 1954). Já no segundo paradigma, o objeto de estudo deixa de ser a variação socialmente condicionada por si só e passa a ser a variação como recurso comunicativo no processo interacional (cf. Gumperz, 1972). Por fim, o terceiro paradigma enfatiza a força simbólica entre os interlocutores em interação. Essa força simbólica é associada ao capital de autoridade, que não é o capital propriamente linguístico, uma vez que se refere principalmente à capacidade de se fazer escutar. Desse modo, identificam a língua como um instrumento de poder e não apenas como um instrumento de comunicação ou de conhecimento. Quando falamos, queremos ser, além de compreendidos, respeitados e reconhecidos (cf. Bortone, 1996).

Dessa forma, Bourdieu concilia a importância que a linguagem tem como elemento estruturante dos papéis sociais na sua postulação. Os três paradigmas identificados por Bortoni-Ricardo (2005), na trajetória da Sociolinguística na segunda metade do século XX, são conciliáveis e se complementam, visto que

> a acomodação que o falante promove em sua fala pode não ser, todavia, voltada aos ouvintes primários, mas sim aos membros de uma rede virtual, com quem o falante deseja identificar-se e de quem ele ou ela espera receber ratificação ou aprovação (op. cit.:178).

O papel da mobilidade/dinâmica social é crucial no estabelecimento das relações, o

que também coloca conflitos entre prestígio e identidade (cf. Labov, 1972). Todavia a co-relação entre as teses labovianas e o estudo de redes sociais é fundamental, posto que esta, isoladamente, não dá conta desses aspectos.

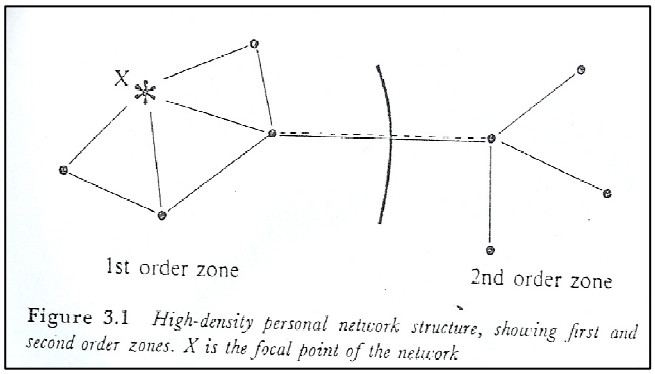
Com base nas discussões realizadas no início deste capítulo, retornamos a questão inicial de como constituir uma amostra de fala do dialeto cearense que represente manifestações reais da linguagem inserida no contexto social, haja vista as perspectivas teóricas de Labov (1972) e Milroy (1980). A busca de correlações entre comportamento linguístico e social levou-nos a investigar a dinâmica do contato dialetal por meio do sistema de redes sociais no qual os indivíduos estão inseridos.

Dessa forma, o *corpus* desta pesquisa consistiu em elaborar a rede de um indivíduo (foco), cujo critério definidor para sua escolha foi ter nascido no Estado do Ceará e, atualmente, residir na cidade do Rio de Janeiro. As contribuições de Milroy (1980) sobre a Teoria de Redes Sociais foram adotadas nesta pesquisa com algumas reformulações. Em sua pesquisa em Belfast, a autora, que entrou sozinha em três comunidades proletárias, possuía uma lista que lhe foi dada por alguém conhecido da comunidade, contendo o nome daqueles que poderia procurar. Quando chegava aos endereços que lhe haviam sido fornecidos, apresentava-se como uma amiga dessa pessoa conhecida, o que fazia com que os moradores a convidassem para entrar em suas casas. A partir desse momento, ela explicava que estava interessada na fala desses indivíduos e pedia para gravar as conversas que se estabeleciam entre ela e os que ali estivessem presentes.

No caso deste estudo, a pesquisadora entrou em contato com um amigo de falantes cearenses e o informou que precisava fazer um trabalho para Faculdade, cujo objetivo era gravar entrevistas com migrantes cearenses a fim de identificar os amigos com quem mais conversam. É importante esclarecer que, assim como Ferrari (1994), mas ao contrário de Milroy (1980), não revelamos nosso interesse em investigar o fenômeno da negação aos entrevistados.

A configuração da rede ocorreu com base no princípio da ancoragem em que cada pessoa pode ser vista como um foco a partir do qual várias linhas irradiam-se para outros pontos (pessoas), como demonstra a figura abaixo (Milroy, 1980:48):

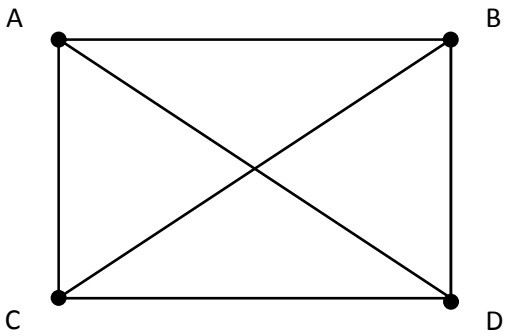
Figura 4: Estrutura de uma rede social com alta densidade, exibindo primeira e segunda ordens. X é o foco da rede.



As pessoas ligadas diretamente ao foco são caracterizadas como pertencentes à sua rede de 1ª ordem; aquelas mais distantes são consideradas de 2ª ordem. É importante ponderar que "each of these people may be in contact with others whom ego does not know, but could come in contact with *via* his first zone order" (MILROY, 1980:46).

Esta pesquisa, entretanto, formula apenas a rede de primeira ordem do foco (A). Como ilustra a figura abaixo:

Figura 5: Rede social do foco A



Como podemos perceber, todos os membros[33] da rede estão ligados, o que significa que todos se conhecem. A fim de descobrir os "amigos de fala" do foco, solicitamo-lo a resposta à seguinte pergunta: "Quem são as três pessoas com quem você mais conversa?". De acordo com a indicação, que não sofreu nenhum tipo de sansão, constatamos que a rede social a que o foco está ligado é do tipo insulada, o que significa dizer que há: (a) alta densidade, ou seja, as pessoas são ligadas ao foco por laços de parentesco e relações pré-migratórias e (b)

[33] No que se refere aos nomes dos falantes, optamos por não divulgá-los para manter o sigilo e a integridade dos envolvidos neste estudo.

baixa complexidade de papéis sociais, ou seja, a interação é limitada a um grupo de pessoas, cujos laços são "uniplex" (cf. Bortoni-Ricardo, 2005:98)

A falante A (foco) indicou os falantes B, C e D como as pessoas com quem mais estabelece comunicação, entendendo que "to communicate means, in simple terms, to make one's wishes and convictions known to someone else, in the hope and with the intention that this might be a reason for the other fulfill one's wish or adopt one's convictions" (KELLER, 1994:45). Os três indicados são ligados a A pelo laço de parentesco, pois todos são membros da família: filho, irmã e marido, respectivamente. A ordem de indicação dada pelo foco foi o critério utilizado para definir quem seriam os falantes B, C e D.

O *corpus* utilizado nesta pesquisa é composto por enunciados orais coletados por meio de entrevistas que foram gravadas nos locais de residência dos informantes em Curicica, Jacarepaguá e realizadas com a devida autorização do(a) entrevistado(a). Parece-nos relevante considerar o fato de que, entre os migrantes, os falantes A e D moram em uma comunidade na Curicica denominada Asa Branca e a falante C, embora também resida no mesmo bairro, não é membro da mesma comunidade.

A tabela abaixo indica os perfis sociais dos informantes:

Tabela 22: Perfis sociais dos informantes consultados.

	Falante A	**Falante B**	**Falante C**	**Falante D**
Gênero	**feminino**	**Masculino**	**feminino**	**masculino**
Idade	**60 anos**	**26 anos**	**45 anos**	**59 anos**
Escolaridade	**Fundamental Incompleto**	**Superior em Andamento**	**Ensino Médio**	**Fundamental Incompleto**

Além do perfil social dos entrevistados, por ser um estudo calcado na Teoria de Redes Sociais, interessou-nos saber o grau de convívio e o tempo de contato com cariocas. Essas informações estão expostas na tabela 23 a seguir:

Tabela 23: Grau de convívio e tempo de contato com cariocas[34].

	Falante A	**Falante C**	**Falante D**
Grau de convívio	**Mora com nordestinos[35]**	**Mora/trabalha com cariocas**	**Mora/trabalha com nordestinos**
Tempo de contato	**27 anos**	**25 anos**	**28 anos**

O roteiro de entrevistas foi elaborado previamente, sendo, portanto, do tipo semi-estruturado. Nosso objetivo era o de obter informações relacionadas (i) aos dados pessoais, (ii) ao contexto sócio-histórico e (iii) à visão de mundo sobre a discriminação com relação aos nordestinos e sobre temas como política, saúde, educação apenas para traçar um breve perfil dos entrevistados (cf. anexo 2). Cumpre tornar claro que a condução das entrevistas por parte da pesquisadora foi orientada pelos contextos indicados em estudos anteriores como favoráveis ao uso das três variantes de negação (cf. Roncarati, 1988; 1996, Sousa, 2004 e Cavalcante, 2007).

As transcrições do material gravado foram realizadas com base naquela adotada por Gonçalves (2006) na constituição do *corpus* de fala espontânea IBORUNA-SJRP[36], resultado do trabalho dos pesquisadores do projeto ALIP (Amostras Lingüísticas do Interior Paulista), desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa em Gramática Funcional (GPGF) sediado na UNESP, no *campus* de São José do Rio Preto. Esse banco está voltado para o estudo do Português falado em São José do Rio Preto, interior do Estado de São Paulo e nas cidades que possuem divisa territorial com São José do Rio Preto.

Após a coleta e a transcrição das entrevistas, o próximo passo da pesquisa caracterizou-se pelo levantamento dos dados relevantes para a análise e pela codificação dos mesmos de acordo com os grupos de fatores propostos. A codificação levou em consideração tanto os fatores linguísticos quanto extralinguísticos que, hipoteticamente, a partir de um primeiro contato com os dados, pôde-se perceber que seriam prováveis influenciadores da frequência das variantes de negação. O estudo dessa frequência é feito, segundo a

[34] O falante B é carioca, nascido na cidade do Rio de Janeiro, e, por isso, foi excluído dessa tabela.

[35] A falante A nunca trabalhou.

[36] A título de informação, "o nome *IBORUNA* (= Rio Preto) tem motivação histórica; é um topônimo de origem tupi-guarani que se pretendeu atribuir a cidade de São José do Rio Preto por ocasião da comemoração do seu cinqüentenário. A contundente intervenção do episcopado riopretense não só impediu a mudança como conquistou de maneira definitiva a denominação primitiva, São José do Rio Preto, reduzida a Rio Preto de 1906 a 1944" (GONÇALVES, 2006, no prelo).

metodologia de análise variacionista, através de modelos estatísticos, pois, como trata de regras variáveis, a influência de uma ou outra variante estaria condicionada à influência de certos fatores linguísticos ou extralinguísticos não de maneira categórica, mas como uma probabilidade.

No presente trabalho, essa etapa foi realizada com o auxílio do programa computacional GOLDVARB (2001). A interpretação dos resultados numéricos oferecidos pelo programa permite calcular probabilidades de frequência da variante tomada como referência para a análise e o efeito relativo de cada fator no fenômeno variável sob análise. Assim, é possível apontar os fatores que interferem na escolha dos falantes entre uma e outra variante linguística. Cumpre esclarecer que, no caso desta pesquisa, não foi possível estabelecer o peso relativo das variáveis em estudo, posto que quase todos os grupos de fatores apresentaram *knouckout* e, ao removê-los, o programa não autorizou a rodada que atribuiria os pesos relativos, posto que todos as variáveis tornam-se binárias. Por essa razão, nos limitaremos a apontar as frequências obtidas para cada um dos grupos dos fatores linguísticos e extralinguísticos analisados.

A utilização do programa pressupõe a codificação dos dados em função do fenômeno variável e dos grupos de fatores considerados como possíveis condicionadores da variação analisada. Segundo Scherre e Naro (2003: 155), "codificar é transformar em código identificável pelos programas computacionais disponíveis tudo que queremos que seja quantificado". Assim, nesta pesquisa os dados foram codificados em função das três variáveis dependentes e dos grupos de fatores considerados relevantes para investigação.

Como já foi dito no capítulo 2, na perspectiva da Teoria da Variação, assume-se que há uma heterogeneidade ordenada do sistema linguístico, o que gera uma dissociação entre estrutura linguística e homogeneidade, já que a variação é um fato concreto e que se dá tanto em uma comunidade quanto na fala de um mesmo indivíduo. Segundo Scherre (1996:39-40), a Teoria da Variação postula, além disso:

> (...) a postura de que a variação não é aleatória mas sim governada por restrições lingüísticas e não lingüísticas. Admite-se, então, que os fenômenos lingüísticos variáveis, aqueles expressos por duas ou mais variantes, apresentam tendências regulares passíveis de serem descritas e explicadas por restrições de natureza lingüística e não lingüística.

Cremos que a análise qualitativa de determinado fenômeno variável se orienta pela operacionalização das hipóteses levantadas e, consequentemente, pelos grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos considerados, já que são eles que possibilitam fornecer explicações para os mais variados contextos de uso de uma variante linguística. Assim, com base em Naro (2003:25), partimos da premissa de que "o progresso da ciência lingüística não está nos números em si, mas no que a análise dos números pode trazer para nosso entendimento das línguas humanas".

Nesta pesquisa, a variável dependente é constituída por três variantes: negativa pré-verbal, negativa com dois marcadores negativos e negativa pós-verbal, como ilustra a tabela a seguir. Cada variante é acompanhada pelo símbolo atribuído na etapa de codificação dos dados:

Tabela 24: Variáveis dependentes em estudo.

VARIÁVEIS DEPENDENTES
[não V] → 1
[não V não] → 2
[V não] → 3

Em relação às variáveis independentes, foram considerados nove grupos de fatores, sendo cinco de natureza linguística e quatro de natureza extralinguística que são apresentados, explicados e exemplificados a seguir:

Tabela 25: Variáveis independentes em estudo.

VARIÁVEIS INDEPENDENTES	
Grupos	**Fatores**
Traço Propulsor	[+ gatilho] → G [- gatilho] → S
Tipo de oração	Absoluta → d Principal → e Coordenada "livre" → f Coordenada introduzida por conjunção → g Substantiva → h Causal/explicativa → i Relativa → j Adverbial → l
Tipo de sujeito	Realizado → m

	Realizado posposto → n Nulo referencial → o Nulo expletivo → p
Tipo de complemento verbal	Realizado *in situ* → q Não realizado/nulo → r Não projetado → s Topicalizado → t
Realização fonética do "Não" pré-verbal	NÃO → u NUM → v
Gênero	Feminino → x Masculino → y
Escolaridade	Ensino Fundamental Incompleto → k Ensino Médio → w Ensino Superior em andamento → z
Idade de saída do Ceará	Até 25 anos → 8 Mais de 25 anos → 9
Grau de convívio com cariocas	Mora e trabalha com nordestinos → 4 Mora e não trabalha com nordestinos → 5

Os fatores linguísticos relacionam-se a características da língua em várias dimensões, levando-se em conta o nível do significante e do significado, bem como os diversos subsistemas de uma língua. Dentre as variáveis internas relacionadas à estrutura linguística encontram-se os fatores de natureza fonológica, morfossintática, semântica, discursiva e lexical.

De acordo com orientação fornecida por análises anteriores, especialmente Roncarati (1988; 1996), Sousa (2004) e Cavalcante (2007), foram considerados cinco grupos de fatores linguísticos neste estudo, a saber: *traço propulsor*[37], *tipo de sujeito*, *tipo de complemento verbal*, *tipo de oração* e *realização fonética do "não" pré-verbal*.

As variáveis *tipo de sujeito* e *tipo de complemento verbal* merecem um tratamento mais detalhado, pois as posições de sujeito e objeto no PB vêm sendo alvo de discussões teóricas entre alguns pesquisadores. As reflexões sobre ambas as posições advêm da teoria gerativa, mais especificamente, do quadro de Princípios e Parâmetros proposto por Chomsky (1981) e do papel da Gramática Universal como agente ativo na alteração da fixação paramétrica que parece estar ocorrendo, indicando mudanças linguísticas.

[37] Até o presente momento, desconhecemos estudos sobre a negação que tenham investigado essa variável, o que não nos permite estabelecer comparações.

A fixação paramétrica para as posições de sujeito e objeto pode ser inicialmente compreendida por meio dos estudos apresentados por Raposo (1992:55), ao explicar que dentro do modelo de Princípios e Parâmetros, a aquisição da gramática final da língua à qual a criança está exposta depende basicamente de dois fatores: "a aprendizagem das formas lexicais da língua, com as propriedades fonológicas, sintáticas e semânticas determinadas pelo dicionário mental e a atribuição aos vários parâmetros da Gramática Universal do valor que possuem nessa língua". A atribuição de tais valores, porém, é hipoteticamente limitada a apenas duas possibilidades: a posição marcada e a posição não-marcada.

No que se refere à posição de sujeito, Raposo (1992:56), tomando como exemplo o preenchimento da posição de sujeito, torna claro que:

> a Gramática Universal contém um princípio rígido que determina a existência da posição de sujeito nas línguas humanas (...), no entanto, não determina que essa posição seja necessariamente preenchida por um NP com conteúdo fonético. Assim, em línguas como o Português, o Italiano e o Espanhol, é possível deixar essa posição vazia. (...) A Gramática Universal põe assim à disposição da criança uma escolha, entre a realização fonética obrigatória *vs*. a realização fonética opcional do sujeito da oração, ou seja, um parâmetro com duas posições possíveis que a criança terá de fixar durante o processo de aquisição.

Dessa forma, o parâmetro do sujeito nulo pode ser marcado positivo ou negativamente, caracterizando assim, as línguas com *valor pro-drop*, que licenciam o sujeito nulo, ou com *valor não pro-drop*, que apresentam sujeitos pronominais preenchidos. A possibilidade de não-preenchimento da posição de sujeito é que classifica o PB como uma língua *pro-drop*, em contraste com línguas como o inglês, cuja omissão do sujeito não é permitida, que são classificadas como *não pro-drop*. Segundo Cyrino (1986:32), as línguas *pro-drop* são caracterizadas por uma rica flexão verbal que permite a ocorrência de categorias vazias em posição de sujeito, cujo conteúdo informacional pode ser retomado por meio das características da flexão.

Todavia, Modesto (2000) aponta que o PB é uma língua que passou de um sistema de concordância rico, com uma única flexão para cada pessoa gramatical, para um sistema em que somente a primeira pessoa do singular e do plural – esta quando não é substituída por "a gente" – são distintamente marcadas. Ele observa, ainda, que nesse processo, conhecido como enfraquecimento da concordância no PB, uma língua tipicamente classificada como *pro-drop*

estaria determinando, segundo algumas teorias, o rápido desaparecimento do sujeito nulo no sistema da língua, evidenciando uma mudança em curso. Essa posição também é apresentada por Duarte (1993:123), que afirma:

> Os resultados da pesquisa evidenciam o fato de que a redução no quadro de desinências verbais alterou as características de língua *pro-drop* que o português do Brasil apresentava antes de 1937. Embora o sujeito nulo continue sendo licenciado por AGR – prova disso é a existência do sujeito nulo não referencial – a identificação do sujeito nulo referencial ficou comprometida, transformando-se a ocorrência de *pro* num fenômeno periférico que depende fundamentalmente de um reforço externo ao elemento de concordância. No caso da 2a pessoa, esse esforço vem do contexto pragmático, o que não constitui prerrogativa de línguas *pro-drop*; no caso da 3a, do NP que dá referência a *pro*. A 1a pessoa, que não conta com tal reforço, é a que se encontra em mais adiantado estágio de mudança em direção a um sistema não *pro-drop*.

Apesar das posições de Modesto (2000) e Duarte (1993), Negrão & Müller (1996) consideram que afirmar que o enfraquecimento de concordância leva a um preenchimento da posição de sujeito por uma categoria lexical é uma generalização um tanto apressada. De acordo com as autoras, a análise do conjunto de dados empíricos alcançados por diferentes pesquisas que têm como objetivo caracterizar a distribuição das categorias vazias e pronomes em certas posições sintáticas, ao invés de evidenciar a substituição de categorias vazias por categorias lexicais, mostra uma especialização na distribuição tanto para o caso das categorias em posição de objeto em sentenças simples, quanto para o caso das categorias em posição de sujeito e de objeto de sentenças encaixadas. As autoras argumentam ainda que, se o enfraquecimento da flexão é a causa do preenchimento progressivo da posição de sujeito, seria esperado um aumento de preenchimento especialmente naquelas pessoas para as quais a morfologia verbal não seria mais capaz de identificar o sujeito (2ª e 3ª pessoas). No entanto, a partir dos dados que analisam, concluem que o maior aumento de preenchimento da posição de sujeito se dá nas 1as e 2as pessoas, sendo que a 1ª pessoa do singular é exatamente a pessoa que tem mais chances de ser identificada pela morfologia verbal sem ambiguidades. Isso leva as autoras a afirmar que é possível pensar numa especialização do sistema pronominal do PB, em particular no caso da 3ª pessoa. Os resultados de sua pesquisa mostram que a mudança dos paradigmas verbais, chamada de enfraquecimento da concordância, não acarretou necessariamente um total preenchimento da posição de sujeito.

A partir de estudos para identificar a categoria vazia em situações em que o sujeito nulo pudesse ser interpretado referencialmente em orações finitas, Figueiredo Silva (2000) propõe que o PB seja classificado como uma língua parcialmente *pro-drop*. Essa nova

classificação seria justificada pelo fato de não encontrar subsídios nas duas diferentes proposições, segundo ela, contraditórias atualmente discutidas na literatura sobre o PB: a primeira confirma o PB como uma língua de sujeito nulo, apesar de todos os tipos de restrição ao uso de uma categoria vazia na posição sujeito; a segunda, baseada em estudos sobre a frequência de pronomes preenchidos e categorias vazias em posição objeto, indica que o PB vem se assemelhando, cada vez mais, a uma língua de sujeito nulo, já que um pronome lexical somente aparece nessa posição quando sua interpretação é definida.

Figueiredo (2000) cita a posição do objeto, umas das variáveis que iremos controlar neste estudo, que também é alvo de discussões teóricas, posto que seja possível prever que a posição de objeto também esteja sendo afetada no caso de o sistema da língua estar em um processo de modificação em relação ao preenchimento da posição de sujeito. Nesse sentido, Haegeman (1999) remete-nos à exigência de que exista ou não um ou mais sintagmas nominais (NPs) dentro de um sintagma verbal (VP) como uma propriedade idiossincrática do verbo envolvido. Os verbos, então, são classificados em pelo menos três categorias: transitivos, bitransitivos e intransitivos. Se um VP possui um verbo transitivo como seu núcleo, ele exige um NP (o objeto direto): o verbo toma um NP como complemento**.** Se um VP tem um verbo bitransitivo como núcleo, há a exigência de dois NPs ou de um NP e de um PP (o objeto direto e o objeto indireto). Se o VP contém um verbo intransitivo como núcleo, então não se permite a inclusão de nenhum NP como complemento.[38]

Sobre o PB, Perini (1995:80), ao abordar a estrutura interna da oração, trata da posição de objeto direto em orações simples, como sendo um elemento caracterizado por um conjunto de traços em que o objeto direto (1) não possui propriedade de concordância verbal com o núcleo do predicado [-CV]; (2) pode aparecer no início da oração em frase correspondente [+Ant]; (3) pode ser retomado pelos elementos *que*, *o que* ou *quem* [+Q]; (4) não possui a propriedade de concordância nominal com outro termo da oração [-CN]; (5) pode ocorrer como foco de uma frase clivada correspondente [+CI] e (6) não pode ocorrer na posição do auxiliar (entre sujeito e núcleo do predicado [-PA].

[38] O autor considera que a noção de que o verbo sempre ocorrerá no ambiente sintático apropriado parece intuitivamente equivocada, posto que ele deriva do tipo de ação ou estado que expressa a partir de seu significado. Assim, podemos entender verbos como predicados que definem alguma relação entre as expressões referentes e não mais como referentes a pessoas ou coisas.

Mais adiante, demonstra que a ocorrência do objeto direto é determinada pela transitividade verbal, compreendida não como uma propriedade dos verbos, mas como propriedades dos próprios contextos ou de verbos em determinados contextos. Para o autor (1995:164), "a descrição das transitividades deve ser feita em termos de **exigência**, **recusa** e **aceitação livre** de cada uma das funções relevantes." Desse modo, "*nascer* tem o traço [Rec-OD] ("recusa OD"), *fazer* tem o traço [Ex-OD] ("exige OD") e comer tem o traço [L-OD] ("aceita livremente OD")".

A argumentação de Perini (1995) permite a observação de um padrão de preenchimento da posição de objeto no PB que não apresenta critérios rígidos, possibilitando ao falante decidir a real necessidade de manifestar fonologicamente o argumento referente a essa posição a partir de dados fornecidos em determinados contextos. Todavia, estudos revelam que nem sempre há obediência às exigências argumentais do predicado para que a posição de objeto seja preenchida. Cyrino (1997; 1999) demonstra que a implementação do objeto nulo no PB é um fato que vem se configurando, cada vez mais, como variação paramétrica. A autora (1997:57) afirma que o objeto nulo é "uma posição de objeto que é foneticamente nula", cujo estatuto de categoria vazia, porém, não pode ser estabelecido uniformemente para todas as línguas:

> (...) apesar de ainda não haver uma formulação satisfatória para um parâmetro que dê conta da variação entre as línguas, observa-se que ele [o objeto nulo] faz parte da gramática-núcleo de algumas línguas, como o chinês, o japonês, o coreano e português, mas não de outras, como o inglês, o francês, o espanhol e o italiano. (CYRINO, 1999:183).

Com base nas considerações acima, percebemos um conflito visível entre a opção do falante pelo preenchimento ou não das posições de sujeito e objeto. Desse modo, na tentativa de corroborar com os estudos em andamento, investigamos ambas as posições em orações negativas realizadas entre os sintagmas nominal e verbal.

Nossa hipótese é a de que a omissão desses argumentos verbais está relacionada à possibilidade de já terem sido mencionados anteriormente no contexto discursivo, o que nos permite prever que tanto *tipo de sujeito* quanto *tipo de complemento verbal* acham-se atrelados à variável *traço propulsor*. Nesse sentido, cremos que a negativa padrão deva ser favorecida por sujeitos e complementos realizados, já a negativa com dois marcadores negativos e a negativa pós-verbal, ao contrário, devem ser condicionadas aos contextos de

sujeitos e complementos não-realizados. Postulamos que o uso das negativas parece ser sensível à repetição de formas presentes no discurso prévio dos interlocutores, o que confirmaria a relação com a variável *traço propulsor*. Desse modo, aspectos da estrutura informacional da sentença seriam refletidos à luz do contexto discursivo.

Considerando a oposição entre realização *versus* não-realização que pretendemos investigar, cada um dos grupos de fatores *tipo de sujeito* e *tipo de complemento verbal* é composto por quatro variantes, adotando a delimitação proposta por Cavalcante (2007:52-53) que julgou relevante "a posição em que os mesmos [argumentos] aparecem em relação ao verbo, uma vez que a alteração de ordem também tem efeitos sobre a estrutura informacional da sentença".

Quanto ao primeiro grupo de fatores mencionado acima, analisamos:

(i) **sujeito realizado anteposto**, que corresponde ao sintagma que exerce a função de o sujeito estar realizado foneticamente em posição pré-verbal. Corresponde parcialmente ao "sujeito lexicalizado" proposto por Roncarati (1996);

(13) ele **não** gosta de fazê assim uma buchada... assim uma galinha assim... CONGELADA. (AFDCE-002, linhas 86-87)

(ii) **sujeito realizado posposto**, ou seja, sujeito realizado foneticamente em posição à direita do verbo ou de do VP, possibilidade não prevista pelos outros autores que trabalharam com essa variável antes de Cavalcante (2007) como categoria à parte;

(14) (...) **num** vai duas pessoas (...)[39]

(iii) **sujeito nulo referencial**, que é o caso em que o sujeito temático é omitido devido à sua recuperabilidade pela morfologia e pelo contexto linguístico e corresponde ao "sujeito cancelado" de Roncarati (1996) e Sousa (2004);

(15) Inf.: **Num** vô **não**. (AFDCE-001, linha 163)

[39] Exemplo retirado de Cavalcante (2007:53), já não há dados de sentenças negativas com sujeito posposto em nosso *corpus* como será apresentado no capítulo 4.

(iv) **sujeito nulo expletivo**, que corresponde aos casos de construções existenciais ou com verbos que indicam fenômenos atmosféricos, que não possuem sujeito temático.

(16) Tem **não**. (AFDCE-001, linha 144)

Já no que diz respeito ao segundo grupo de fatores, consideramos as seguintes variantes:

(i) **complemento realizado *in situ***, quando o constituinte em função de objeto do verbo está em posição pré-verbal. Corresponde parcialmente ao "constituinte pós-verbal lexicalizado" proposto por Roncarati (1996);

(17) Inf.: Eu **num** tenho assim intimidade, convivência com vizinhos. (AFDCE-004, linhas 514-515)

(ii) **complemento topicalizado ou anteposto**[40], quando o objeto do verbo aparece movido para a posição inicial da sentença ou simplesmente para uma posição entre sujeito e verbo[41], possibilidade também não prevista pelos outros autores que trabalharam com essa variável antes de Cavalcante (2007) como categoria à parte;

(18) Inf.: Pai e mãe **num** tem mais. (AFDCE-001, linhas 145-146)

(iii) **complemento não-realizado/nulo**, que se trata do objeto que ocorre nulo ou por já ter sido mencionado no discurso ou por ser recuperável pelo contexto. Corresponde aos casos de "complemento cancelado" de Roncarati (1996);

(19) Meu sobrinho **num** conhece... (AFDCE-004, linha 505)

---

[40] Sujeito posposto e complemento anteposto são processos que afetam a estrutura informacional da sentença de modo diferente e, por isso, não podem ser interpretados como paralelos. Segundo Cavalcante (2007:55), "enquanto a ordem VS está se tornando cada vez menos frequente, praticamente restrita a casos de verbos inacusativos, a anteposição do complemento tem se tornado mais frequente, em função de um aumento geral das construções de tópico".

[41] Assim como para Cavalcante (2007), nenhum caso de ordem SOV foi encontrado no *corpus* examinado, o que significa dizer que essa segunda possibilidade é mencionada apenas como opção lógica.

(iv) **complemento não-projetado**, que corresponde aos casos de verbos intransitivos, que não possuem complemento a ser projetado, ou os transitivos usados intransitivamente. Corresponde aos casos de "complemento inexistente" de Roncarati (1996) e Sousa (2004).

(20) ...tinha que dependê da chuva que **num** caía todo mês... (AFDCE-003, linha 208)

A análise do grupo de fatores *traço propulsor* tem motivação discursiva, posto que acreditamos que a investigação do processamento do ponto de vista interacional é relevante no que tange ao uso das três variantes de negação.

Emmerich (1977 e 1984) foi a primeira pesquisadora a investigar quantitativamente o processamento do ponto de vista discursivo ao estudar fenômenos de aquisição do português pelos índios do Xingu em situação de contato linguístico. Para tanto, a autora postula o princípio do *traço propulsor* ou *efeito gatilho*, segundo o qual o falante repete formas anteriormente mencionadas pelo interlocutor em uma situação de entrevista. Nas palavras de Emmerich (1984:132), essa variável "consiste basicamente em decalcar na resposta a forma não flexionada da pergunta. Este mecanismo de cópia se reflete na tendência a inibir o uso da regra de concordância em situações dialógicas". Exemplos da atuação desse princípio foram encontrados em nossa amostra:

(21) Doc.: Agora a senhora sente saudades da sua terra natal?
Inf.: Muito. Muito. Muita saudade mesmo.
Doc.: Sente saudade, mas a senhora se arrependeu de ter vindo pro Rio?
Inf.: Não. **Não** me arrependi. Foi muito bom. (AFDCE-004, linhas 121-124)

Além do trabalho desenvolvido por Emmerich (1977; 1984), o princípio do traço propulsor mostrou-se igualmente relevante quando aplicado em outros trabalhos e controlado como uma das variáveis independentes, dentre os quais, podemos citar Macedo (1981), Braga (1986) e Mollica (1984; 1986). As três pesquisas, embora abordassem fenômenos variáveis diferentes, revelaram uma forte atuação do traço propulsor. Macedo (1981) demonstrou que a elicitação de formas regulares ou irregulares influi no uso das formas verbais regulares ou irregulares pelo falante. Já Braga (1986) investigou as construções de tópico e constatou que as estruturas topicalizadas tendem a ser favorecidas quando o SN é provocado pelo entrevistador. Mollica (1984) atestou que a pausa entre os sintagmas nominal e verbal tem mais chance de ocorrer quando os SNs são direta ou indiretamente provocados pelo

interlocutor. Em 1986, Braga e Mollica demonstraram a relação entre o grau de topicalização de um SN e a quantidade de marcas segmentais e supra-segmentais. Os resultados evidenciaram que, por um lado, os tópicos mais importantes tendem a ser marcados pela anáfora pronominal e por traços supra-segmentais e que, por outro, os sub-tópicos ou tópicos de menor importância tendem a ser menos marcados em geral, ou marcados apenas supra-segmentalmente.

Cumpre destacar que o efeito do processamento pode ser testado não apenas por meio do traço propulsor, como demonstrado nos trabalhos supracitados, mas também pelo paralelismo formal, assim resumido por Mollica (1989:294): "o emprego de formas antecedentes num discurso influencia o emprego de formas subseqüentes, favorecendo a semelhança fono-morfo-gramatical entre os elementos na cadeia discursiva". Scherre (1988), Paredes Silva (1988) e Omena (1986) verificaram a influência do gatilho por meio do paralelismo. Scherre (1988) aponta para a possibilidade de se aplicar o princípio do paralelismo às marcas de número em sintagmas nominais, chegando a postular o Princípio do Processamento Paralelo em que marcas levam a marcas e zeros levam a zeros, como em:

(22) A gente ia viajar e levava *muitas malas*, *muitas coisas*, *coisas demais*. Mas hoje a gente aprendeu. A gente leva *pouca coisa*, apenas aquelas *coisa* estritamente necessária[42].

A autora ilustra que existe uma tendência a marcar formalmente o plural quando há sintagmas nominais já marcados. Quando esses sintagmas apresentam ausência de marca, as chances de zerar as marcas são maiores.

Envolvendo a função de sujeito, o estudo de Paredes Silva (1988) revelou que um zero mostrou-se altamente favorecedor de outro zero, e um *eu*, embora com menos peso, pode favorecer à presença de outro *eu*[43]. Omena (1986) também investigou a função de sujeito no que diz respeito às formas pronominais alternativas de plural *nós/a gente*. O trabalho demonstrou que a escolha anterior da forma do pronome influi sobre o uso de *nós*, *a gente* ou sujeito zero numa série de sujeitos num discurso.

---

[42] Cf. Mollica, 1989:295.

[43] É importante destacar que a autora chama a atenção para o fato de não confundir a questão do paralelismo com outros condicionamentos como distância ou mudança de referente especialmente quando o fenômeno é de natureza sintática. Assim, em seu trabalho, identifica como repetição paralela aquela em que existe a presença de um pronome após outro pronome, ou um zero após outro zero, na mesma função de sujeito.

Todos os trabalhos referidos obtiveram resultados relevantes ao investigar o efeito gatilho no contexto discursivo seja investigando a atuação do traço propulsor ou do paralelismo. Como ilustrou o exemplo (21), o uso das três variantes de negação também parece estar condicionado à repetição do verbo elicitado pelo entrevistador. Nesse sentido, optamos por investigar o efeito do processamento por meio da variável *traço propulsor*. Temos a hipótese de que a ausência de gatilho aumenta as chances de ocorrer a realização dos argumentos verbais, uma vez que o referente não teria sido preenchido pelo entrevistador, sendo mais frequente em negativas pré-verbais. Ao contrário, a presença de gatilho tende a favorecer a negativa com dois marcadores e a negativa pós-verbal, já que o falante pode retomar apenas o verbo, não realizando os argumentos verbais como previsto nas línguas com parâmetro pro-drop.

Esse grupo é constituído por dois fatores, a saber:

(i) **[+ gatilho]** quando o falante repete o verbo utilizado pelo entrevistador na dinâmica da entrevista, como no exemplo:

(23) Doc: E me diga, em algum momento você se arrependeu de ter vindo pro Rio?
Inf.: Não... não... que eu gosto daqui.
Doc.: Não se arrependeu?
Inf.: Não. **Num me arrependi não** (...)**.** (AFDCE-002, linhas 119-122)

(ii) **[- gatilho]** quando o falante não repete o verbo utilizado pelo entrevistador na dinâmica da entrevista, como nos exemplos:

(24) Doc.: Não voltaria?
Inf.: Não. **Eu não deixo ele aqui só.** (AFCDE-002, linhas 133-134)

O quarto grupo de fatores analisado diz respeito ao *tipo da oração* em que a sentença negativa é produzida pelos falantes. A partir das variantes elencadas por Roncarati (1988) e Sousa (2004), Cavalcante (2007:41) argumenta, com base nos postulados advindos do modelo de Princípios e Parâmetro, que

> os tipos de oração aceitos pela tradição gramatical não são considerados entidades teóricas legítimas para a teoria linguística, no sentido de não terem existência prévia, independente, para a mesma, que as considera resultantes da atuação de mecanismos

> linguísticos outros, de nível mais abstrato. Essa posição se baseia na busca pela adequação explicativa e na universalidade na descrição das línguas, além da hipótese gerativa sobre a aquisição da linguagem.

Esta pesquisa, como já mencionado, tem como diretriz sustentar seus resultados teoricamente. Nesse sentido, a contribuição de Cavalcante (2007:41) é essencial, pois as variantes que compõem o fator em estudo não são adotadas automaticamente, a partir de classificações já existentes, mas baseiam-se na "identificação ou postulação de propriedades formais que definam e/ou diferenciem os tipos de oração".

Dessa forma, a observação de que as orações ocorrem em contextos selecionados ou não-selecionados já possibilita dividi-las em matrizes – aquelas que não são selecionadas por outras sentenças – e encaixadas – aquelas que, por outro lado, funcionam como argumentos de outras orações, no caso, de verbos ou de complementizadores.

É válido salientar que o termo *encaixadas* remete diretamente para as sentenças subordinadas, assim como conhecidas na gramática normativa, porém as orações encaixadas/subordinadas, além de fazer referência a orações que correspondem a posições de complemento verbal ou de sujeito oracional – conhecidas como subordinadas substantivas – , podem referir-se também às sentenças que ocupam posições não-argumentais ($\bar{A}$) e que funcionam como adjuntos da sentença ou de alguma categoria sintática, não sendo, portanto, selecionadas por nenhum constituinte – as chamadas subordinadas adverbiais (que modifica a categoria VP ou a própria sentença) e relativas (que modificam as categorias NPs ou DPs). Assim, as orações encaixadas podem ser de três tipos conforme a natureza da posição que ocupam e a categoria a que estão relacionadas, conforme aponta o quadro 1 elaborado por Cavalcante (2007:42) e aqui reproduzido:

Quadro 1: Propriedades formais das sentenças encaixadas/subordinadas.

TIPO DE ENCAIXADA	**Posição A ou $\bar{A}$**	**Categoria que modificam**	**Equivale a uma categoria de traços**
Substantivas	A	V° ou V'	+N –V
Adverbiais	$\bar{A}$	VP ou TP	-N –V
Relativas	$\bar{A}$	DP ou NP	+N +V

Os subtipos das sentenças matrizes, por outro lado, podem ser definidos com base em outros dois critérios: (a) a partir complexidade estrutural que apresentam e (ii) do tipo de

relação que estabelecem com outras orações. Assim, temos as consideradas *absolutas*, isto é, aquelas que não estabelecem nenhum tipo de relação com outras orações, as *coordenadas* e as *principais*, que mantêm relação de coordenação e subordinação com elas respectivamente.

Todavia, o grupo das coordenadas não é homogêneo, pois podem ser classificadas sintaticamente em função da estrutura que apresentam, resultando em mais dois tipos de orações: *coordenadas introduzidas por conjunções* (chamadas *sindéticas* na literatura normativa) e *coordenadas não-introduzidas por conjunções* (chamadas *assindéticas* na literatura normativa).

Dessa forma, esse grupo de fatores conta com oito variantes:

Absoluta

(25) Inf.: Deixu **não**. (AFCDE-002, linha 161)

Principal

(26) Inf.: se ele chegá a ir, **num** vai ficar nem uma semana **não**. (AFDCE-002, linha 91)

Coordenada "livre"

(27) Inf.: Ela **num** vai fazer questão di ir **não**, mas o negócio é ele. (AFCDE-002, linha 157)

Coordenada introduzida por conjunção

(28) Inf.: Aí lá o médico... eu nunca... melhorava, mas **não** ficava boa. (AFCDE-001, linhas 26-27)

Substantiva

(29) Inf.: ...depois de um ano, aí veio meu filho... aí ele disse que **não** precisava... (AFCDE-001, linhas 60-61)

Adverbial

(30) Inf.: ...se ele **não** qué, eu também não voltaria. (AFCDE-001, linhas 132-133)

Relativa

(31) Inf.: Ele tava aqui, mas tinha dois aqui já no Rio que eu **num** conhecia... (AFCDE-001, linhas 56-57)

Causal/Explicativa

(32) Inf.: Porque eu mesma num tinha... num dava... **num** me esforçava pra ir. (AFCDE-001, linha 116)

Nossa hipótese é a de que a negativa pré-verbal seja favorecida por sentenças encaixadas e que as duas outras variantes sejam privilegiadas em contextos cujas sentenças são do tipo matrizes. Partimos da premissa de que a complexidade sintática oracional favoreça o processamento das sentenças negativas não-marcadas na língua. Além disso, os gramáticos normativos, por intuição, parecem ter acertado quando afirmaram que há certos elementos na língua que são atraídos por outros elementos. O *que*, presente nas orações encaixadas, é umas dessas partículas atrativas. Cunha & Cintra (2002:310-311) e Rocha Lima (2003:451-452), respectivamente, confirmam que deve ocorrer próclise diante de orações com uma palavra negativa e de orações subordinadas:

> 2. É, ainda, preferida a próclise:
>
> a) Nas orações que contêm uma palavra negativa (*não, nunca, jamais, ninguém, nada, etc*) (...):
>
> **— Não lhes dizia** eu?
>
> d) nas orações subordinadas desenvolvidas, ainda quando a conjunção esteja oculta:
>
> **—** Prefiro **que me desdenhem, que me torturem,** a **que me deixem só**.
>
> 2) É obrigatória a *próclise*:
>
> a) Nas orações que contêm uma palavra negativa (*não, nunca, jamais, ninguém, nada, etc*) (...):

> *Não me recuses* este favor.
>
> d) Nas orações subordinadas:
>
> Espero [(que) *me* atendas sem demora.]

A postulação da gramática normativa de que o marcador negativo *não* também é atraído pelo *que*, apesar de intuitivamente parecer adequada, não tinha um respaldo teórico. A fundamentação necessária adveio dos princípios da gramaticalidade e da aceitabilidade formulados por Chomsky (1975:03 e 11), assim definidos respectivamente:

> A Teoria Lingüística [gramaticalidade] relaciona-se primordialmente com a noção do ***falante-ouvinte ideal*** imerso em uma comunidade de fala homogênea, cujos membros sabem sua língua perfeitamente e não são afetados por condições irrelevantes de gramaticalidade, como limitações de memória, distrações, mudanças de foco de atenção e interesse e erros (esparsos ou característicos) ao aplicar o conhecimento de língua que possuem durante o desempenho.
>
> (...) vamos usar o termo 'aceitável' para nos referir a falas que são perfeitamente naturais e compreensíveis instantaneamente, sem pensar, sem análise com lápis e papel, e que de forma nenhuma são estranhas ou soam como estrangeiras. É óbvio que a aceitabilidade terá que ser encadarada como um julgamento que varia em graus, ao longo de várias dimensões [...]. As sentenças mais aceitáveis são aquelas com maior probabilidade de serem produzidas, mais facilmente entendidas, menos estranhas, e de alguma maneira mais naturais. Sempre que possível, no discurso verdadeiro, tendemos a evitar as sentenças inaceitáveis e procuramos usar no seu lugar as variantes mais aceitáveis.

Chomsky afirma a existência de formações de língua bem estruturadas (gramaticais) e formações de língua mal formadas (agramaticais) que rompem com a estrutura. A noção de gramaticalidade tem a ver com as regras de estruturação da língua, apontando duas alternativas: ou a estrutura é gramatical e consequentemente é aceita pelos falantes nativos da língua ou é agramatical, sendo rejeitada pelos falantes nativos.

Ambos os princípios tem a ver com a presença das variantes de negação em orações encaixadas. Confrontando os exemplos, a seguir, constatamos que o *não* pós-verbal, marcador dialetal dos cearenses, parece ser agramatical nesse contexto:

(33) (...) depois de um ano, aí veio meu filho... aí ele disse <u>que</u> **não** precisava, ele mesmo trabalha e dava conta de mim e do meu filho... (AFDCE-002, linhas 58-60)

(34) *(...) depois de um ano, aí veio meu filho... aí ele disse que precisava **não**, ele mesmo trabalha e dava conta de mim e do meu filho...[44]

Um exemplo como (34) causa estranhamento aos falantes nativos da língua portuguesa, o que nos possibilita aventar que a negativa [V não] só apareça em sentenças matrizes.

O último grupo de fatores linguísticos analisado é a *realização fonética do "não" pré-verbal*, o qual está relacionado com o *Ciclo de Jespersen*[45]. O estudo de Otto Jespersen (1917) é de grande valia para o entendimento da co-existência de três padrões estruturalmente distintos de negação sentencial em uma mesma língua, posto que analisa processos de mudança linguística caracterizados pela passagem de uma construção pré-verbal para outra pós-verbal, tendo como estágio intermediário uma fase em que dois marcadores de negação co-ocorrem. Nas palavras do autor (1917:04):

> The history of negative expressions in various languages makes us witness the following curious fluctuation: the original negative adverb is first weakened, then found insufficient and therefore strengthened, generally through some additional word, and this in its turn may be felt as the negative proper and may then in course of time be subject to the same development as the original word.

No PB, a realização da forma *num* é exclusiva da partícula pré-verbal, como ilustram os exemplos abaixo:

(35) eu **num** posso fazê nada... (AFDCE-002, linha 294)

(36) **num** mudô nada **não**... (AFDCE-001, linha 108)

(37) *Eu posso **num**.[46]

Embora haja análises sob a perspectiva gerativista (cf. Mioto, 1991; Vitral 1999) que discutem o estatuto do *não* como um clítico ou como um item lexical pleno[47], optamos por adotar as contribuições teóricas advindas do quadro funcionalista. Nossa hipótese é a de que a

---

[44] O exemplo (34) foi inventado.

[45] Aparentemente, o termo foi usado pela primeira vez por Östen Dahl (1979) em um artigo publicado na revista *Linguistics*.

[46] O exemplo (37) foi inventado.

[47] Consta que a primeira hipótese foi assumida por Pollock (1989) e Belletti (1990) que consideraram, respectivamente, o *ne* do francês e o *non* do italiano como clíticos.

estrutura mais antiga da língua, isto é, a negativa canônica seja representada foneticamente por *não*, enquanto que o *não* pré-verbal da estrutura com dois marcadores negativos seja representado por *num*.

Nossa formulação encontra-se teoricamente sustentada no trabalho de Furtado da Cunha (2001), posto que a alternância entre o *não* pré-verbal constitui a base para a hipótese funcionalista sobre o surgimento das construções [não V não] e [V não]. Para a autora (2001:18-19), o aparecimento da negativa pós-verbal é motivado pelo enfraquecimento do marcador pré-verbal devido a um processo de erosão fonética, que criaria uma necessidade de reforço da negação:

> Primeiramente, observa-se que o marcador negativo pré-verbal passa por um processo de desgaste fonológico, que enfraquece o *não* tônico para *num* átono no discurso falado rápido (...). Esse marcador pós-verbal pode ser interpretado como uma estratégia que compensa o desgaste fonológico do *não* pré-verbal e seu conseqüente enfraquecimento semântico, restabelecendo, assim, a iconicidade. A corrosão do marcador negativo pré-verbal pressionaria a emergência e posterior fixação do marcador final

Cremos, então, que o *não* realiza-se foneticamente como *num* majoritariamente em sentenças em que há dois marcadores negativos, em que o primeiro é átono e o segundo é tônico.

Os fatores extralinguísticos ou não estruturais são de natureza externa à estrutura linguística. No conjunto de variáveis externas à língua, reúnem-se os fatores inerentes ao indivíduo, como etnia, sexo/gênero, e os propriamente sociais, como escolarização, classe social e redes sociais, e contextuais, como grau de formalidade, sendo que os do primeiro tipo referem-se a traços próprios do falante, enquanto os demais se referem a características circunstanciais que ora envolvem o falante, ora o evento de fala.

De acordo com o modelo teórico laboviano e com o estudo de Milroy (1980), neste estudo, foram controladas quatro variáveis extralinguísticas: *gênero*, *escolaridade*, *idade de saída do Ceará* e *grau de convívio com falantes cariocas*.

Quanto ao *gênero*, nossa hipótese fundamenta-se teoricamente nos postulados de Labov (1972) e Chambers (1995). Segundo os linguistas, há evidências de que as mulheres tendem a usar menos variantes estigmatizadas e não-padrão do que os homens do mesmo

grupo social e nas mesmas circunstâncias. Chambers (1995) acrescenta ainda que as inovações linguísticas tendam a ser difundidas pelas mulheres e explica isso com base nos papéis que são socialmente atribuídos a ela, como a educação dos filhos, por exemplo. Labov (1972:302-303) já havia considerado essa possibilidade ao afirmar que

> To the extent that parents influence children's early language, women do so even more; certainly women talk to young children more than men do, and have a more direct influence during the years when children are forming linguistics rules with the greatest speed and efficiency. It seems likely that the rate of advance and direction of a linguistic change owes a great deal to the special sensitivity of women to the whole process.

Desse modo, é possível supor que as migrantes do gênero feminino (falantes A e C) acomodem mais ao padrão de negação carioca do que aquele do gênero masculino (falante D).

No que concerne à *escolaridade*, a observação da fala cotidiana das pessoas permite-nos observar que quanto maior é o tempo de permanência na escola, maior é a preservação das formas linguísticas de prestígio. No caso deste estudo, a negação é um fenômeno socialmente estigmatizado, o que transforma a escola em uma espécie de agente normativizador, sendo uma de suas funções tentar impedir transgressões às formas prestigiadas, segundo Votre (2003:51):

> as formas socialmente prestigiadas são semente e fruto da literatura oficial, que as transforma em língua padrão. Estão reguladas e codificadas nas gramáticas normativas, em que adquirem o estatuto de formas corretas, a serem ensinadas, aprendidas e internalizadas através de longo processo escolar.

Especificamente no que tange a este trabalho, o estudo da negação em situação de contato dialetal está relacionado à noção de estigma social. Estão em estudo dois dialetos distintos – carioca e cearense – em que o prestígio social do primeiro é maior do que o do segundo. O modo de comunicação de pessoas desprovidas de prestígio econômico e social tende a ser avaliado pela sociedade como estigmatizado, assim a língua desses indivíduos, bem como eles mesmos, são avaliados como não tendo beleza. Nas palavras de Votre (2003:52), "a forma estigmatizada é interpretada como inferior, em termos estéticos e informativos, pelos membros da comunidade discursiva".

Nos estudos sobre a fala de migrantes como este, supomos que a acomodação ou não a forma de maior prestígio social perpassa, entre outros fatores, pelo nível de escolarização dos

falantes envolvidos, já que, apesar de a escola não ser a única responsável pelas mudanças que possam ocorrer no domínio da língua padrão pelos informantes, cabe a ela uma tarefa socializadora relevante.

Desse modo, de acordo com o perfil dos membros da rede social que compõem este estudo, esse grupo possui três fatores: *ensino fundamental incompleto*, *ensino médio* e *ensino superior em andamento*.

Outra variável considerada nesta pesquisa é a *idade de saída do Ceará*. Nossa aposta é a de que quanto mais cedo a migração ocorrer, maiores serão as chances de o migrante se acomodar linguisticamente ao dialeto de chegada. Todos os falantes migrados, cujas falas são analisadas, são provenientes de uma área rural do Estado do Ceará, como confirma a falante C em um trecho da entrevista:

(38) Doc.: E com quem que a senhora veio?
Inf.: Eu vim cum irmão. Meu irmão também veio através... pra trabalhá, né? A gente morava assim na roça:: tinha dificuldade... (AFDCE-004, linhas 12-14)

A proveniência dos informantes é muito importante, pois, segundo Labov (1972:299):

> When the rural speaker arrives in the city, he usually finds that his country talk is ridiculed. Even if it was a marker of local identity, and a source of prestige at home, he may be already have been conscious of the provincial character of his speech before he came to the city. As a result, we often see a rapid transformation of the more salient features of the rural dialects as speakers enter the city.

No caso desta pesquisa, como já mencionamos, a negativa pós-verbal, [V não] é considerada um marcador dialetal dos cearenses. Nesse sentido, julgamos relevante investigar se a idade com que os migrantes chegam à cidade de destino, condiciona uma possível acomodação a variantes de prestígio do dialeto de chegada. Cumpre esclarecer que as pesquisas que abordam fenômenos sob a perspectiva do contato dialetal geralmente investigam o tempo de permanência na cidade de destino. Todavia, conforme indica a tabela 23, a diferença entre o tempo de contato com falantes cariocas não é muito diferente, o que, a nosso ver, não deixaria claro possíveis interferências. Por esse motivo, decidimos apostar na diferença que existe entre os falantes quanto à idade com que saíram do Estado em que nasceram.

Novamente com base no perfil dos falantes, o grupo foi dividido em dois fatores: falantes que saíram do Ceará até 25 anos de idade e falantes que saíram com mais de 25 anos de idade.

O último grupo selecionado para a investigação do fenômeno é o *grau de convívio com falantes cariocas*, o qual conta com dois fatores definidos com base no perfil de nossos entrevistados: *morar e trabalhar com nordestinos* e *morar e não trabalhar com nordestinos*. É importante dizer que essa variável foi definida especialmente para atender ao objetivo proposto de analisar a rede social de um indivíduo cearense.

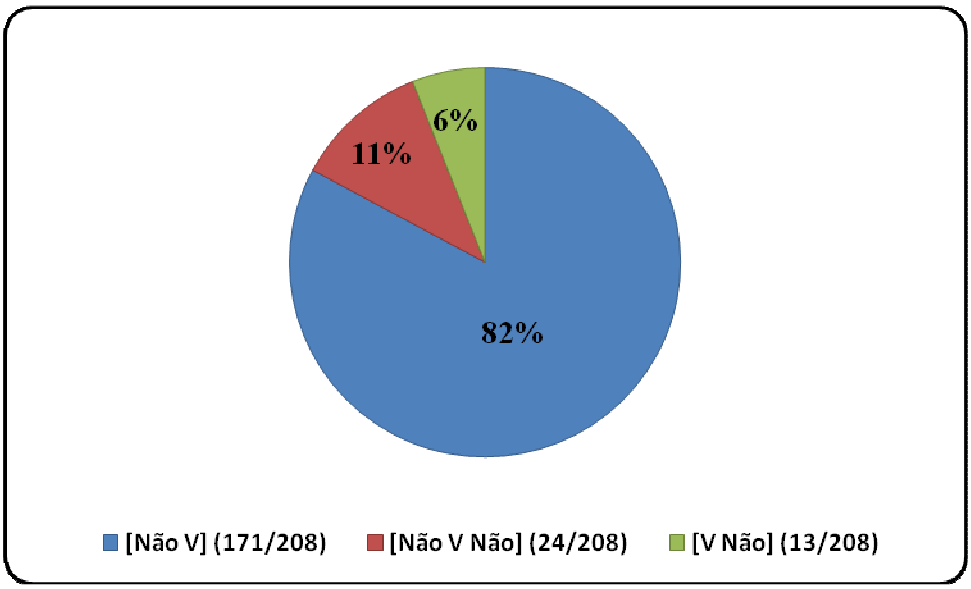
No que se refere à seleção desse grupo de fatores, tem-se a hipótese de que o convívio dos migrantes cearenses que vivem atualmente na cidade do Rio de Janeiro com pessoas ligadas a redes compostas por membros em sua maioria nordestinos, em casa ou no ambiente de trabalho, seja relevante para a análise do fenômeno variável. Em comunidades pequenas como a que reside a falante A, as redes densas, de acordo com Milroy (1980), funcionam como um mecanismo de reforço da norma partilhada pelo grupo. Em outras palavras, acreditamos que a manutenção dessas redes tende a favorecer a manutenção da estrutura preferida na comunidade de origem.

4. APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

No item 2.2 *Estudos sobre as formas variantes em análise*, verificamos a distribuição dos tipos de negativa nos dialetos cearense e carioca, a qual serviu-nos de parâmetro para verificar em que medida os falantes se aproximam ou não da norma de prestígio (dialeto carioca).

O levantamento dos dados revelou que a negativa pré-verbal [não V], que representa o padrão mais antigo da língua, ocorre com uma frequência de 82%. Já a estrutura com dois marcadores negativos, [não V não], corresponde a 11% dos dados e a estrutura pós-verbal [V não] a 6%, conforme indicado no gráfico 1 abaixo:

Gráfico 1: Total de dados no *corpus* investigado.



Embora a amostra seja pequena, verificamos que os falantes se acomodaram no que se refere ao uso da negativa pré-verbal, embora a frequência de 6% de negativa pós-verbal ainda seja a mesma encontrada nos trabalhos de Roncarati (cf. tabela 1) e Aragão & Soares (cf. tabela 15).

A fim de obter resultados detalhados, verificamos os efeitos da acomodação sobre os membros da rede social em estudo. Como já mencionado no capítulo 3, o informante B é carioca, sendo, portanto, excluído dos resultados apresentados na tabela a seguir:

Tabela 26: Frequência da acomodação por falante[48].

	Frequência da acomodação
Falante A	52/62 = 83%
Falante C	66/74 = 89%
Falante D	19/32 = 59%

Constatamos que os falantes C e D, indicados pelo foco (falante A), apresentam comportamentos distintos quanto ao percentual de uso da negativa pré-verbal, pois, enquanto a falante C parece ter se acomodado ao padrão carioca, o falante D parece ser aquele que menos sofreu interferência no padrão de negação de seu dialeto de origem. A tabela 27 comprova essas afirmações na medida em que aponta a produção das três variantes negativas na fala de todos os informantes:

Tabela 27: Produção das negativas [não V], [não V não]
e [V não] na fala de cada membro da rede.

	[NÃO V]	**[NÃO V NÃO]**	**[V NÃO]**
Falante A	52/62 = 83%	5/62 = 8%	5/62 = 8%
Falante B	34/40 = 85%	6/40 = 15%	0/40 = 0%
Falante C	66/74 = 89%	5/74 = 6%	3/74 = 4%
Falante D	19/32 = 59%	8/32 = 25%	5/32 = 15%

Com base nas informações acima, podemos sugerir as seguintes escalas para as negativas pré-verbal e pós-verbal, marcadores dialetais dos cariocas e dos cearenses respectivamente:

[não V] = [Falante C > Falante B > Falante A > Falante D]

[V não] = [Falante B < Falante C < Falante A < Falante D]

A relação estabelecida entre as duas variantes e a produção dos falantes é distinta em razão da troca de posição entre os falantes B e C. Essa alternância pode ser justificada pelo tempo de duração de ambas as entrevistas: 19 e 46 minutos, respectivamente. Se o falante B tivesse sido menos objetivo nas respostas dadas às perguntas formuladas pela pesquisadora,

[48] Todos os percentuais das tabelas deste capítulo foram aproximados em casas decimais.

acreditamos que mais sentenças negativas do tipo [não V] poderiam ter sido produzidas. A diferença no tempo das entrevistas (cf. anexo 1), contudo, não influiu nos resultados obtidos, pois todos responderam as mesmas perguntas de modo mais (falantes B e D) ou menos (falantes A e C) objetivo.

Se desconsiderarmos o falante B, é interessante perceber que o aumento na produção da variante pré-verbal entre os migrantes representa, ao mesmo tempo, uma diminuição no uso da negativa pós-verbal, marcador dialetal dos cearenses.

Outra constatação é a de que os resultados mostram que, dos três informantes indicados pela falante A como membros de sua rede social, dois produzem majoritamente a negativa pré-verbal, o que parece tê-la influenciado. É possível notar, ainda sobre a falante A, que a frequência de ocorrência da negativa pós-verbal é o dobro daquela encontrada na entrevista da falante C e quase a metade daquela encontrada na entrevista do falante D. A partir dessas observações, com o objetivo de descrever os contextos linguísticos que atuam sob as variantes de negação e identificar os mecanismos que impulsionam ou reprimem a implementação da acomodação, passaremos agora aos resultados dos fatores de ordem linguística e extralinguística.

No que concerne às variáveis linguísticas consideradas, o *tipo de sujeito*, primeiro grupo de fatores a ser examinado aqui, como já apontado no capítulo 3, parece ser sustentado teoricamente nos postulados do parâmetro pro-drop. A tabela abaixo contém as frequências obtidas:

Tabela 28: Efeito da variável *tipo de sujeito*
sobre as negativas [não V], [não V não] e [V não].

TIPO DE SUJEITO	**[NÃO V]**	**[NÃO V NÃO]**	**[V NÃO]**
Realizado anteposto	69/76 = 90%	7/76 = 9%	0/76 = 0%
Realizado posposto	-	-	-
Nulo referencial	80/102 = 78%	15/102 = 14%	7/102 = 6%
Nulo expletivo	22/30 = 73%	2/30 = 6%	6/30 = 20%

Pesquisas realizadas por Duarte (1993; 1995) apontam para o fato de o PB estar perdendo as características de língua de sujeito nulo com a redução do paradigma verbal,

passando a apresentar um maior índice de sujeitos pronominais preenchidos. Todavia os trabalhos sobre o fenômeno da negação não têm corroborado com essa hipótese. Das 208 ocorrências encontradas neste estudo, 63% (132/208) foram de sujeitos nulos (referenciais e expletivos), enquanto apenas 36% (76/208) foram de sujeitos realizados (antepostos).

Quanto às variantes em estudo, constatamos que a negativa pré-verbal é amplamente favorecida por sujeitos realizado antepostos em relação às demais variantes com frequência de 90%. Todavia uma leitura vertical da segunda coluna da tabela revelou-nos que 59% (102/171) dos 171 dados da construção são de sujeitos nulos (46% de nulos referenciais e 12% de nulos expletivos) e que 40% de sujeitos realizados antepostos ao verbo. Podemos inferir que a maior frequência de sujeitos nulos na negativa [não V] pode estar atrelada à inexistência de dados de sujeito realizado posposto: já houve dados desse fator em Cavalcante (2007) para as variantes [não V] e [não V não]. Contudo, do universo de 2.025 analisados pelo autor, apenas 29 eram de sujeito posposto. Dessa forma, como nosso *corpus* possui um total de 208 dados, é possível admitir que, se a amostra contasse com a inserção de novos dados, o fator poderia aparecer.

A estrutura com dois marcadores negativos e a negativa final, por outro lado, parecem ser mais frequente quando os sujeitos são nulos. Do total de 24 ocorrências da primeira construção, 70% (17/24) são de sujeitos nulos (62% de referenciais e 8% de expletivos), enquanto apenas 29% (7/24) de sujeitos realizados. Já no que diz respeito à segunda, 100% (13/13) das ocorrências estão em contextos cujos sujeitos também são nulos (53% de referenciais e 46% de expletivos).

De modo geral, o fenômeno da negação parece indicar, ao contrário do que alguns autores vêm hipoteticamente apontando, que o PB seria caracterizado como língua [+ pro-drop], isto é, que licencia o sujeito nulo.

Além do *tipo de sujeito*, o fator *tipo de complemento verbal* também evidencia uma oposição entre realização e não-realização de argumentos verbais. Na tabela 29, apresentamos os resultados obtidos por meio da análise de cada um dos quatro fatores desse grupo:

Tabela 29: Efeito da variável *tipo de complemento verbal* sobre as negativas [não V], [não V não] e [V não].

TIPO DE COMPLEMENTO	[NÃO V]	[NÃO V NÃO]	[V NÃO]
Realizado *in situ*	87/100 = 86%	11/100 = 11%	2/100 = 2%
Topicalizado	8/8 = 100%	0/8 = 0%	0/8 = 0%
Não-realizado	73/96 = 76%	12/96 = 12%	11/96 = 11%
Não projetado	3/4 = 75%	1/4 = 25%	0/4 = 0%

Considerando a oposição mencionada, dos 208 dados, 108 apresentam complemento realizado (*in situ* e topicalizado) e 100 apresentam complementos não-realizados e não-projetados. Analisando novamente cada variante de negação, percebemos que 55% (95/171) dos dados de [não V] são em contextos cujos complementos são realizados (50% de realizado *in situ* e 4% topicalizado), evidenciando, assim, um leve favorecimento à realização do sujeito quando a negativa pré-verbal é produzida pelos falantes.

As negativas [não V não] e, em especial, [V não], por outro lado, são favorecidas em contextos cujos complementos não são realizados: 54% (13/24) e 84% (11/13). Cumpre observar que, como em Cavalcante (2007), não houve dados de negativa pós-verbal com complemento topicalizado, o que pode sugerir um possível contexto de restrição, como já havia apontado o autor.

É importante perceber que os dois grupos de fatores apresentados parecem possuir uma relação intrínseca, já que a realização de sujeitos e complementos tende a favorecer a negativa pré-verbal e a não-realização de sujeitos e complementos tende a favorecer a negativa com dois marcadores e a negativa pós-verbal.

O *traço propulsor*, terceira variável linguística analisada, é de natureza psicolinguística e leva em consideração o contexto discursivo da sentença em que as variantes de negação são produzidas. Como se pode observar na tabela 30, o grupo é constituído por dois fatores:

Tabela 30: Efeito da variável *traço propulsor*
sobre as negativas [não V], [não V não] e [V não].

TRAÇO PROPULSOR	[NÃO V]	[NÃO V NÃO]	[V NÃO]
[+ gatilho]	64/91 = 70%	16/91 = 17%	11/91 = 12%
[- gatilho]	107/117 = 91%	8/117 = 6%	2/117 = 1%

As frequências obtidas demonstram um comportamento inverso em relação à negativa pré-verbal e à negativa com dois marcadores e à negativa final. Enquanto a primeira parece sofrer menos influência do traço propulsor, as duas outras variantes apontam tendência contrária, ou seja, mostram-se sensíveis à interferência do traço propulsor.

Como já dissemos no capítulo 3, apesar de a investigação desse grupo de fatores ter sido proposta por Emmerich (1984), outros pesquisadores que não trabalharam com línguas em contato obtiveram excelentes resultados no sentido de confirmar ou infirmar a importância dessa variável no condicionamento de determinado fenômeno.

Nesta pesquisa, o *traço propulsor* parece ser de extrema relevância quando relacionamo-lo à nossa hipótese de que a omissão dos argumentos verbais pode ter a ver com o fato deles já terem sido referidos anteriormente no contexto interacional. Nesse sentido, a hipótese de a realização *versus* a não-realização dos argumentos verbais estar apontando para uma caracterização do PB como língua com parâmetro pro-drop levou-nos à seguinte indagação: o fato de a língua permitir a não-realização dos argumentos verbais pode ter a ver com a possível interferência do traço propulsor?

Na tentativa de confirmar nossa hipótese de que o falante pode retomar apenas o *verbo*, utilizado na fala do entrevistador durante a dinâmica da entrevista, e a *negação* em razão desse fenômeno apontar o PB como uma língua que licencia o sujeito nulo, cujos referentes não estariam preenchidos na sentença, realizamos o cruzamento do *traço propulsor* com os grupos de fatores *tipo de sujeito* e *tipo de complemento verbal*. Apresentamos os resultados desses cruzamentos nas tabelas 31 e 32.

Tabela 31: Resultados do cruzamento entre as variáveis *traço propulsor* e *tipo de sujeito*.

	[NÃO V]	**[NÃO V NÃO]**	**[V NÃO]**	**[NÃO V]**	**[NÃO V NÃO]**	**[V NÃO]**
	[+ Gatilho]			**[- Gatilho]**		
Realizado	23/26 = 88%	3/26 = 12%	-	46/50 = 92%	4/50 = 8%	-
Não-realizado	41/65 = 63%	13/65 = 20%	11/65 = 17%	61/67 = 91%	4/67 = 6%	2/67 = 3%

Tabela 32: Resultados do cruzamento entre as variáveis *traço propulsor* e *tipo de complemento verbal*.

	[NÃO V]	**[NÃO V NÃO]**	**[V NÃO]**	**[NÃO V]**	**[NÃO V NÃO]**	**[V NÃO]**
	[+ Gatilho]			**[- Gatilho]**		
Realizado	28/36 = 78%	6/36 = 17%	2/36 = 6%	67/72 = 93%	5/72 = 7%	-
Não-realizado	36/55 = 65%	10/55 = 18%	9/55 = 16%	40/45 = 89%	3/45 = 7%	2/45 = 4%

Ao observarmos os resultados expostos nas tabelas acima, constatamos que, quanto à negativa pré-verbal, as chances de ocorrer a realização dos argumentos verbais são maiores quando não há gatilho. Já no que concerne à negativa com dois marcadores e à negativa pós-verbal, percebemos, ao contrário, que as chances de ocorrer a não-realização dos argumentos verbais são maiores quando há gatilho, isto é, quando o verbo utilizado na fala do entrevistador é retomado pelo migrante.

Outra observação importante a ser considerada é a de que as negativas [não V não] e [V não] ocorrem de modo semelhante, posto que ambas diferenciam-se da negativa pré-verbal, mas não idêntico. Na negativa pós-verbal, é mais evidente a relação entre a presença de gatilho e a omissão dos argumentos verbais. Nota-se que, das 13 ocorrências dessa estrutura, 11, isto é, 84% ocorrem com gatilho, sendo que não há realização de sujeito e complemento em 9 dados dos 11, o que significa um percentual de 81%.

Feitas essas considerações, propomos, a seguir, um quadro que resume a inter-relação entre os três grupos de fatores analisados até o momento:

Quadro 2: Resumo da atuação dos contextos favorecedores das três variantes de negação em relação às variáveis *traço propulsor*, *tipo de sujeito* e *tipo de complemento verbal*.

TIPO DE NEGATIVA	Favorecida(s) por
[NÃO V]	Ausência de gatilho e Realização dos argumentos verbais
[NÃO V NÃO]	Presença de gatilho e Não-realização dos argumentos verbais
[V NÃO]	

Outra variável linguística analisada é o *tipo de oração*, pois acreditamos que a complexidade sintática oracional pode condicionar o uso que os falantes fazem das três variantes de negação. Como já mencionado no capítulo 3, optamos por analisar oito tipos de oração, como apontam os resultados expostos na tabela abaixo:

Tabela 33: Efeito da variável *tipo de oração*
sobre as negativas [não V], [não V não] e [V não].

TIPO DE ORAÇÃO	[NÃO V]	[NÃO V NÃO]	[V NÃO]
Absoluta	91/123 = 73%	19/123 = 15%	13/123 = 10%
Principal	12/13 = 91%	1/13 = 10%	0/13 = 0%
Coordenada "livre"	9/10 = 90%	1/10 = 10%	0/10 = 0%
Coordenada introduzida por conjunção	18/18 = 100%	0/18 = 0%	0/18 = 0%
Substantiva	10/12 = 83%	2/12 = 16%	0/12 = 0%
Adverbial	10/10 = 100%	0/10 = 0%	0/10 = 0%
Causal/Explicativa	11/12 = 91%	1/12 = 8%	0/12 = 0%
Relativa	10/10 = 100%	0/10 = 0%	0/10 = 0%

Analisando as 44 ocorrências da negativa com orações encaixadas, verificamos que 93% ocorrem com a construção [não V], demonstrando que essas orações favorecem amplamente o uso dessa variante em relação às demais variantes. Cumpre destacar que, apontadas como contexto categórico ao uso dessa construção em Cavalcante (2007), todas as orações adverbiais encontradas em sentenças negativas no nosso *corpus* também ocorreram com a variante pré-verbal.

Entre as sentenças matrizes, por outro lado, constatamos um leve desfavorecimento, posto que há uma queda de 93% (41/44) para 79% (130/164) na presença dessa estrutura. Nossos resultados sobre essas sentenças, diferenciam-se, entretanto, daqueles encontrados por

Cavalcante, já que este autor aponta, dentre as matrizes, como exposto no capítulo 3, as orações absolutas como fortes condicionadoras à presença da negativa pré-verbal. Apesar do leve desfavorecimento apontado, as orações absolutas representam 70% (91/130) dos dados com sentenças matrizes, seguida pela coordenada introduzida por conjunção com 13% (18/130) e pelas orações principais e coordenadas "livres", com 9% (12/130) e 6% (9/130), respectivamente.

As negativas [não V não] e [V não] se comportaram de modo novamente contrário à [não V]. Enquanto a negativa pré-verbal parece ser favorecida por encaixadas, a negativa com dois marcadores e a negativa final parecem estar condicionadas às sentenças matrizes, pois 87,5% (21/24) do total de 24 dados de [não V não] e 100% (13/13) do total de 13 dados de [V não] foram produzidos nesse contexto.

Dessa forma, os resultados apontam para a confirmação das hipóteses lançadas no capítulo 3, demonstrando que a construção pré-verbal é favorecida por encaixadas, enquanto que a negativa pós-verbal só aparece em orações matrizes.

O último fator linguístico a ser analisado é a *realização fonética do "não"pré-verbal*. A realização "num" é exclusiva da partícula pré-verbal, já que sua ocorrência em posição final implica agramaticalidade, como em (33):

(39) *Acredito **num**.[49]

Como vimos no capítulo 3, a alternância entre as formas de realização fonética do marcador negativo pré-verbal já foi discutida tanto no âmbito gerativista quanto funcionalista. A tabela 34 apresenta as frequências encontradas para esse grupo de fatores:

Tabela 34: Efeito da variável *realização fonética do "Não" pré-verbal* sobre as negativas [não V] e [não V não][50].

FORMA FONÉTICA	[NÃO V]	[NÃO V NÃO]
NÃO	74/81 = 91%	7/81 = 8%
NUM	95/112 = 84%	17/112 = 15%

[49] O exemplo (39) foi inventado.

[50] Esse grupo de fatores não se aplica à [V não] dado que não há marcador pré-verbal nessa estrutura.

Mais uma vez, as variantes em análise apresentam comportamento oposto. As frequências indicam que a forma *não* tende a favorecer a negação pré-verbal [não V] e desfavorecer [não V não]. Do total de 24 construções de [não V não], 70% (17/24) dos marcadores pré-verbais são realizados foneticamente como *num*.

A leitura vertical da tabela aponta um leve desfavorecimento de [não V] com a forma *num*, já que a frequência dessa estrutura diminui de 91% para 84%. A construção [não V não], ao contrário, é favorecida pela forma *num*, já que há um aumento de 8% com *não* para 15% com *num*.

Sendo assim, os resultados estão de acordo com a hipótese formulada por Furtado da Cunha (2001) sobre o enfraquecimento do marcador pré-verbal levando à implementação da forma [não V não] e, consequentemente, [V não]. Conforme já mencionado no capítulo 3, a hipótese da autora é bastante próxima dos passos do processo descrito no Ciclo de Jespersen.

As variáveis extralinguísticas são de extrema importância neste trabalho, pois buscamos analisar a rede social do foco (falante A). Quanto à variável *gênero*, estudos sociolinguísticos apontam evidências de que as mulheres tendem a usar menos variantes consideradas estigmatizadas quando comparadas aos homens do mesmo grupo social. Como indicam as frequências apresentadas na tabela 35, nosso trabalho corrobora com essa tendência:

Tabela 35: Efeito da variável *gênero*
sobre as negativas [não V], [não V não] e [V não].

GÊNERO	**[NÃO V]**	**[NÃO V NÃO]**	**[V NÃO]**
Feminino	118/136 = 86%	10/136 = 7%	8/136 = 5%
Masculino	53/72 = 73%	14/72 = 19%	5/72 = 6%

Como podemos perceber, a acomodação à variante pré-verbal, marcador dialetal dos cariocas, foi maior entre as mulheres. Todavia, é preciso lembrar que o falante B é carioca e, por isso, achamos prudente retirá-lo da análise desse grupo de fatores para dar mais transparência aos resultados obtidos. Assim, a tabela abaixo indica as novas frequências:

Tabela 36: Efeito da variável *gênero*
sobre as negativas [não V], [não V não] e [V não] entre os falantes migrados.

GÊNERO	[NÃO V]	[NÃO V NÃO]	[V NÃO]
Feminino	118/136 = 86%	10/136 = 7%	8/136 = 5%
Masculino	19/32 = 59%	8/32 = 25%	5/32 = 15%

De fato, a tabela acima indica com maior clareza a relação entre o gênero dos falantes e as três variantes de negação. As mulheres são as que mais acomodaram como a tabela 26 já demonstrava. Contudo, podemos notar que, com relação à variante pós-verbal, houve um aumento significativo na fala do falante D, o que nos fez refletir sobre a necessidade de investigação de outros grupos de fatores que pudessem esclarecer a direção da acomodação apontada pelo gênero dos informantes, já que o aumento na produção da variante [não V] está implicando diretamente na diminuição do uso da variante [V não] e vice-versa.

Com esse objetivo, passaremos a apresentar os resultados obtidos para outros três grupos de fatores, respectivamente: *escolaridade*, *idade de saída do Ceará* e *grau de convívio com falantes cariocas*.

No que concerne à *escolaridade*, nossa expectativa era a de que quanto maior fossem os anos de escolaridade do informante, maior seria o uso da variante pré-verbal e menor o das variantes com dois marcadores negativos e pós-verbal, já que essas variáveis são consideradas não-padrão, o que faz da escola um agente normativo.

Tabela 37: Efeito da variável *escolaridade*
sobre as negativas [não V], [não V não] e [V não].

ESCOLARIDADE	[NÃO V]	[NÃO V NÃO]	[V NÃO]
Fundamental Incompleto	71/94 = 75%	13/94 = 13%	10/94 = 10%
Ensino Médio	66/74 = 89%	5/74 = 6%	3/74 = 4%
Superior em Andamento	34/40 = 85%	6/40 = 15%	0/40 = 0%

Com base na tabela acima, podemos observar que, de fato, há uma diminuição no uso da variante [V não] com relação ao tempo de permanência na escola: 0%, 4% e 10%. Todavia, há uma pequena diferença percentual entre falantes com ensino médio e ensino superior em andamento quanto ao uso da construção [não V]. Cremos que essa diferença deve-se, mais uma vez, ao tempo de duração da entrevista e ao caráter mais ou menos objetivo dos

informantes, como já apontamos em outro momento do trabalho. Apesar disso, a hipótese proposta foi confirmada, isto é, a *escolaridade* funciona como uma barreira à produção de variantes consideradas não-padrão na língua.

A variante [não V não] também é considerada não-padrão. Os resultados apontados na tabela 37 demonstram que há um aumento da produção dessa variante em relação à diminuição dos anos de escola entre os informantes migrados. Cumpre observar que a frequência de 15% encontrada na fala do informante carioca que possui ensino superior em andamento também era esperada, pois trabalhos (cf. tabela 14) que constituem nosso grupo de controle apontaram resultados semelhantes.

Outra variável importante é a *idade de saída do Ceará*.[51] A idade com que os migrantes deixam sua terra natal também parece ser relevante para a questão da acomodação, como ilustra a tabela abaixo:

Tabela 38: Efeito da variável *idade com que saiu do Ceará*
sobre as negativas [não V], [não V não] e [V não].

SAÍDA DO CE	**[NÃO V]**	**[NÃO V NÃO]**	**[V NÃO]**
Até 25 anos	66/74 = 89%	5/74 = 6%	3/74 = 4%
Mais de 25 anos	71/94 = 75%	13/94 = 13%	10/94 = 10%

Podemos constatar que, como prevíamos, quanto mais jovem o migrante deixa seu Estado, maior é a acomodação linguística ao dialeto da cidade de chegada e vice-versa. Nesse sentido, o marcador dialetal dos cearenses, a negativa [V não], é usada com menos frequência quando os falantes são mais jovens, o que confirma a hipótese postulada por Labov (1972) de que falantes mais novos são mais favoráveis às mudanças linguísticas.

Quanto ao *grau de convívio com falantes cariocas*, observamos uma diferença importante em relação à rede de contato dos falantes em estudo, que contribuiu significativamente para entender as razões pelas quais a falante A se acomodou e o falante D foi aquele que menos acomodou no que diz respeito ao uso da variante pré-verbal.

[51] Os dados produzidos pelo falante B foram excluídos desse grupo de fatores, posto que ele nasceu na cidade do Rio de Janeiro.

Tabela 39: Efeito da variável *grau de convívio com cariocas*
sobre as negativas [não V], [não V não] e [V não].

GRAU DE CONVÍVIO	[NÃO V]	[NÃO V NÃO]	[V NÃO]
Mora e trabalha com nordestinos	19/32 = 59%	8/32 = 25%	5/32 = 15%
Mora e não trabalha com nordestinos	100/114 = 87%	11/114 = 9%	3/114 = 2%

Observando as variantes que são marcadores dialetais dos cariocas e dos cearenses, respectivamente, notamos uma relação inversamente proporcional. Quanto maior é o convívio com cariocas, maior é a frequência de uso da negativa pré-verbal e vice-versa, demonstrando, assim, que a manutenção ou não do contato diário com falantes nordestinos em casa ou no trabalho é bastante relevante para a escolha das variantes.

Os resultados acima sugerem que o fato de os falantes A e D morarem na comunidade da Asa Branca em Curicica, como já mencionado, tem relação com a escolha da variante de negação. A falante C, apesar de também ser moradora de Curicica, não reside na comunidade mencionada, que, como confirma o falante D, pode ser considerada um reduto de migrantes nordestinos:

(40) Doc.: Aqui... aqui próximo do senhor moram mais pessoas que vieram... é... do nordesti... mais pessoas que moram... são moradores que nasceram aqui mesmu na... na cidade do Rio?
Inf.: É ... tem mais, tem mais genti do nordesti aqui (Doc.: do nordesti), do nordesti do que, do que próprio carioca (Doc.: ahã).
Doc.: então o senhor... é um pedacinho do nordesti (Inf.: é) aqui nu ... nu Rio (Inf.: é) podemos dizer assim (Inf.:exatamenti) é isso? (Inf.: é). (AFDCE-001, linhas 132-137)

Conforme Milroy (1980), as redes densas, típicas de comunidades pequenas como é o caso da comunidade Asa Branca em que grande parte dos moradores se conhecem, funcionam como um mecanismo de reforço da norma partilhada entre os falantes de uma comunidade linguística. Os resultados apresentados permitem propor que, quando os laços dessas *redes* permanecem fortes entre os falantes que migram para outra comunidade, a norma partilhada entre eles, na comunidade de origem, tende a ser mantida, ou seja, quando os falantes cearenses moram na cidade do Rio de Janeiro e continuam mantendo contato com nordestinos diariamente, há uma tendência à preservação da variante de negação do dialeto de origem.

Como se vê, a análise da rede social à qual a falante A está ligado parece ser de fundamental importância para a explicação da acomodação ou não à variante pré-verbal.

Embora a manutenção da variante pós-verbal seja um aspecto que aproxima os falantes A e D, há uma clara distinção entre ambos quanto à acomodação da variante pré-verbal, marcador dialetal dos cariocas. Reproduzimos, a seguir, alguns trechos das entrevistas que ajudam a esclarecer a diferença apontada:

(41) Doc.: É: Agora a senhora me disse que a senhora percebe essa diferença. Agora a senhora percebe ou já percebeu alguma diferença no SEU modo de falar desde que a senhora chegou aqui no Rio de Janeiro? A senhora percebe que a senhora falava de um jeito assim que a senhora chegou aqui e conforme o tempo foi passando a senhora percebeu que foi mudando alguma coisa no seu modo de falá?
Inf.: Percebi. (Falante A, AFDCE-002, linhas 181-186)

(42) Doc.: Depois que a senhora chegou aqui no Rio, um tempo depois, né? A senhora sentiu alguma diferença no seu modo de falar?
Inf.: Senti. (Falante C, AFDCE-004, linhas 232-234)

(43) Doc.: (...) O senhor percebeu alguma mudança... no modo do senhor falar, desde que o senhô saiu do Ceará, até o senhor chegá aqui?
Inf.: Não, não.
Doc.: O senhor acha que o senhor fala da mesma maneira de quando o senhor chegou...
Inf.: Não... da mesma manera, da mesma manera ... mesma manera... (Falante D, AFDCE-001, linhas 103-107)

(44) Doc.: Seu pai:: ele é cozinheiro, né?
Inf.: Isso. É. (Falante B, AFDCE-003, linhas 110-111)

(45) Doc.: É:: você acha que trabalhadores que vêm do Nordeste é:: sofrem determinado tipo de preconceito com relação a algumas áreas de trabalho?
Inf.: Sofre sim. É:: até porque a maioria deles são encaixados ou é assim em cozinha, ou é fazendo obra, ou é pintando sempre nas classes um pouco mais baixas, né? Acho mais difícil você encontrá um nordestino, só quem já vô bem instruído, tem uma, tem uma escolaridade boa trabalhando num escritório, num ar-condicionado, numa coisa assim, entendeu? (Falante B, AFDCE-003, linhas 262-267)

(46) Doc.: A senhora acha que essa experiência de trabalhá fora é:: faz falta ou não faz falta?
Inf.: Faz falta.
Doc.: É?
Inf.: Faz muita falta. Eu acho que ela [falante A] teria que tê trabalhado.
Doc.: A senhora acha que isso ajuda em que?
Inf.: Até porque ela ia se desenvolvê mais, entendeu? (Falante C, AFDCE-003, linhas 436-441)

(47) Doc.: E ela [falante C] já é um pouco diferente?

Inf.: Já é diferente. Ela passa a maior parte do trabalho com pessoas da zona sul, cariocas e meu pai não, meu pai o trabalho dele a maioria é nordestinos, se num vô 90%, entendeu?, é nordestino. (...) A maioria é tudo nordestino mesmo e que acaba influenciando. (Falante B, AFDCE-003, linhas 309-313)

(48) Inf.: (...) ela [falante C] fala bem, bem melhor, não traz muita coisa lá do Nordeste, só quando ta perto da gente mesmo, mas assim eu conversando com a minha tia, ela fala normalmente até como se fosse carioca mesmo, não com a mesma gíria é claro, mas acho que ela fala sim, se dá muito bem com o pessoal de lá da zona sul onde ela trabalha tanto que ela tem alguns artistas aí que são colegas dela, às vezes, ela encontra no *shopping*. (Falante B, AFDCE-003, linhas 287-292)

(49) Doc.: E foi uma coincidência trabalhá só na zona sul da cidade?
Inf.: Foi coincidência sim. Só consegui na zona sul. (Falante C, AFDCE-004, linhas 654-655)

(50) Doc.: E:: a gente tava conversando um pouquinho do contato que a senhora tem com os cariocas, porque lá onde a senhora trabalha, a senhora me disse que é vendedora, não sei se eu tô certa, mas acredito que o público que vocês atendem deve sê na sua maioria carioca.
Inf.: Carioca é. Nosso público é muito carioca. (Falante C, AFDCE-004, linhas 185-188)

(51) Doc.: Eles costumam conversá com vocês?
Inf.: Nossos clientes, eles gostam de conversá com a gente.
Doc.: É?
Inf.: Gostam mesmo. Às vezes eles falam, assim, da vida deles, até mesmo dos seus poblemas, desabafam... É:: (Falante C, AFDCE-004, linhas 561-565)

(52) Doc.: Agora a senhora me disse uma coisa que me chamô bastante atenção que eu achei bastante interessante que o fato da senhora dizê que mesmo não tendo nível superior como a senhora disse, né? É:: a senhora acha que a senhora conseguiu se desenvolver nesse sentido por conta do seu trabalho, né?
Inf.: Exatamente. É verdade.
Doc.: É:: como é que a senhora foi percebendo isso? Que a senhora foi... é, é, o que que a senhora sentiu de melhora:: trabalhando lá?
Inf.: Bom, a convivência, né? que a gente tem com os colegas de trabalho, as minhas colegas de trabalho, minha patroa, aí você vai crescendo, o público em si, né?, os clientes, você vai desenvolvendo a mente. (Falante C, AFDCE-004, linhas 528-537)

(53) Doc.: Veio pro Rio e não conheceu, não conheceu carioca? ((risos))
Inf.: Não conheci carioca. Eu quis um paraibano. ((risos))
Doc.: Isso pra mantê um vínculo com Nordeste!
Inf.: Pra mantê o vínculo com Nordeste! Exatamente. (Falante C, AFDCE-004, linhas 484-487)

(54) Doc.: Seu marido, ele faz o que?
Inf.: Ele trabalha com flores. (Falante C, AFDCE-004, linhas 677-678)
(...)
Doc.: Aí que... que, que bom trabalho! Ele trabalha mais perto que a senhora?
Inf.: Ele trabalha em Ipanema, mais longe do que eu. (Falante C, AFDCE-004, linhas 687-688)

(55) Doc.: E eu acho interessante que a escolaridade dos seus pais é menor:: é menor do que a sua?

Inf.: Muito menor.

Doc.: Houve um incentivo por parte deles pra que você estudasse, terminasse o ensino médio, fosse pruma faculdade?

Inf.: Houve sim. E a maioria assim é:: a maioria deles vieram pra cá, né? Tem:: deve tê uns quatro tios e umas quatro tias que estão aqui também e todos os:: os primos, filhos deles, né, tem um nível bom de escolaridade, um vai incentivando o outro. E:: eu tenho uma, uma prima que já tem duas faculdades. Hoje ela é funcionária pública também e eu acho que se essas pessoas tivessem lá, não teriam essa oportunidade, num teriam esse cargo aí que tem hoje. (Falante B, AFDCE-003, linhas 186-194)

(56) Doc.: Você percebe alguma mudança no modo de falar dos seus pais em relação ao seu modo de falar?

Inf.: Ah sim! Com certeza! Demais! Assim até... eles colocam muito as palavras de lá ainda, não as daqui, entendeu? (Falante B, AFDCE-003, linhas 90-93)

(...)

Doc.: Num é isso? Por que que você acha que nesse tempo todo eles não se adaptaram as palavras ao vocabulário do carioca e mantiveram as palavras originais do dialeto deles?

Inf.: Acho que mais o costume deles, né, e também a quantidade de nordestinos que tem aqui, né? Eles se veem, saem, tomam uma cerveja num bar, essas coisas e acabá é:: ficando da mesma forma que era antes, né? Não pega a nossa cultura aqui do Rio, a nossa malícia toda de falá, essa gírias todas... (Falante B, AFDCE-003, linhas 102-107)

(57) Doc.: Agora em casa, quando você tá em casa com quem você mais conversa? Com seu pai ou com a sua mãe?

Inf.: Ah! Acho que mais com a minha mãe. (Falante B, AFDCE-003, linhas 72-74)

Os trechos acima ilustram que o falante D apresenta um convívio mais intenso com migrantes nordestinos com pouca mobilidade social e baixo nível de interação social com cariocas tanto na comunidade quanto no trabalho, o que parece contribuir para a focalização de traços linguísticos, isto é, no caso desta pesquisa, para a manutenção da variante de negação pós-verbal. O local de trabalho desse falante contrata pessoas provenientes dessa comunidade por morar próximo e por ser mão-de-obra mais barata, o que acentua o convívio de D com outros migrantes nordestinos. Além disso, outra informação importante é a de que esse falante, por trabalhar durante a madrugada, descansa boa parte do dia, o que diminui o contato com a esposa (falante A) e com o filho (falante B).

Já a falante A, apesar de nunca ter trabalhado e morar na comunidade de Asa Branca, convive mais com o filho, que é carioca, e com a irmã que, embora também seja cearense e casada com um paraibano, veio mais jovem para o Rio de Janeiro e ascendeu socialmente por meio do trabalho sempre localizado em lojas comerciais na Zona Sul na cidade, o que

contribui para o seu desenvolvimento intelectual, posto que a necessidade de estar sempre em contato com os clientes, em sua maioria cariocas, aponta para a difusão de traços linguísticos, como a acomodação ao padrão de negação carioca. Dessa forma, o aumento da frequência da negação pré-verbal e a manutenção da variante pós-verbal indicam que nem sempre o falante segue rumo à identidade ou rumo ao prestígio; outros fatores parecem influir nesse processo. No caso da falante A, a preservação da identidade é representada pelo uso, ainda frequente, da negativa [V não]. Todavia, essa preservação não bloqueou a acomodação ao padrão de negação carioca.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora seja um universal linguístico, a negação se realiza de formas distintas nas línguas humanas. Especificamente no PB, o fenômeno apresenta, ao mesmo tempo, três padrões negativos distintos, como exemplificado ao longo desta dissertação. Esta pesquisa, que se baseia nos postulados teóricos advindos da Teoria da Acomodação Dialetal, da Teoria da Variação e da Teoria de Redes Sociais, lançou luzes sobre a negação sentencial no PB em contexto de contato dialetal. Ao enfocar a negação sob tal perspectiva, que ainda não tinha sido contemplada em estudos sobre o fenômeno, confirmaram-se as seguintes hipóteses linguísticas postuladas no capítulo 3:

(i) o parâmetro pro-drop parece atuar significativamente na distribuição das negativas no PB, já que a realização dos argumentos verbais (sujeitos e complementos preenchidos) favorece a negativa [não V] e desfavorece as negativas [não V não] e [V não], que aparecem com maior frequência quando os argumentos estão omitidos (sujeitos e complementos nulos);

(ii) aliado à realização *versus* a não-realização dos argumentos verbais, o efeito do *traço propulsor* apontou para a ausência de gatilho em ocorrências cujos argumentos são realizados, favorecendo, portanto, a negativa pré-verbal e para a presença de gatilho em contextos cujos argumentos não são realizados, favorecendo a negativa com dois marcadores e a negativa pós-verbal;

(iii) a negativa pré-verbal parece ser amplamente favorecida em contextos cujas orações são encaixadas;

(iv) a impossibilidade de ocorrência da negativa pós-verbal em sentenças encaixadas de qualquer tipo;

(v) a inexistência de [V não] em complementos topicalizados pode ser um possível contexto de restrição;

(vi) a forma NUM é mais frequente nos dados com a estrutura com dois marcadores negativos;

Quanto à situação de contato investigada, nossos resultados parecem indicar que, mesmo o percentual da negativa padrão sendo superior àquele encontrado em falantes não-migrados, a pouca mobilidade social e a baixa interação social com falantes cariocas dos informantes são barreiras para a diminuição percentual da variante pós-verbal. Nesse sentido Bortoni-Ricardo (2005:88) já havia alertado:

> Se, pelo contrário, o migrante estaciona socialmente, como uma estratégia de sobrevivência, integra-se em redes de densa tessitura, nos bairros periféricos, nas favelas ou invasões. Quando se combinam imobilidade geográfica e imobilidade social, criam-se, ao longo de algumas décadas, condições para uma "focalização" de um dialeto não-padrão, que conserva características do dialeto caipira de origem, mas que, relativamente, está mais próximo da norma de prestígio do que o dialeto rural. Explica-se assim a observação de Labov (1972a:300) de que o declínio das variedades regionais está associado a um crescimento na estratificação vertical das línguas.

No que concerne aos fatores extralinguísticos, foi possível constatar que, como previmos:

(i) as mulheres migrantes tendem a se acomodar mais do que os homens;

(ii) o tempo de permanência na escola parece ser um bom indicador da implementação da acomodação;

(iii) os migrantes que deixam a sua terra natal mais jovens tendem a se acomodar mais rápido;

(iv) a análise da rede social de indivíduos migrados mostrou-se extremamente relevante para a interpretação dos resultados quantitativos das variantes de negação produzidas ao longo das entrevistas, demonstrando que a negação pós-verbal é um marcador dialetal cearense.

É importante ter em vista que as evidências encontradas neste trabalho não podem ser estendidas para a negação sentencial no PB como um todo. Todavia, os dados são confirmados por resultados de pesquisas anteriores, o que possibilita uma segurança maior à generalização das conclusões para o PB. De todo modo, fica evidente a possibilidade de refutação dos resultados em função de pesquisas que sejam realizadas futuramente sobre outras variedades seja na perspectiva do contato entre dialetos ou não.

Além disso, há questões que constituem importante campo de pesquisa ainda em aberto com relação à negação no PB. Nosso *corpus* revelou, por exemplo, dados em que aparece *sim* na mesma posição do *não* na negação pós-verbal (cf. anexo 3), como:

(58) Doc.: (...) A senhora a percebe que ele trata diferente?
Inf.: Trata **sim**. (AFDCE-001, linhas 158-159)

(59) Doc.: É, faltava muita coisa?
Inf.: Faltavam **sim**... (AFDCE-002, linhas 24-25)

(60) Doc.: Então era muito difícil pra vocês...
Inf.: É, era difícil...
Doc.: viverem naquela localidade?
Inf.: Era **sim**. (AFDCE-002, linhas 81-82)

Todavia parece que, em todos os casos, o *sim* poderia ser retirado sem resultar numa sentença agramatical, cuja afirmação já está presente. No caso do *não*, nem sempre a negativa está presente e há necessidade do *não* pós-verbal para que a sentença se torne negativa. Dessa forma, cremos que o estudo de orações assertivas pode contribuir para a descrição estrutural das variantes negativas analisadas desde que seja feita uma comparação entre os contextos de uso de uma oração afirmativa, que contenha um *sim* após o verbo e de uma oração negativa pós-verbal.

Além disso, é possível que outras pesquisas investiguem o traço propulsor por meio da variável *paralelismo*. Neste estudo, como não investigamos os contextos de uso de sentenças afirmativas, bem como proposto acima, não foi possível controlar esse grupo de fatores. Com base em Scherre (1988), podemos postular que negação leva a negação e afirmação leva a afirmação, como nos exemplos:

(61) Doc.: Bom, a senhora já disse então que gosta de trabalhá. E o que que a senhora não gosta de fazê?
Inf.: O que que eu **não** gosto de fazer? Na verdade?
Doc.: Isso.
Inf.: Eu... cozinhá. Comê bem eu gosto, mas eu **não** gosto de cozinhá. (AFDCE-004, linhas 80-84)

(62) Doc.: É! Agora lá onde a senhora trabalha, assim, imagino eu, que devam ter clientes que frequentam mais vezes do que outros, né? que às vezes a senhora encontra com mais frequência...
Inf.: Tenho **sim**. (AFDCE-004, linhas 557-560)

Os resultados obtidos com a variável *traço propulsor* ainda chamaram nossa atenção para estudos que contemplem o *status* informacional da sentença, cuja importância para os contextos de uso das variantes de negação já foi apontada por Schwenter (2004:1452), com base na distinção entre entidades evocadas, novas e inferíveis (cf. PRINCE, 1981).

A atuação dos aspectos sociais no uso das negativas, por sua vez, ainda carece de uma investigação mais profunda, embora tenha ficado evidente que a força explanatória da análise das redes sociais aos quais os indivíduos estão ligados revela aspectos importantes na descrição dos aspectos estruturais observados na análise de cunho quantitativo. No caso desta pesquisa especificamente, o conhecimento da rede social a qual a falante A acha-se atrelada foi de fundamental importância para o entendimento do aumento da frequência de negação pré-verbal e da manutenção da negativa pós-verbal.

Embora este trabalho não tenha tido a preocupação de discorrer sobre a origem das variantes [não V não] e [V não] em nossa língua, estudos que levem em consideração uma análise qualitativa do fenômeno podem lançar luzes sobre o processo de reanálise que deu origem a essas construções, em função da hipótese do contato linguístico na formação do PB, e sugerir quais os rumos da negação no PB.

REFERÊNCIAS

ADANT, J. Difusão dialetal: o caso dos alagoanos em Brasília. In: TARALLO, F (org.). **Fotografias Sociolingüísticas**. Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1989, p. 181-197.

ALKMIM, M. G. R. **As negativas sentenciais no dialeto mineiro: uma abordagem variacionista**. Tese de Doutorado em Linguística. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

ALVES, A. P. M. **Um estudo sociolingüístico da variação sintática presença/ausência de artigo definido diante de antropônimos na fala dos jovens de Barra Longa/MG que residem em Belo Horizonte**. Dissertação de Mestrado em Linguística. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

AUER, P., HINSKENS, F. & KERSWILL, P. The study of dialect convergence and divergence: conceptual and methodological considerations. In: AUER, P., HINSKENS, F. & KERSWILL, P. (eds.). ***Dialect change: Convergence and divergence in European languages***. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, p. 1-48.

BORTONE, M. E. Comunicação interdialetal: um retrato de diversidades culturais. In: MAGALHÃES, M. I. (org.) **As múltiplas faces da linguagem**. Brasília: Editora UnB, 1996, p. 387-399.

BORTONI-RICARDO, S. M. O paradigma de redes sociais para a análise qualitativa. In: BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor-pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008, p. 121-128.

_____. **Nós Cheguemu na Escola, e Agora?: Sociolingüística & Educação**. São Paulo: Parábola, 2005.

_____. A migração rural-urbana no Brasil: uma análise sociolingüística. In: TARALLO, F (org.). **Fotografias Sociolingüísticas**. Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1989, p. 167-180.

_____. **The urbanization of rural dialect speakers: a sociolinguistic study in Brazil**. New York: Cambridge University Press, 1985.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

BRAGA, M. L. Construção de Tópico de Discurso. In: NARO, A. J. Relatório Final (FINEP) **Subsídios Sociolingüísticos à Educação**, 1986, p. 393-453.

BRAGA, M. L. & MOLLICA, M. C. de M. Marcas Segmentais e/ou Supra-segmentais entre o Sujeito e o Predicado e sua Função Discursiva. In: **O Histórico e o Discurso**. Uberaba, Série Estudos, 12, 1986.

CAVALCANTE, R. **A negação pós-verbal no português brasileiro: análise descritiva e teórica de dialetos rurais de afro-descendentes**. Dissertação de Mestrado. Salvador: UFBA, 2007.

CHAMBERS, J.K **Sociolinguistic Theory**. Oxford/Cambridge: Blackwell, 1995.

CHOMSKY, Noam. ***Lectures on Government and Binding***. 2a edição (1982). Dordrecht: Foris, 1981.

_____. **Reflections on language**. New York: Pantheon, 1975.

CUNHA, C. & CINTRA, L. F. L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

CYRINO, S. M. L. **The pro-drop parameter and second language acquisition**. Dissertação de Mestrado. University of Iowa: USA, May 1986.

_____. **O objeto nulo no português do Brasil:** um estudo sintático-diacrônico**.** Londrina: UEL, 1997.

DUARTE, M. E. L. **A perda do princípio "evite o pronome" no Português Brasileiro**. Tese de Doutorado em Linguística. Campinas: UNICAMP, 1995.

_____. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, I. & KATO, M. A. (Org.) **Português brasileiro:** uma viagem diacrônica. Campinas: Unicamp, 1993.

DRYER, Matthew S. Negative morphemes. In: **The World Atlas of Language Structures**, edited by Martin Haspelmath, Matthew S. Dryer, David Gil, and Bernard Comrie. Oxford University Press, 2005. Disponível em <http://linguistics.buffalo.edu/people/faculty/dryer/dryer/dryer.htm>, acessado em 07/06/2007.

FERRARI, L. Variação Lingüística e Redes Sociais no Morro dos Caboclos, RJ. Tese de Doutorado em Linguística. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

FIGUEIREDO SILVA, M. C. **A posição sujeito no português brasileiro:** frases finitas e infinitivas. Campinas: Unicamp, 1996.

FURTADO DA CUNHA, M. A. O modelo das motivações competidoras no domínio funcional da negação. **DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**, São Paulo, v. 17, n° 1, 2001, p. 1-30.

_____. A negação no português: uma perspectiva pancrônica. FURTADO DA CUNHA, M. A (org.). In: **Procedimentos discursivos na fala de Natal: uma abordagem funcionalista**. Natal: EDUFRN, 2000a, p. 11-48.

_____. Variação e mudança no domínio funcional da negação. **Gragoatá**, Niterói, nº 9, 2º sem., 2000b, p. 155-170.

ECKERT, P. **Linguistic Variation as social practice**. Oxford: Blackwell, 2000.

_____. "(ay) goes to the city – Exploring the expressive use of variation" In: GUY, G.R., C. FEAGIN, D. SCHINFRIN & BAUGH (orgs.) **Towards a social science of Language – Papers in honor of William Labov Vol. I: Variation and Change in**

Language and Society. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1996, p. 47-68.

ECKERT, P. and MCCONNELL-GINET, S. *Language and Gender.* New York: Cambridge University Press, 2003.

EMMERICH, C. **A Língua de Contato no Alto Xingu: origem, forma, função**. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1984.

_____. Um Traço Propulsor numa Língua de Contato. In: **Encontro Nacional de Lingüística**, 2º, Rio de Janeiro: PUC, 1977, p. 393-399.

GAL, S. **Language Shift: Social Determinants of Linguistic Change in Bilingual Austria**. New York, Academic Press, 1979.

GILES, H. Accommodation Theory: Some New Directions. **York Papers in Linguistics**, vol. 9, 1980, p. 105-136.

GILES, H. & SMITH, P. M. Accommodation Theory: Optimal levels of Convergence. In: GILES, H. & ST. CLAIR, R. (orgs.). **Language and Social Psychology**. Oxford: Basil Blackwell, 1979.

GILES, H. **Language, Ethnicity and Intergroup Relations**. London: Academic Press, 1977.

GILES, H. & POWESLAND, P. F. Speech Style and Perceived Status: Some Conceptual Distinctions. In: GILES, H. & POWESLAND, P. F. (orgs.) **Speech Style and Social Evaluation**. London: Academic Press, 1975.

GILES, H.; TAYLOR, D.; BOURHIS, R. Towards a theory of interpersonal accommodation through speech: some Canadian data. **Language in society 2**, 1973, p. 177-192.

GOFFMAN, E. **Forms of talk**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1981.

GONÇALVES, S. C. L. **PROJETO ALIP (AMOSTRA LINGÜÍSTICA DO INTERIOR PAULISTA)**. (inédito). Trabalho submetido à publicação no livro resultante do XI Simpósio Internacional de Letras e Lingüística, realizado na Universidade Federal de Uberlândia, 2006.

GUMPERZ, J. The speech community. In: GIGLIOLI, P. (org.). *Language and social context*. London: Penguin Books, 1972. p. 219-231.

GUMPERZ, J. e LEVINSON, S. *Rethinking linguistic relativity*. Cambridge: University Press, 1996.

HAEGEMAN, L. **Introduction to government and binding theory**. USA: Blackwell Publishers Ltda, 1999.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico de 2000: migração e deslocamento**. Rio de Janeiro: IBGE, 2003.

JESPERSEN, O. **Negation in English and other Languages**. Copenhagem: A.F. Host & Son, 1917.

KELLER, R. **On language change: the invisible hand in language**. Routledge: London, 1994.

KERSWILL, P. Migration and language. In: MATTHEIER, Klaus, AMMON, Ulrich & TRUDGILL, Peter (eds.) **Sociolinguistics/Soziolinguistik. An international handbook of the science of language and society**, 2nd edn., Vol 3. Berlin: De Gruyter, 2006, p. 1-27.

LABOV, W. **Padrões Sociolingüísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. 392 p. Título original: **Sociolinguistic patterns**.

_____. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: Pennsylvania University Press, 1972.

_____. **Where Does the Linguistic Variable Stop? A Response to Beatriz Lavandera.** Working paper in sociolinguistics. Austin - Texas, Southwest Educational development Laboratory, 1978.

_____. **The Social Stratification of English in New York City**. Washington, D. C.: Center for Applied Linguistics, 1966.

LANDIN, D. **An outline of the syntatic structure of Karitiana sentences**. Série Lingüística II, 1984, p. 219-254.

LAVANDERA, Beatriz. Where does the sociolinguistic variable stop? In: **Language in Society**, 1978, p. 171-182.

LE PAGE, R. B. Projection, Focusing and Diffusion. **York Paper in Linguistics**. Vol. 9, 1980, p. 9-31.

LEMLE, M. & NARO, A J. **Competências básicas do Português**. Rio de Janeiro: Mobral/Fundação Ford, 1977.

MACEDO, A. V. T. de. **O Uso do Futuro do Subjuntivo em Português: regularização de uma forma verbal**. Tese de Doutorado em Linguística. Rio de Janeiro: UFRJ, 1981.

MARTINS, M. de S. **A palatalização de oclusivas dentais em contato dialetal**. Dissertação de Mestrado em Linguística. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

MARQUES, S. M. O. **As vogais médias pretônicas em situação de contato dialetal**. Tese de Doutorado em Linguística. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

MATA, A. C. A variável da negação na comunidade de João Pessoa. IN: SOARES, M. E.; ARAGÃO, M (orgs.). IN: XVI Jornada de Estudos Lingüísticos. **Anais**. Fortaleza: UFC/GELNE, 1999, p. 344-347.

MIOTO, C. **Negação sentencial no português brasileiro e a teoria da gramática**. Tese de Doutorado em Linguística. Campinas: UNICAMP, 1991.

MILROY, L. **Language and social networks**. Oxford: Blackwell, 1980.

MILROY, L. & MARGRAIN, S. **Vernacular language loyalty and social network**, 1980.

MODESTO, M. Null Subjects Without "Rich Agreement". In: KATO, M. A. & NEGRÂO, E. V. (Eds). **Brazilian portuguese and the null subject parameter**. [sl]: Iberoamericana, 2000.

MOLLICA, M. C. de M. Alguns Fatores da Pausa entre Sujeito e Verbo. In: **Boletim da ABRALIN**, n° 6, 1984.

_____. Os Supra-segmentos na Fronteira SN1/SV: principais causas e funções. In: NARO, A. J. Relatório Final (FINEP) **Subsídios Sociolingüísticos à Educação**, 1986, p. 356-392.

MOLLICA, M. C. de M. & BRAGA, M. L. (orgs). **Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003.

NARO. A. J. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, M. C. de M. & BRAGA, M. L. (orgs). **Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003, p. 15-25.

NEGRÃO, E. V. & MÜLLER, A. L. As mudanças no sistema pronominal do português brasileiro: substituição ou especialização de formas? **D.E.L.T.A.**, **12**(1): 125-152, 1996.

OLIVEIRA E SILVA, G. M. de. Coleta de dados. In: MOLLICA, M. C. de M. & BRAGA, M. L. (orgs). **Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003, p. 117-133.

OMENA, N. P. de. A Referência Variável da Primeira Pessoa do Discurso no Plural. In: NARO, A. J. Relatório Final (FINEP) **Subsídios Sociolingüísticos à Educação**, 1986, p. 286-318.

PAREDES SILVA, V. L. P. **Cartas Cariocas: A variação do sujeito na escrita informal**. Tese de Doutorado em Linguística. Rio de Janeiro: UFRJ, 1988.

PERINI, M. A. **Princípios de lingüística descritiva: introdução ao pensamento gramatical**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

PRINCE, E. Toward a taxonomy of given-new information. IN: COLE, P. (Ed.). **Radical Pragmatics**. Academic Press, New York, 1981:223-255.

RAMOS, J. A alternância "não" e "num" no dialeto mineiro: um caso de mudança linguística. In: RAMOS, J. & COHEN, M. A. (orgs.). **Dialeto mineiro e outras falas: estudos de variação e mudança lingüística**. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

RAND, D. & SANKOFF, David. **GoldVarb version 2**. Centre de recherches mathématiques, Université de Montréal, 2001.

RAPOSO, E. P. **Teoria da gramática:** a Faculdade da Linguagem. Lisboa: Caminho, 1992.

ROCHA LIMA, C. H. da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 43ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

RONCARATI, C. N. S.. A negação no português falado. IN: MACEDO, A. T.; RONCARATI, C. N. S.; MOLLICA, M. C. M. (orgs.). **Variação e Discurso**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, p. 97-112.

_____. **As negativas na fala cearense**. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, v. 2, 175fls, 1988.

SCHERRE, M. M. P. Pressupostos Teóricos e suporte quantitativo. In: SCHERRE, M. M. P. & OLIVEIRA e SILVA, G. M. de. ***Padrões Sociolingüísticos*** – Análise de fenômenos variáveis do Português falado na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

_____. **Reanálise da Concordância Nominal e Português**. Tese de Doutorado em Linguística. UFRJ, Rio de Janeiro, 1988.

SCHERRE, M. M. P. & NARO, A. J. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. In: MOLLICA, M. C. de M. & BRAGA, M. L. (orgs). **Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003, p. 117-133.

SEVERO, C. G. A questão da identidade e o *locus* da variação/mudança em diferentes abordagens sociolingüísticas. **REVISTA LETRA MAGNA: Revista Eletrônica de divulgação Científica em Língua Portuguesa, Lingüística e literatura**. Ano 04, n° 07, 2º semestre de 2007. Disponível em <www. >, acessado em 17 out. 2008.

SIEGEL, J. Spreading the word: Fijian missionaries in the New Guinea Islands. In D.C. Laycock and W. Winter (eds). **A world of languages: papers presented to Professor S.A. Wurm on his 65th birthday**. Canberra: Pacific Linguistics, 1987.

_____. Koines and koineization. **Language in Society** 14/3, 1985, p. 357-378.

SILVA-CORVALÁN, C. **Sociolingüística: teoría y análisis**. Madrid: Alhambra, 1989.

SOUSA, A. S. **As estruturas de negação em uma comunidade rural afro-brasileira**. abr. 2004. Disponível em <www.vertentes.ufba.br/souza.doc>, acessado em 12 mar. 2007.

SCHUTZ, A. **The Phenomenology of the Social World**. Evanston: Northwestern University Press, 1967.

SCHWEGLER, A. Predicate negation in contemporary Brazilian Portuguese: a change in progress. **Orbis 34**, 1991, p. 187-214.

_____. Predicate Negation and word-order change - A problem of multiple causation. **Lingua** 61, 1983, p. 297-334.

SCHWENTER, S. A. The pragmatics of negation in Brazilian Portuguese. **Lingua**, v. 115, out. 2005. Disponível em < http.//www.sciencedirect.com>, acessado em 18 jul. 2006.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolingüística**. São Paulo: Ática, 2003.

_____. **Tempos Lingüísticos**. São Paulo: Ática, 1990.

TRUDGILL, P. **Dialects in contact**. Oxford: Blackwell, 1986.

VITRAL, L. A negação: teoria da checagem e mudança linguística. **DELTA**, v. 15, n° 1, 1999.

VOTRE, S. J. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, M. C. de M. & BRAGA, M. L. (orgs). **Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003, p. 51-57.

WEINREICH, U. Is Structural Dialectology Possible? **Word 10**, 1954, p. 388-400.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos Empíricos para uma teoria da mudança lingüística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. 152 p. Título original: Empirical foundations for a theory of language change.

_____. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMANN, W., MALKIEL, Y. **Directions for historical linguistics**. Austin: University of Texas Press, 1968, p. 97-187.

Livros Grátis

(http://www.livrosgratis.com.br)

Milhares de Livros para Download:

Baixar livros de Administração
Baixar livros de Agronomia
Baixar livros de Arquitetura
Baixar livros de Artes
Baixar livros de Astronomia
Baixar livros de Biologia Geral
Baixar livros de Ciência da Computação
Baixar livros de Ciência da Informação
Baixar livros de Ciência Política
Baixar livros de Ciências da Saúde
Baixar livros de Comunicação
Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE
Baixar livros de Defesa civil
Baixar livros de Direito
Baixar livros de Direitos humanos
Baixar livros de Economia
Baixar livros de Economia Doméstica
Baixar livros de Educação
Baixar livros de Educação - Trânsito
Baixar livros de Educação Física
Baixar livros de Engenharia Aeroespacial
Baixar livros de Farmácia
Baixar livros de Filosofia
Baixar livros de Física
Baixar livros de Geociências
Baixar livros de Geografia
Baixar livros de História
Baixar livros de Línguas

Baixar livros de Literatura
Baixar livros de Literatura de Cordel
Baixar livros de Literatura Infantil
Baixar livros de Matemática
Baixar livros de Medicina
Baixar livros de Medicina Veterinária
Baixar livros de Meio Ambiente
Baixar livros de Meteorologia
Baixar Monografias e TCC
Baixar livros Multidisciplinar
Baixar livros de Música
Baixar livros de Psicologia
Baixar livros de Química
Baixar livros de Saúde Coletiva
Baixar livros de Serviço Social
Baixar livros de Sociologia
Baixar livros de Teologia
Baixar livros de Trabalho
Baixar livros de Turismo